



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE  
DO PARANÁ**

***Campus Cornélio Procópio***

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO**

---

**CAROLINE ALFIERI MASSAN**

**OFICINAS DE SEXUALIDADE:  
UMA METODOLOGIA DE ENSINO DE EDUCAÇÃO SEXUAL  
PARA ALUNOS E ALUNAS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CAROLINE ALFIERI MASSAN

**OFICINAS DE SEXUALIDADE:**  
UMA METODOLOGIA DE ENSINO DE EDUCAÇÃO SEXUAL  
PARA ALUNOS E ALUNAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação (versão de defesa) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Norte do Paraná – *Campus* Cornélio Procópio, como requisito à obtenção do título de Mestre em Ensino.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Priscila Carozza Frasson Costa

Ficha catalográfica elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UENP

MM414o Massan, Caroline Alfieri  
Oficinas de Sexualidade: uma metodologia de  
Ensino de Educação Sexual para alunos e alunas do  
ensino fundamental / Caroline Alfieri Massan;  
orientadora Priscila Carozza Frasson-Costa -  
Cornélio Procópio, 2019.  
114 p.

Dissertação (Mestrado em Ensino) - Universidade  
Estadual do Norte do Paraná, Centro de Ciências  
Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em  
Ensino, 2019.

1. Oficinas Temáticas . 2. Educação Sexual. 3.  
Sexualidade. I. Frasson-Costa, Priscila Carozza ,  
orient. II. Título.

CAROLINE ALFIERI MASSAN

**OFICINAS DE SEXUALIDADE:**  
UMA METODOLOGIA DE ENSINO DE EDUCAÇÃO SEXUAL  
PARA ALUNOS E ALUNAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação (versão de defesa) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Norte do Paraná – *Campus* Cornélio Procópio, como requisito à obtenção do título de Mestre em Ensino.

Após realização de Defesa Pública o trabalho foi considerado:

---

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Priscila Carozza Frasson Costa  
Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

---

Prof(a). Dr(a). Mary Neide Damico Figueiró  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof(a). Dr(a). Marília Bazan  
Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

Cornélio Procópio, 06 de dezembro de 2019.

Dedico este trabalho à mulher mais incrível que eu conheci! Guerreira, batalhadora, forte, mãe! (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu agradeço a Deus por todas as bênçãos recebidas.

Estendo o agradecimento ao meu anjinho do céu, minha mãe, Lucilene Ruivo Alfieri Massan (*in memoriam*), por todos os ensinamentos, todo o puxão de orelha, todo abraço, carinho, noites sem dormir. Ainda que não esteja presente fisicamente, foi uma das maiores inspirações e porto seguro durante todo esse trajeto. Cada vitória foi para ela e por ela! Ela sabe disso. E onde quer que esteja, está feliz e festejando junto comigo por mais essa conquista. Te amo, rainha!

Ao meu pai, João Carlos Massan, aos meus irmãos: João Carlos Alfieri Massan e Isabela Alfieri Massan e minha cunhada Evelyn Martins, por segurarem a barra comigo, e por estarem tão presentes em minha vida. Amo a todos vocês!

Ao meu namorado, Francisco Nivaldo Marques Filho, por aguentar meus choros e minhas TPMs, por cuidar, entender e acreditar em mim, mesmo quando eu duvidava que seria capaz. Toda a forma como esteve presente, os carinhos, os abraços, o colo foram fundamentais para que eu permanecesse confiante e continuasse com minhas pesquisas. Amo você, vida!

Agradecimento especial à minha orientadora, Dra. Priscila Carozza Frasson Costa, por acreditar em mim e em meu trabalho, por toda ajuda, auxílio e orientação, sempre pronta e presente em todos os momentos. Agradeço pelo convite e desafio de trabalhar com a Educação Sexual, uma área pela qual eu me apaixonei. Incrível o ganho pessoal e profissional com o desenvolvimento dessa pesquisa. Obrigada!

Não poderia deixar de agradecer à minha parceira, amiga de orientação, pessoa que Deus colocou no meu caminho, Juliete Poss Asano, por toda parceria, cumplicidade, por aguentar meus desabafos, e por confiar a mim os seus. Gratidão por tudo.

À minha família, por todo o incentivo. Aos meus tios tão queridos, Hilce Massan Boiça e Adolfo Boiça Moinhos, por me acolherem em sua casa e cuidarem de mim como filha. A Maria Ida Lima, prima, por toda a ajuda no processo

de seleção, por confiar no meu potencial e estar presente na aplicação do meu produto educacional.

A todos os amigos, dos quais não citarei nomes para não esquecer de ninguém, quero que saibam que toda ajuda, incentivo e ombro amigo foram essenciais para eu chegar até aqui.

Gostaria de agradecer também a todos os colegas da III turma do PPGEN, e aos integrantes das turmas anteriores, de modo especial a Daniele Peres, que com muita prontidão fez meu logo do Produto. Ao pessoal da secretaria do Mestrado (Dani, Thaynara, Milena), a todos os professores do programa, especialmente àqueles que eu tive um contato maior durante as disciplinas (Lucken, Simone, João Coelho, Rudolph e Poletto) por compartilharem conosco seus conhecimentos, os quais foram fundamentais no encaminhamento e desenvolvimento dos nossos passos.

À Escola Estadual Major João Carlos de Faria, em especial a Adriane Nietto, por aceitarem que eu desenvolvesse minhas pesquisas, sempre dispostos a ajudarem no que fosse preciso. Agradeço aos professores que colaboraram com as entrevistas, aos alunos que participaram das oficinas, as quais se tornaram momentos enriquecedores para mim, tanto pessoal como profissionalmente, onde pude contribuir, ajudando e esclarecendo suas dúvidas.

Às Doutoradas Mary Neide Figueiró e Marília Bazan, por todas as contribuições enriquecedoras. O prazer em tê-las em minha banca foi algo inesplicável, são duas pessoas que eu admiro muito e que realizam trabalhos que realmente fazem a diferença. Gratidão por aceitarem nosso convite.

Aos integrantes do GEPEFOP, pelas contribuições às minhas pesquisas, as quais foram fundamentais nos detalhes, para que o nosso produto pudesse ficar exatamente como havíamos planejado.

Por fim, agradeço às meninas do NPEA: Juliete, Evelin, Carol e Val, por todas as contribuições e dicas para a elaboração deste trabalho. Muito obrigada.

Está vitória não é só minha, essa vitória é de todos nós!

A sexualidade, enquanto possibilidade e alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exige de nós essa volta crítico - amorosa, essa busca de saber do nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo se nos fechamos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo, ou se os tratamos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente.

Paulo Freire (1993 *apud* FIGUEIRÓ, 2010)

MASSAN, Caroline Alfieri. **Oficinas de Sexualidade**: uma metodologia de ensino de educação sexual para alunos e alunas do ensino fundamental. 2019. 114 p. Versão para a defesa (Mestrado Profissional em Ensino) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio, 2019.

## RESUMO

A pesquisa apresentada nesta dissertação tem como premissa o ensino de Educação Sexual (ES) e Sexualidade no ambiente escolar, e considera a proposta de uma metodologia intitulada Sequência de Oficinas, para ser utilizada na abordagem da temática com alunos em sala de aula. Assim, o objetivo do trabalho foi elaborar e promover a intervenção de uma Sequência de Oficinas para adolescentes de nono ano de uma escola estadual do município de Cornélio Procópio, Paraná, sobre a temática de Educação Sexual (ES) e Sexualidade. As oficinas aconteceram em 4 encontros, com duração de 2 horas cada, e foram realizadas em período extraclasse. Para coleta de dados, entrevistas semiestruturadas foram realizadas com os professores das turmas dos nonos anos e com os dez estudantes participantes da pesquisa. Também se fez uso do “Correio Vai e Vem” e diário de bordo. Por meio das entrevistas e intervenção das oficinas, foi possível verificar a urgência na abordagem da temática com os estudantes e na escola, uma vez que episódios relacionados à ES e Sexualidade são frequentes, e ainda há dificuldade dos gestores escolares em discutir, refletir, informar e ensinar sobre os conhecimentos científicos relacionados a estas questões. Após as análises dos dados, verificou-se que os professores reconhecem a importância da abordagem da temática. Entretanto, sobressaltam evidências de despreparo e desinformação científica. Os resultados da pesquisa estão dispostos em quatro categorias, sendo elas: 1) A escola como local de disseminação de conhecimentos científicos da ES, 2) Papel do professor como Educador Sexual, 3) Conhecimentos sobre ES e Sexualidade, e 4) Eficiência das Oficinas quanto a concepção dos conhecimentos científicos veiculados. A pesquisa evidencia a importância e a necessidade em abordar as questões da temática na escola, com o intuito de tornar os educandos sujeitos da sua própria sexualidade e conhecedores do seu corpo e suas transformações, dos cuidados com a saúde, dos cuidados preventivos contra infecções sexualmente transmissíveis (IST) e gravidez precoce. Ela também vislumbra a relevância das transformações sociais, que requerem um ensino de ES e Sexualidade por meio de uma Abordagem Emancipatória da Educação Sexual.

**Palavras-chave:** Oficinas Temáticas. Educação Sexual. Sexualidade.

MASSAN, Caroline Alfieri. **Workshops on Sexuality**: a teaching methodology on sexual education to elementary students. 2019. 114 p. Version to dissertation defense (Professional Masters in Teaching) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio, 2019.

## ABSTRACT

This research is based on the teaching of Sexual Education (SE) and Sexuality at schools, and it has as proposal the methodology entitled Sequence of Workshops, which is used on the approach of these themes with students in the classroom. Thus, this work aimed to elaborate and to promote the intervention of a Sequence of Workshops to adolescents on the 9<sup>th</sup> grade from elementary school from a state school in the municipality of Cornélio Procópio, Paraná State, about Sexual Education (SE) and Sexuality. The workshops happened in 4 meetings, which lasted 2 hours each one, and they were during out-of-class time. Semi-structured interviews with the research participant students and with their teachers were done in order to collect data. Logbook as well as “Come and Go Post” were also used on data collection. It was possible to verify, through the interviews and through the workshops intervention, that there is an urgency need to approach the theme about SE and sexuality with the students and at school, since situations related to these themes are frequent and yet there is a great difficulty encountered by the school managers in discussing, reflecting, informing and teaching about the scientific knowledge related to these subjects. After data analysis, it was possible to verify the teachers have understood the importance of the theme approach. However, there are evidences that show a lack of preparation and also of scientific information by the teachers. The results of the research are arranged in four categories, including: 1) The school as a place of dissemination of scientific knowledge of ES, 3) Role of the teacher as a Sexual Educator, 4) Efficiency of workshops on the design of scientific knowledge disseminated. This research highlights the importance and the necessity of approaching issues related to SE and sexuality at schools with the aim of making the educators subjects of their own sexuality and also make them know about their bodies and their transformations, as well as about health care, preventive care against sexually transmitted infections (STI) and early pregnancy. This work also glimpses the relevance of social transformations, which requires the teaching of SE and sexuality through an Emancipatory Approach of the Sexual Education.

**Keywords:** Thematic Workshops. Sexual Education. Sexuality.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1** - Figura geral com todas as categorias e suas respectivas unidades. ....70

## LISTA DE TABELAS

**Tabela 1** - Revistas elencadas na busca inicial da RSL. ....43

**Tabela 2** - Informações quantitativas dos periódicos pesquisados, na área de Ensino/Educação em Ciências.....44

**Tabela 3** - Informações quantitativas dos anais de eventos pesquisados, na área de Ensino/Educação em Ciências.....46

**Tabela 4** - Número de Alunos por Turma – Ano Letivo 2018.....57

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Informações quantitativas de Teses e Dissertações obtidos nas análises do BDTD (análise 1).....	49
<b>Quadro 2</b> - Informações quantitativas de Teses e Dissertações obtidos nas análises do BDTD (análise 2).....	51
<b>Quadro 03</b> - Apresentação das Oficinas de Sexualidade. ....	63
<b>Quadro 04</b> - Etapas do referencial de análise e contextualizações. ....	66
<b>Quadro 05</b> – Categorias de análise .....	71
<b>Quadro 06</b> - Resultados categorizados da entrevista dos professores quando questionados se a escola proporciona momentos de aprendizagem de conhecimentos a respeito da ES.....	75
<b>Quadro 07</b> - Resultados categorizados da entrevista dos professores quando questionados sobre seu papel como educador sexual.....	80
<b>Quadro 08</b> - Resultados categorizados da entrevista dos alunos quando questionados sobre o que é sexualidade. ....	85
<b>Quadro 09</b> – “Correio Vai e Vem” para avaliação da eficiência das oficinas. ....	87

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABRAPEC	Associação Brasileira de Pesquisa em Educação e Ciências
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ATD	Análise Textual Discursiva
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior
CCP	<i>Campus</i> Cornélio Procópio
CEB	Câmara da Educação Básica
CNE	Conselho Nacional de Educação
CONIEN	Congresso Internacional de Ensino
DCE	Diretrizes Curriculares Estaduais
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DED	Departamento de diversidades
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
EF	Ensino Fundamental
EI	Educação Infantil
EM	Ensino Médio
ENPEC	Encontro Nacional de Pesquisas em Educação em Ciências
ES	Educação Sexual
ESP	Escola sem Partido
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
OS	Orientação Sexual
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNEM	Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio
PNE	Plano Nacional da Educação
PPGEN	Programa de Pós Graduação em Ensino
PPP	Projeto Político Pedagógico
PR	Paraná
PSS	Processo Seletivo Simplificado
RSL	Revisão Sistemática da Literatura
SEED	Secretaria do Estado de Educação

SESC	Serviço Social do Comércio
SINECT	Simpósio Nacional de Ensino de Ciências e Tecnologia
TA	Termo de Assentimento
TECLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCESP	Faculdade União Cultural do Estado de São Paulo
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UENP	Universidade Estadual do Norte do Paraná
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>1 FUNDAMENTOS BÁSICOS DA EDUCAÇÃO SEXUAL (ES) E OS MARCOS LEGAIS</b> .....	<b>21</b>
1.1 O QUE É A EDUCAÇÃO SEXUAL? .....	21
1.2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL .....	25
1.3 DOCUMENTOS OFICIAIS .....	26
1.3.1 Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) .....	27
1.3.2 Temas transversais: Orientação Sexual .....	28
1.3.3 Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) .....	30
1.3.4 Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE) .....	32
1.3.5 Base Nacional Comum Curricular (BNCC) .....	34
<b>2 REVENDO A LITERATURA: VISÃO GERAL DAS PUBLICAÇÕES A RESPEITO DA ES E SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR</b> .....	<b>39</b>
2.1 EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E O PAPEL DO PROFESSOR .....	39
2.2 REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA .....	42
2.2.1 Nos Periódicos .....	42
2.2.2 Nos Anais de Eventos .....	45
2.2.3 Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD .....	48
2.3 METODOLOGIA DE OFICINAS .....	51
2.4 JUSTIFICATIVA .....	54
<b>3 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b> .....	<b>55</b>
3.1 A ESCOLA .....	55
3.1.1 Histórico, caracterização e informações da escola .....	55
3.2 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS .....	57
3.2.1 Entrevistas com professoras .....	58
3.2.2 Entrevistas com os alunos .....	59
3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	60
3.4 ELABORAÇÃO DAS OFICINAS .....	60
3.5 AS FASES DA PESQUISA .....	62

3.5.1 Primeira fase .....	62
3.5.2 Segunda fase .....	62
3.5.3 Terceira fase .....	64
3.6 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS PARA ANÁLISE DOS DADOS .....	64
<b>4 PRODUTO EDUCACIONAL .....</b>	<b>68</b>
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>70</b>
5.1 VISÃO GERAL DA ESCOLA AO ACEITE DA PESQUISA .....	73
5.2 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM PROFESSORES.....	79
5.3 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS ALUNOS.....	82
5.4 AVALIAÇÃO DAS OFICINAS .....	86
5.5 SUGESTÕES E LIMITAÇÕES .....	89
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>94</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>103</b>
APÊNDICE A - CARTA DE ACEITE DO PROJETO PELA ESCOLA .....	104
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA PROFESSORES .....	105
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PROFESSORES (TCLE PROFESSORES) .....	106
APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA ALUNOS .....	108
APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS/RESPONSÁVEIS.....	109
APÊNDICE F - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ALUNOS .....	111
APÊNDICE G - ROTEIRO DAS OFICINAS .....	113

## APRESENTAÇÃO

Eu me chamo Caroline Alfieri Massan, sou formada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP, campus Luiz Meneghel, e em Pedagogia pela Faculdade União Cultural do Estado de São Paulo – UCESP (segunda licenciatura). Professora há cinco anos, pelo Processo Seletivo Simplificado – PSS do estado do Paraná, com experiência na Educação Básica: Ensino Fundamental e Médio, e no Ensino Fundamental, anos iniciais (nas escolas municipais do município de Cornélio Procópio). Experiência também na equipe de coordenação, como pedagoga na rede estadual de ensino, onde pude crescer muito profissionalmente.

Durante minhas práticas docentes, sempre estive preocupada em não apenas “passar” os conteúdos aos alunos, mas em ensiná-los de modo a construir o caráter e a estarem preocupados com as questões sociais, nos diferentes assuntos trabalhados em sala de aula. Ao preparar minhas aulas, além do que os livros didáticos trazem de conteúdo para serem abordados aos alunos, preocupo-me com o “além”, aquele “algo a mais”, para incentivar e oportunizar o conhecimento aos meus alunos.

Eu sempre fui aberta a novas questões e desafios e acredito que todos nós deveríamos estar sempre em busca de desafios para nossa realização pessoal e profissional.

Após o ingresso no Mestrado Profissional em Ensino ofertado pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) –, *campus* Cornélio Procópio, e a partir da proposta de pesquisa sugerida pela Professora Dra. Priscila Carozza Frasson Costa, sendo a Educação Sexual (ES) o tema de nossa dissertação, comecei a enxergar o tema com olhar mais crítico e atento, preocupada com a formação de meus alunos para as questões da sexualidade.

Com as leituras que fui realizando ao longo dos primeiros meses após o ingresso no programa, pude ter maior clareza da importância que a temática representa, tanto para os professores quanto para os alunos, pois, como indica a literatura, ambos são carentes de informações a respeito sexualidade. E mesmo estando aberta a responder às perguntas feitas por meus alunos, acredito que ainda era pouco.

As leituras aguçaram minha vontade de aprender mais sobre

as questões relacionadas à sexualidade, e abraçar a ideia do projeto. Elas fizeram com que eu mudasse minha visão, transformaram minha vida, o meu dia a dia, as conversas com os colegas, com a família e, principalmente, minhas ações. Passei a olhar de forma mais atenta ao meu redor, as pessoas, os jovens, as crianças, as pessoas mais velhas e, em suas ações, observei muito preconceito e tabus.

Eu busquei, então, referenciais que me fundamentassem cada vez mais, para poder discutir (no bom sentido) e levar informações por onde eu estivesse, a fim de tentar sanar as “dificuldades” ao conversar sobre o tema, até mesmo nos ambientes externos à escola.

Diante de todo o entusiasmo com a temática e envolvimento com o desenvolvimento do nosso projeto, resolvemos preparar oficinas que pudessem ser implementadas em escolas para o nível Fundamental II, adaptáveis a qualquer nível de ensino, permitindo, assim, que os adolescentes construam os conhecimentos da Sexualidade, ao direcionar suas vivências de maneira saudável, livre de tabus e preconceitos, numa perspectiva plena da Educação Sexual.

Para tanto, faço a minha parte, em meu ambiente de trabalho e até mesmo fora dele, atuando de modo a levar informações e discussões a respeito da ES. Faço isso numa abordagem emancipatória, não somente nos aspectos positivos e saudáveis da sexualidade, mas também preocupada em perceber na ES um comprometimento com as transformações sociais.

A todos e a todas, uma agradável leitura!

*Prof<sup>a</sup>. Caroline Alfieri Massan*

## INTRODUÇÃO

Uma das grandes preocupações advindas do contexto educacional são as questões relacionadas à sexualidade humana. Tais preocupações, muitas vezes, são transpostas nas inabilidades de se lidar com a temática, devido a fatores como a forma com a qual a sociedade está organizada, as crenças, os desejos reprimidos e o desconhecimento científico.

Desta maneira, com a intenção de auxiliar o trabalho pedagógico, e com o compromisso em promover a Educação Sexual (ES) que garanta os direitos sexuais e conhecimentos científicos biológicos, sociais e de cidadania em instituições de ensino, percebemos a importância das intervenções que envolvam tal abordagem temática, oferecendo material de pesquisa e encaminhamento metodológico para o exercício das ações.

Concomitante a isto, professores e professoras podem auxiliar os adolescentes nas decisões a respeito da sexualidade, tanto de si, do seu corpo, quanto do outro. Portanto, quando pensamos nisso, é importante observarmos as marcas impressas pela cultura, devendo incluir, nas práticas e projetos pedagógicos, as temáticas relacionadas à sexualidade humana (ROCHA, 2009), como sugerido pelos temas transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998b).

Temos a certeza de que a sexualidade é uma construção humana e social, a qual deve ser compreendida e condicionada pelas relações históricas, sociais, econômicas e políticas, concordando com Nunes (1996). Por isso, a necessidade em abordar a temática no ambiente escolar, com o intuito de oportunizar o aprendizado de conhecimentos científicos a esses adolescentes.

Após análises (MASSAN; FRASSON-COSTA, 2019) a respeito das publicações envolvendo a temática da ES e Sexualidade<sup>1</sup> no ambiente escolar, pudemos perceber como são carentes as pesquisas na área, principalmente aquelas relacionadas à metodologia de oficinas, que é o objetivo central de nossa pesquisa.

---

<sup>1</sup> O uso da expressão “ES e sexualidade” é utilizado, uma vez que trazemos na dissertação as questões de sexualidade de forma mais genérica e emancipatória, optando por não realizar um enfoque maior nas questões de gênero.

Vários autores como Werebe (1978), Nunes (1996), Ribeiro (2004), Biancon (2005), Silva (2009; 2015), Figueiró (2010; 2014), Frasson-Costa (2012; 2016), Louro (2016) e Frasson-Costa, Villani e Queiroz (2018), escreveram sobre a importância em trabalhar a ES, principalmente no ambiente escolar, de forma a possibilitar que as crianças e os adolescentes<sup>2</sup> possam educar-se do ponto de vista sexual e crescer livres para viverem sua sexualidade de forma saudável, livre de preconceitos e tabus. Portanto, vemos, no ambiente escolar, um excelente espaço de socialização e um local ideal para se trabalhar questões educativas relacionadas à temática. Desta maneira, a ES na escola, além de apresentar finalidade de valorização da sexualidade e afetividade entre as pessoas, também favorece o aprendizado de conhecimentos científicos mais seguros e, assim, permite que sejam reduzidas as consequências negativas dos comportamentos sexuais, tais como gravidez indesejada e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

Preocupações inerentes a nossa investigação deriva do fato de que os pais, as mães, as escolas, os professores e as professoras “deixam de lado” as explicações referentes ao tema da ES e Sexualidade, e os adolescentes ficam desamparados na orientação e discussão acerca dos diversos assuntos que a temática abrange. Frente a esses questionamentos, trazemos a questão norteadora da nossa pesquisa: Uma metodologia de oficinas para debater os assuntos da temática seria uma alternativa metodológica viável e eficaz para trabalhar a ES com os adolescentes?

Pautadas nas nossas justificativas e problematização, o objetivo da dissertação foi elaborar e desenvolver uma metodologia, utilizando os conhecimentos científicos de ES e Sexualidade, realizando uma intervenção em uma escola estadual em Cornélio Procópio, estado do Paraná, a alunos e alunas do nono ano.

Após leituras e pesquisas, a metodologia escolhida foi a de oficinas. Sendo assim, elaboramos uma Sequência de Atividades neste formato. Essa metodologia foi pensada e construída em forma de roteiro, que compõem nosso Produto Educacional. Este poderá auxiliar professores e

---

<sup>2</sup> Trataremos os sujeitos da pesquisa como **adolescentes**, pois de acordo com o art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990) os adolescentes são aqueles os quais se inserem na faixa etária entre 12 a 18 anos de idade (BRASIL, 1990).

professoras a criar momentos de reflexão e discussão, com a finalidade de estimular a responsabilidade e autonomia dos adolescentes.

Mediante o exposto, e pautado no referencial teórico sobre essas questões, fazem-se mister os seguintes objetivos específicos: I) identificar as principais dúvidas dos adolescentes referentes à temática, com a finalidade de preparar as oficinas para esclarecimento desses anseios; II) indicar o panorama e os possíveis problemas/carências identificados em uma escola estadual referente à ES; III) implementar o material (Oficinas de Sexualidade), com a finalidade de oportunizar aprendizado sobre assuntos referentes à temática; e IV) ponderar acerca do impacto das oficinas de acordo com os participantes da pesquisa.

Portanto, diante do papel da escola no ensino da ES e da Sexualidade, da sua importância na vida dos adolescentes e da atual abordagem da temática, identificamos a pesquisa com as premissas acima relacionadas, motivadas ao encaminhamento dos alunos e alunas para a vivência da sua sexualidade, de modo a ser livre de tabus e preconceitos.

A respeito da forma como estruturamos este trabalho, apresentamos no início a justificativa, os problemas e os objetivos da pesquisa. O primeiro capítulo explica os fundamentos básicos da ES e os marcos legais. Abordamos a respeito das explicações sobre o que é a ES e Sexualidade, seguindo com a apresentação de um breve resgate do Panorama Histórico da ES no Brasil e dos Documentos Oficiais que abordam a ES, e finalizamos com a apresentação do cenário atual em que a temática se encontra.

No segundo capítulo, fazemos um resgate dos trabalhos já publicados a respeito da ES e Sexualidade no ambiente escolar. Para tanto, descrevemos a Revisão Sistemática da Literatura (RSL), realizada em alguns periódicos, anais de eventos e banco de teses e dissertações, e dos quais elucidamos seus objetivos e contribuições para a pesquisa. Finalizamos o capítulo com uma revisão teórica a respeito da escolha da metodologia de oficinas e sua importância no ensino da ES.

O terceiro capítulo foi destinado aos Encaminhamentos Metodológicos. Este contempla a descrição do nosso trabalho, com a caracterização da escola e da comunidade, dos alunos e alunas participantes das oficinas, e das professoras e do professor, os quais responderam às

nossas entrevistas semiestruturadas. Também há a descrição do histórico da escola. Descrevemos o processo das entrevistas com os participantes da pesquisa, a elaboração das oficinas e, por fim, uma revisão sobre a Análise Textual Discursiva (ATD), referencial de escolha para a análise dos resultados obtidos.

No quarto capítulo, apresentamos o Produto Educacional, fruto de todo o processo de pesquisa, desenvolvimento e dedicação das pesquisadoras.

O quinto capítulo exhibe os resultados, as análises e as discussões da nossa pesquisa, para as quais tivemos como base a ATD, construindo categorias para melhor organização e compreensão das informações coletadas.

Por fim, apresentamos as considerações finais, nas quais trazemos nossas percepções a respeito do desenvolvimento da pesquisa, a relevância da mesma e as possíveis contribuições que poderão auxiliar o trabalho de outros colegas professores e professoras.

## 1 FUNDAMENTOS BÁSICOS DA EDUCAÇÃO SEXUAL (ES) E OS MARCOS LEGAIS

Neste primeiro capítulo, realizamos uma breve apresentação do panorama histórico da Educação Sexual (ES) e dos marcos legais, finalizando com o cenário atual da ES. Nesta abordagem, trazemos autores que evidenciam a ES e Sexualidade dentro do ambiente escolar, contemplando a construção de valores fundamentais à vida, como forma de propiciar aos educandos viver sua sexualidade livre de tabus e preconceitos.

### 1.1 O QUE É A EDUCAÇÃO SEXUAL?

Para darmos início a este capítulo, podemos fazer a seguinte pergunta: Você sabe o que é a Educação Sexual (ES)? Quando pensamos na expressão “Educação Sexual”, geralmente pensamos em uma aula formal, com um professor (geralmente se pensa em um professor de Ciências ou Biologia) explicando conceitos sobre determinados assuntos, como por exemplo: sobre gravidez, métodos contraceptivos e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), dentre outros. Mas a ES vai muito além desse pensamento, ela vai além do ensino da Biologia e fisiologia da Sexualidade. A ES está presente em toda a conversa a respeito do corpo, sobre ser menino ou menina, de onde vem os bebês, a respeito da família, sobre namorar, sobre amor, afetividade, paixão, amizade, entre outros assuntos ligados ao ser humano (FIGUEIRÓ, 2017<sup>3</sup>).

De acordo com Ribeiro (2005, p. 02) a ES:

[...] abrange toda a educação recebida pelo indivíduo desde o nascimento referente à aquisição de concepções, valores e normas sexuais, [...]; e que essa educação sexual é contínua, indiscriminada e decorrente dos processos culturais, influenciando a manifestação de comportamentos e atitudes sexuais [...].

---

<sup>3</sup> Para escrita desde parágrafo utilizamos as definições de Mary Neide Figueiró em um dos seus vídeos do canal do Youtube “Educação Sexual Para Ser Feliz. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=\\_YzXUrL6Ls](https://www.youtube.com/watch?v=_YzXUrL6Ls). Acesso em: 30 jul. 2019.

A autora Mary Neide Damico Figueiró (2010, p. 03), grande nome e referência nos estudos de ES e Sexualidade, considera a Educação Sexual como sendo:

[...] toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja no nível do conhecimento de informações básicas, seja no nível de conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual.

Da mesma forma que nos debruçamos a respeito do entendimento da ES, nós precisamos atentar ao significado da Sexualidade, considerando a amplitude de assuntos que são abordados dentro das concepções sociais e culturais.

Segundo Figueiró (2014), a definição de Sexualidade, descrita em seu livro “Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível”, é expressa no trecho a seguir:

Sexualidade é uma dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico e dialético. A sexualidade não pode, pois, ser restringida à sua dimensão biológica, nem à noção de genitalidade, ou de instinto, ou mesmo de libido. Também não pode ser percebida como uma “parte” do corpo. Ela é, pelo contrário, uma energia vital da subjetividade e da cultura, que deve ser compreendida, em sua totalidade e globalidade, como uma construção social que é condicionada pelos diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais (FIGUEIRÓ, 2014, p. 48).

Portanto, é nítido o reconhecimento da sexualidade como uma construção humana, sendo determinada pela natureza de cada ser, com envolvimento das questões históricas, culturais, econômicas e sociais de cada um para sua construção social.

Ainda no intuito de entendimento da Sexualidade, Nunes (1996) afirma que:

A sexualidade humana é quantitativamente diversa da sexualidade [sexo] animal, nela estão embutidos valores da comunidade humana, da história social, da economia, da cultura, e até da espiritualidade conquistada na lenta construção da identidade do homem realizada pelo ser humano na sua trajetória histórica (NUNES, 1996, p. 145).

Nesse trecho, podemos reforçar a noção de que a Sexualidade é uma construção humana e social, que deve ser compreendida e condicionada pelas relações históricas, sociais, econômicas e políticas.

Em seu livro *“Educação Sexual: retomando uma proposta um desafio”*<sup>4</sup>, Figueiró (2010) nos apresenta cinco tipos de Abordagens de Educação Sexual, as quais são o ponto central das reflexões contidas no livro, sendo elas: Religiosa Católica e Religiosa Protestante (ambas podendo ser tradicional ou libertadora), Médica, Pedagógica e Emancipatória.

A *Abordagem Emancipatória da Educação Sexual*, proposta inicialmente pela Dra. Maria Amélia Azevedo [Goldberg] em sua obra *“Educação Sexual: uma proposta, um desafio”*, embora considere relevante a vivência pessoal positiva e saudável da sexualidade, está preocupada em perceber na ES um comprometimento com as transformações sociais, conduzindo as discussões para questões que envolvem diferentes temas, como por exemplo, relações de poder, aceitação das diferenças e respeito pelas minorias (FIGUEIRÓ, 2010; FIGUEIRÓ, 2014). Adotamos tal abordagem de ES para elaboração e desenvolvimento desta dissertação, com enfoque nas relações sociais, na compreensão e aceite das diferenças, respeitando-as.

A Educação Sexual Emancipatória, segundo Figueiró (2014), se caracteriza essencialmente em perceber a Educação Sexual com um compromisso com a transformação social, conduzindo as discussões para as questões das relações de poder, aceitação das diferenças e respeito pelas minorias.

Neste parágrafo, explicaremos o porquê do uso da “Educação Sexual” e não a utilização da expressão “Orientação Sexual”<sup>5</sup>. Figueiró (2014) faz um esclarecimento sobre a utilização do termo “Educação Sexual” e não “Orientação Sexual” (OS), que é utilizado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a qual julgamos coerente, e passamos, então, a utilizá-la em nossos trabalhos.

---

<sup>4</sup> Sugerimos a leitura do livro para melhor compreender as Abordagens da Educação Sexual por Figueiró (2010), uma vez que trataremos neste trabalho apenas a Abordagem Emancipatória da Educação Sexual, já que é a abordagem adotada e desenvolvida em nossas pesquisas.

<sup>5</sup> A expressão “Orientação Sexual” é utilizada nos temas transversais do documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

A pesquisadora diz que os PCN optam por utilizar a terminologia “OS”, referindo-se ao trabalho realizado na escola. Ela salienta também que, no documento, não há uma preocupação em clarear ou justificar seu uso. Continua referindo-se a utilização da terminologia “Educação”, pois é mais coerente ao processo no qual o educando participa como sujeito ativo e não apenas como um receptor dos conhecimentos, informações e/ou orientações (FIGUEIRÓ, 2014, p. 55-56).

A ES acontece de maneira informal (de forma positiva ou negativa), por exemplo, nas instituições familiares, nas instituições religiosas, e também, pode acontecer de maneira formal no ambiente escolar e por meio de professores e professoras. Sendo assim, relacionamos a importância da ES no ambiente escolar e sua contribuição para a formação das crianças e dos adolescentes, de modo a poderem se conhecer, conhecer mais sobre seu corpo, sobre afetividade, sobre amor, respeito, além de se conhecerem, estarem preocupados com o compromisso das transformações sociais, com a aceitação das diferenças e respeito pelas minorias. O desejo é que vivam a sua sexualidade livre de tabus, de preconceitos e da forma mais saudável possível, engajados criticamente, para que possam combater preconceitos, discriminações e que ajudem a transformar essas relações sociais opressoras e repressoras (FIGUEIRÓ, 2010).

Em sua tese de doutoramento intitulada “*Educação áudio visual da sexualidade: olhares a partir do kit anti-homofobia*”, Ricardo Desidério da Silva (2015, p. 20) abordou a seguinte afirmação a respeito da ES: “A Educação Sexual na escola é hoje uma necessidade a ser efetivada tanto nas discussões políticas, quanto nas ações e concretização de sua prática”. Completa escrevendo que a ES:

[...] é toda ação contínua, no processo humano de integração, que dentro de uma cultura, história ou política, irá nos levar a uma construção ativa frente às informações, desejos, necessidades básicas sobre o nosso corpo, organização e funcionamento. Podendo então, ter voz, dialogar e expressar suas opiniões, percebendo a sexualidade como algo positivo, sem medos, sem tabus e sem receios (SILVA, 2015, p. 20).

Portanto, o ensino da ES na escola deve ser realizado com o intuito de oportunizar aos educandos o diálogo e o debate, dando voz às

crianças, adolescentes e jovens, para que eles possam sanar suas dúvidas, aprender sobre a sexualidade humana, expressar suas opiniões e sentimentos diante dos assuntos relacionados à temática e aprender sobre as necessidades básicas do seu corpo. Enfim, o ensino da ES na escola é importante para os educandos perceberem a sua sexualidade como algo positivo, livre de tabus, com saúde, tornando-os aptos a participar criticamente do combate a preconceitos e discriminações, para que ajudem transformar essas relações sociais opressoras e repressoras.

Dando continuidade aos fundamentos da ES, faremos o resgate de alguns dos momentos históricos de sua construção no Brasil, a fim de propiciar conhecimento e entendimento de como adentrou no ambiente escolar.

## 1.2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL

É evidente que a ES não deve ser vista como uma ação à parte da educação global, pelo contrário, deve ser entendida como parte dela. Sendo assim, a história da ES compartilha a história da educação global do nosso país, sendo influenciada pelos mesmos elementos que têm influenciado a educação como um todo, porém, com peculiaridades que devem ser estudadas e registradas (FIGUEIRÓ, 1998).

Muitos foram os caminhos percorridos pela ES até ser disseminada no ambiente escolar. A preocupação em discutir a ES nas escolas foi verificada desde as primeiras décadas do século passado, quando médicos, intelectuais e professores (em 1920-1930) já estavam atentos ao cenário educacional brasileiro (FIGUEIRÓ, 1998; FRASSON-COSTA, 2016). Ao caminhar um pouco pela história, percebemos que na década de 1960 houve um período bastante favorável para a implementação da ES no país. Foram registradas, nessa época, algumas experiências importantes, observando-se uma tendência em entender a nova prática educativa nas escolas da rede comum, juntamente com um interesse crescente pelas questões educacionais e nas camadas mais esclarecidas da população (FIGUEIRÓ, 1998; WEREBE, 1978). Porém, no fim da década de 1960, e boa parte da década de 1970, houve acontecimentos políticos que influenciaram negativamente o processo

da ES, fazendo com que os rumos da história das experiências com a implementação de programas de ES no país fossem mudados (FIGUEIRÓ, 1998).

O Brasil estava passando por um momento histórico e político conturbador com a ditadura militar, e isto explica a escassez de publicações na década de 1970. Em contrapartida, na década de 1980, após a ditadura, houve um amadurecimento e, portanto, um período fértil para o desenvolvimento da ES no país. Já na década de 1990, século XX, começou haver mudanças sobre os discursos da Sexualidade e ES no Brasil. Em 1996, houve a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) “Darcy Ribeiro” e estabelecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1998. Também as questões da Sexualidade obtiveram um reconhecimento oficial, como necessidade no ensino, apresentada como tema transversal.

Finalizamos o subtópico 1.2, salientando a importância de conhecermos a História da ES no país, de modo a facilitar que o educador tenha maior afinidade com a temática e se sinta mais preparado e motivado, empenhando-se nos trabalhos que envolvam a mesma. Recomendamos que você, leitor ou leitora, para conhecer mais a respeito da História da ES, faça a leitura dos trabalhos de Werebe (1978), Foucault (1984), Costa (1986), Figueiró (1995; 1998; 2010), Paiva (2000), Nunes (2003), Bomfin (2009), Frasson-Costa (2012; 2016) e Silva (2015), com panoramas históricos mais completos e detalhados da ES.

### 1.3 DOCUMENTOS OFICIAIS

Em termos de documentos oficiais, que visaram à reforma educacional no Brasil com o objetivo de melhorar a qualidade da educação no país, temos as Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018 e o Referencial Comum Curricular. Todos eles serão abordados no decorrer deste capítulo, de forma breve, com o intuito de apresentá-los ao leitor, e mostrar como eles nos embasaram ao longo do desenvolvimento das nossas ações.

Com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases “Darcy Ribeiro” em 20 dezembro de 1996, e o estabelecimento dos PCN como guias a serem seguidos para uma educação para o exercício da cidadania, as questões que envolvem a sexualidade tiveram um reconhecimento oficial para suas ações educativas no âmbito escolar (RIBEIRO, 2004).

### 1.3.1 Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) são um documento nacional que foi elaborado por uma bancada de profissionais de diversas áreas e publicado pelo Ministério da Educação e do Desporto em 1997. É um referencial norteador das ações da educação, em nível fundamental. Foi elaborado com o intuito de criar condições para que os jovens tivessem acesso aos conhecimentos, voltando-os para o exercício da cidadania. Portanto, foi criado com a finalidade de ser um documento de referência curricular para todo o país, permitindo que os jovens tivessem acesso a um conjunto de conhecimentos necessários e indispensáveis ao exercício da construção da sua cidadania (BRASIL, 1998a).

Assim, foram sugeridas condições nas escolas para permitir acesso a um conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania, o que possibilitaria a formação, nos educandos, da consciência de que devem exercer seus direitos e deveres políticos, civis e sociais com solidariedade e respeito, reconhecendo a Ciência como um processo de produção de conhecimento e uma atividade humana e histórica (FRASSON-COSTA, 2016, p. 28).

Dentre os objetivos do Ensino Fundamental, elencamos, nos PCN (BRASIL, 1998a), os que chamam a nossa atenção para a Sexualidade:

[...] conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, *posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais*; [...] (BRASIL, 1998a, p. 55, grifos da autora).

[...] *conhecer o próprio corpo e dele cuidar*, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da

qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva; [...] (BRASIL, 1998a, p. 56, grifos da autora).

Portanto, é importante e necessário que a escola trate de questões que interferem na vida dos alunos e com as quais estes se deparam no seu dia a dia. Os temas transversais sugeriram para que fossem trabalhadas essas questões de forma a contemplar as temáticas sociais a serem discutidas no ambiente escolar, porém, sem restringi-las a uma única área do conhecimento, mas levando-se em conta a sua complexidade. Devemos nos atentar ao fato de que concordamos com as ideias expressas nos temas transversais, porém lembrando que não foram totalmente aderidos. Assim, englobam-se os problemas sociais referentes “à ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural, orientação sexual e trabalho e consumo” (BRASIL, 1998a, p. 65), que compõem os PCN como Temas Transversais.

Além das áreas de conhecimento - Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Arte e Educação Física, o material do PCN também aborda de forma transversal a essas disciplinas curriculares, os temas sociais. Há também volumes que abordam temas como: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural.

### 1.3.2 Temas transversais: Orientação Sexual

Para fazer parte dos temas transversais, é necessário que o tema se enquadre em alguns critérios estabelecidos pelos PCN, sendo eles: urgência social, abrangência nacional, possibilidade de tema ser ensinado e aprendido no Ensino Fundamental, favorecer a compreensão da realidade e a participação social (principalmente na questão transformadora).

A proposta dos PCN – Temas Transversais para a Orientação Sexual<sup>6</sup> (OS) sugere que, no ambiente escolar, seja abordada a sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas. Cabe a escola, por meio da OS, possibilitar aos alunos a reflexão acerca das suas emoções, suas vivências, suas relações pessoais e, também, as informações vindas das mídias, para que possam fazer suas escolhas. Cabe ressaltar que essa intervenção não

---

<sup>6</sup> O documento não justifica o uso do termo “orientação” adotado.

vem interferir e muito menos julgar o papel da família, mas, oportunizar a aprendizagem dos alunos a respeito da sexualidade (BRASIL, 1998b).

Como observado no documento, a finalidade do tema transversal “Orientação Sexual” é contribuir com a problematização por meio de intervenções pedagógicas, fazendo uso de questões que envolvam postura, crenças, tabus e valores, para que os jovens possam entender e exercer sua sexualidade de forma responsável, prazerosa e saudável.

Os conteúdos contemplados pelo tema de OS são: corpo, matriz da sexualidade, relações de Gênero e prevenção das DST<sup>7</sup>/Aids. Segundo o documento, o trabalho a ser desenvolvido dentro da OS consiste em refletir e contrapor-se “[...] aos estereótipos de gênero, raça, nacionalidade, cultura e classe social, ligados à sexualidade”, posicionando-se, desta maneira, contra as “discriminações associadas a expressões da sexualidade, como a atração homo ou bissexual, e aos profissionais do sexo” (BRASIL, 1998b, p. 311).

No bloco *Corpo: matriz da sexualidade*, a finalidade é favorecer a apropriação do próprio corpo e contribuir para o fortalecimento da autoestima, e conquista maior da autonomia, dada a importância que o corpo apresenta na identidade pessoal. Já o bloco *Relações de Gênero* diz respeito ao conjunto de representações culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos, no qual o sexo diz respeito ao atributo anatômico e o conceito de gênero refere-se ao desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social.

E por fim, o bloco *Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids* visa desvincular a sexualidade dos tabus e preconceitos, colocando-a como algo ligado ao prazer e à vida. Nas discussões das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)<sup>8</sup>, o enfoque precisa ser coerente e não frisar a ligação entre sexualidade e doença ou morte, tendo como foco

---

<sup>7</sup> Vale ressaltar que atualmente a terminologia utilizada não é mais “Doença Sexualmente Transmissível” (DST) mas, “Infecção Sexualmente Transmissível” (IST). A denominação ‘D’, de ‘DST’, vem de doença, que implica em sintomas e sinais visíveis no organismo do indivíduo. Já ‘Infecções’ podem ter períodos assintomáticos (sífilis, herpes genital, condiloma acuminado, por exemplo) ou se mantêm assintomáticos durante toda a vida do indivíduo (casos da infecção pelo HPV e vírus do Herpes) e são somente detectadas por meio de exames laboratoriais. A denominação é uma atualização do Ministério da Saúde (MS), por meio do Decreto nº 8.901/2016 publicado no Diário Oficial da União em 11.11.2016, Seção I, páginas 03 a 17.

<sup>8</sup> Pelas explicações anteriores, utilizaremos a terminologia IST no decorrer no trabalho.

transmitir informações para promoção da saúde e condutas preventivas (uso de camisinha) (BRASIL, 1998b).

Os conteúdos devem propiciar atitudes responsáveis (tanto individual quanto coletivamente) enfatizando o convívio social. Com as crianças do primeiro e segundo ciclos<sup>9</sup>, as informações devem ser relacionadas à existência dessas DST<sup>10</sup>, esclarecendo fatos e preconceitos a elas associados. Já no terceiro e quarto ciclos, deve ocorrer abordagem de cada uma das principais IST, seus sintomas no homem e na mulher, enfatizando as condutas necessárias para sua prevenção (BRASIL, 1998b).

A proposta de trabalhar questões de relevância social, na perspectiva transversal, como sugere Furlani (2009), apontava para um compromisso interdisciplinar a ser trabalhado pelos professores, no sentido de enfrentar os desafios da sociedade, exigindo dos cidadãos a tomada de decisões coletivas.

### 1.3.3 Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN)

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) foram aprovadas pela Câmara de Educação Básica (CEB) de 1998. Segundo o documento, o sentido adotado para as diretrizes está formulado na Resolução CNE/CEB nº 2/98, que as delimita como “[...] conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos na Educação Básica (...) que orientarão as escolas brasileiras dos sistemas de ensino (...) e na avaliação de suas propostas pedagógicas” (BRASIL, 2013, p.7).

As DCN tiveram sua origem na LDB de 1996. Segundo esta, é tarefa da União estabelecer, juntamente com estados, Distrito Federal e municípios, as competências e diretrizes para a Educação Infantil (EI), Ensino Fundamental (EF) e o Ensino Médio (EM), de modo a nortear currículos e conteúdos mínimos para assegurar a formação básica comum (BRASIL, 2013).

---

<sup>9</sup> De acordo com a LDB (1996), a organização da educação brasileira teve a ideia de progressão continuada, sendo que cada ciclo tem a duração de três a cinco anos. São eles: o ciclo I Educação Fundamental, com os cinco primeiros anos de estudo (do 1º ao 5º ano); o segundo ciclo (ciclo II), do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e o terceiro, o Ensino Médio (1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio) (BRASIL, 1996).

<sup>10</sup> Utilizamos a sigla DST, pois mantivemos a redação original do documento PCN (1998), porém já explicitamos, anteriormente, que atualmente é utilizada a sigla IST.

Como analisado por Frasson-Costa (2016), esse documento orienta as escolas que examinem os PCN e as propostas curriculares de seus estados e municípios, a fim de elaborarem suas propostas pedagógicas, atendendo a variedade de alunos presentes nas salas de aulas. Também salienta que suas propostas sejam voltadas para as relações com a comunidade, visando a constituição de uma identidade nos alunos, cidadãos em processo, capazes de serem os protagonistas de ações responsáveis, solidárias e autônomas, em relação a si próprios, sua família e sua comunidade.

No que diz respeito à Sexualidade, as DCN indicam que, durante a escolarização, período no qual os alunos deixam de ser crianças, passando pela puberdade, ocorrem grandes transformações biológicas, psicológicas, sociais e emocionais. Modificam-se suas relações sociais e seus laços afetivos, intensificam-se as relações com os pares e aprendizagens referentes à sexualidade e relações de gênero, na tentativa de construir seus valores próprios. Afirmam que cabe aos professores ficarem atentos a esses processos, e que busquem formas de trabalho pedagógico e diálogos com os alunos (BRASIL, 2013).

O documento ainda cita que os componentes curriculares e as áreas do conhecimento devem ser articulados a seus conteúdos, abordando temas abrangentes e contemporâneos que afetam a vida humana. Em relação à Sexualidade, o que foi observado é “Temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Lei nº 8.069/90) (BRASIL, 2013, p.115)”.

A pesquisadora Frasson-Costa (2016), em sua obra intitulada “*Educação Sexual: uma metodologia inspirada nos Patamares de Adesão*”, no que diz respeito às DCN, escreveu que as escolas podem recriar currículos de acordo com as necessidades e anseios expressos em seus projetos pedagógicos.

Vale ressaltar que há possibilidades de as escolas dialogarem criticamente com os dispositivos legais expressos nas orientações obrigatórias das DCN e com as referências dos conteúdos não obrigatórios expressos nos PCN, de modo que possam criar e recriar os currículos, construídos com as

equipes pedagógicas e comunidade escolar, considerando suas necessidades e anseios expressos nos projetos pedagógicos (FRASSON-COSTA, 2016, p.33).

Portanto, vemos que as DCN deixam os estados e municípios livres para criarem seus próprios currículos, de forma a privilegiarem situações que melhor se adequem às suas necessidades.

#### 1.3.4 Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE)

Sob a responsabilidade do Estado do Paraná, foram realizadas discussões sobre as políticas para educação, promovidas pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), de forma a construir o “Currículo Básico” para o ensino.

Com as mudanças na LDB, houve a necessidade de algumas diretrizes para compor o currículo das escolas. Então, no Estado do Paraná, entre os anos de 2003 a 2006, houve a criação das Diretrizes Curriculares Estaduais da Educação Básica (DCE) dos projetos pedagógicos (BRASIL, 2008). Segundo o documento, entende-se por “conteúdos básicos” aqueles conhecimentos necessários para a formação do estudante nas diversas disciplinas da Educação Básica (BRASIL, 2008, p.83).

Por se tratar de conteúdos fundamentais, não podem ser retirados e nem reduzidos, mas cabe ao professor acrescentar outros conteúdos na proposta pedagógica, de forma a enriquecer os trabalhos da sua disciplina.

Após analisar o quadro<sup>11</sup> referente aos conteúdos básicos e estruturantes da disciplina de Ciências para o Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), concordamos com Frasson-Costa (2016) ao concluir que, após a reformulação das Diretrizes Curriculares de Ciências<sup>12</sup>, houve a retirada do

---

<sup>11</sup> Este quadro está disponível no documento das Diretrizes Curriculares da Educação Básica datado de 2008, a qual apresenta os conteúdos básicos, os conteúdos estruturantes da disciplina, o tipo de abordagem teórico-metodológica e as expectativas de aprendizagem. Está disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce\\_cien.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_cien.pdf). Acesso em: 29 jan. 2019.

<sup>12</sup> Na primeira versão do documento (2006) as Diretrizes Curriculares de Ciências do Paraná apresentavam conteúdos estruturantes: Corpo Humano e Saúde, Ambiente, Matéria e Energia e Tecnologia. Já em sua reformulação, os conteúdos passaram a ser: Astronomia, Matéria, Sistemas Biológicos, Energia e Biodiversidade (FRASSON-COSTA, 2016, p. 35).

tema Sexualidade. Ele deixou de ser abordado como em sua primeira versão, quando era contemplado no conteúdo estruturante “Corpo humano e saúde”, uma vez que temas como higiene e cuidados do corpo, sexualidade e problemas relacionados ao uso de drogas e à prevenção eram (ou poderiam ser) trabalhados.

Dentre os conteúdos que poderiam estar relacionados à Sexualidade, estariam aqueles relacionados aos Sistemas Biológicos. No entanto, a descrição no documento está voltada a constituição dos sistemas do organismo e seu funcionamento.

O conteúdo estruturante Sistemas Biológicos aborda a constituição dos sistemas do organismo, bem como suas características específicas de funcionamento, desde os componentes celulares e suas respectivas funções até o funcionamento dos sistemas que constituem os diferentes grupos de seres vivos, como por exemplo, a locomoção, a digestão e a respiração (BRASIL, 2008, p.66).

A SEED, em 2007, passou a contar com a coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos, a qual faz parte do Departamento da Diversidade (DED). Esse departamento produziu uma cartilha com artigos escritos por professores universitários, a qual foi distribuída nas escolas com o propósito de fazer discussões sobre temas escolhidos como Desafios Educacionais Contemporâneos, sendo eles: sexualidade, drogas, violência e questões étnico-raciais. O tema da sexualidade deixou de ser investigado “de forma transversal” dentro do currículo, para ser somente um problema a ser enfrentado na escola (FRASSON-COSTA, 2016).

Em novembro de 2018, após a aprovação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC – em um esforço colaborativo de Ministérios e Secretarias da Educação, por meio da Deliberação nº 03/2018 do Conselho Estadual de Educação, foi normatizado o Referencial Curricular do Paraná.

De acordo com o artigo 3º, do Referencial Curricular do Paraná:

[...] define-se pelos aspectos legal e normativo e apresenta caráter obrigatório para a elaboração das propostas pedagógicas das instituições que ofertam Educação Infantil e Ensino Fundamental e assegura os direitos e objetivos de aprendizagem nestas etapas, em cada ano de estudo, nas redes públicas e privadas, tendo em vista os contextos sociais,

econômicos e culturais de cada região do Estado (PARANÁ, 2018a, p. 3).

Nesta deliberação, nada consta a respeito da ES ou Sexualidade, mas salienta que apresenta compromisso com a “formação integral do estudante, tendo como objetivo a ampliação das múltiplas oportunidades de aprendizagem que possam garantir o acesso à cultura, à arte, ao esporte, à ciência e às tecnologias” (PARANÁ, 2018a, p. 2).

O Referencial Curricular do Paraná foi elaborado para manter uma equidade entre o ensino no estado, ou seja, para normatizar a educação escolar nos diferentes sistemas. Foi adotado um regime de colaboração entre estado e municípios, cujo objetivo é “estabelecer direitos de aprendizagens a todos os estudantes do estado em uma perspectiva de equidade, ou seja, de garantir as condições necessárias para que essas aprendizagens se efetivem”. Neste há um tópico que retrata a Valorização da Diversidade explica que o estado do Paraná apresenta uma trajetória nas discussões sobre educação e diversidade (PARANÁ, 2018b, p. 17), e explica que o estado do Paraná apresenta uma trajetória nas discussões sobre educação e diversidade.

Desta forma, as discussões e propostas pedagógicas das instituições de ensino não poderiam deixar de expressar temas de diversidade nos conteúdos e objetivos da aprendizagem, nas diferentes áreas de conhecimento. Temas como diversidade cultural, sócio ambiental, étnico-racial, geracional, territorial, sexual e de identidades de gênero são os temas contemplados pela diversidade.

### 1.3.5 Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que indica as aprendizagens essenciais dos alunos na jornada escolar da Educação Básica. Ao longo da jornada escolar da Educação Básica, essas aprendizagens essenciais devem concorrer para que o aluno, ao final dela, desenvolva dez competências gerais que fazem parte do direito de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 2018).

Em suma, as 10 competências essenciais, segundo o documento, são: conhecimento; pensamento científico, crítico e criativo;

repertório cultural; comunicação; cultura digital; trabalho e projeto de vida; argumentação; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação e responsabilidade e cidadania (BRASIL, 2018).

A “Área de Ciência da Natureza” compreende os conteúdos de Ciências e Biologia. A preocupação vai ao encontro de promover o “letramento científico, que envolve a capacidade de compreender e interpretar o mundo (natural, social e tecnológico), mas também de transformá-lo com base nos aportes teóricos e processuais das ciências” (BRASIL, 2018, p. 321).

A Sexualidade está presente na Unidade Temática: Vida e evolução. Ela apresenta como foco as percepções do corpo humano, indicando sobre funcionamento dos sistemas que o compõe e aspectos relacionados à saúde (individual e coletiva). Nos anos iniciais, a preocupação é com o apreço ao corpo, cuidados com a saúde e desenvolvimento de atitudes de respeito e acolhimento a diferenças (étnico-cultural e inclusão de alunos da educação especial). Já nos anos finais do ensino fundamental, sugere-se que se iniciem as discussões sobre temas específicos relacionados à reprodução e sexualidade humana (BRASIL, 2018).

Como consta no documento, ao terminarem o Ensino Fundamental, os estudantes devem estar aptos a:

[...] compreender a organização e o funcionamento de seu corpo, assim como a interpretar as modificações físicas e emocionais que acompanham a adolescência e a reconhecer o impacto que elas podem ter na autoestima e na segurança de seu próprio corpo. É também fundamental que tenham condições de assumir o protagonismo na escolha de posicionamentos que representem autocuidado com seu corpo e respeito com o corpo do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva. Além disso, os estudantes devem ser capazes de compreender o papel do Estado e das políticas públicas (campanhas de vacinação, programas de atendimento à saúde da família e da comunidade, investimento em pesquisa, campanhas de esclarecimento sobre doenças e vetores, entre outros) no desenvolvimento de condições propícias à saúde (BRASIL, 2018, p.327).

Portanto, vemos que as questões de gênero e o respeito às diferenças não foram mencionados, mas foi dado ênfase, apenas, nas informações biológicas básicas sobre o corpo e cuidados com a saúde.

## 1.4 CENÁRIO ATUAL

Não podemos deixar de mencionar alguns assuntos atuais que estão em pauta e que merecem nosso olhar a respeito, pois afetam diretamente o ensino de ES no ambiente escolar.

Em meados de 2004, foi criado e divulgado, por todo o país, um movimento político denominado “Escola Sem Partido” – ESP, cujo mentor foi o então advogado e procurador do Estado de São Paulo, Miguel Nagib. Nagib manifestou indignação com um professor de história de seu filho, que comparou Che Guevara a São Francisco de Assis (ESTADÃO, 2018). Desde então, o Brasil vem se deparando com lutas (políticas) entre prós e contra o movimento “Escola Sem partido”.

Deste modo, o movimento ganhou mais notoriedade em 2015, quando Câmaras Municipais e Congresso Nacional começaram a debater os assuntos em suas reuniões, principalmente liderados por parlamentares católicos e evangélicos.

Segundo o jornal Estadão<sup>13</sup>, a organização busca a proibição da “prática de doutrinação política e ideológica” pelos professores, além de vetar a veiculação de assuntos que não estejam de acordo com as convicções morais e religiosas dos estudantes (ARRUDA, MONERRATI, SARTORI; 2018).

Figueiró (2018, p. 253) apresenta o ESP também como um movimento que tenta instituir-se como um Projeto de Lei, para “apregoar que o professor não é um educador e, ainda, desqualificar os professores, minar sua liberdade e colocar os alunos em postura de alerta para agirem como denunciadores contra qualquer tentativa de doutrinação”. Além de ataques aos professores, o movimento também tem atacado grandes estudiosos, como Paulo Freire.

Gadotti (2006, p. 153) escreve que o movimento ESP busca uma “escola sem pluralidade, sem liberdade, sem diversidade, sem inclusão, sem democracia, uma escola que segrega, que discrimina, que reprime”.

Quanto à sexualidade, os defensores do movimento acreditam que religião e gênero não devem ser discutidos em sala de aula, mas apenas

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/entenda-o-que-propoe-o-programa-escola-sem-partido/amp/>. Acesso em: 18 fev. 2019.

na esfera familiar. O que sabemos, e já foi comprovado por pesquisadores como Werebe (1978), Nunes (1996), Figueiró (2010; 2014), Louro (2016), Frasson-Costa (2012; 2016), Frasson-Costa, Vellani e Queiroz (2018), entre outros, é a importância da ES no ambiente escolar, para educar jovens, adolescentes e crianças sobre os assuntos que a temática aborda e garantir que vivam sua sexualidade de forma segura, saudável e livre de preconceitos e tabus. Figueiró (2018, p. 253) ainda complementa que “ouvir crianças, adolescentes e jovens e abrir espaços para debates e para conhecimentos de pontos de vista diferentes sobre um mesmo assunto, na sala de aula, é um exercício válido e imprescindível no trabalho com sexualidade”.

Figueiró (2018, p. 254) escreve ainda que muitos órgãos e instituições nacionais e internacionais mostraram-se contrários ao movimento ESP. Eles expressaram seu posicionamento crítico, como por exemplo, a ONU, que enviou uma Carta ao governo brasileiro no mês de abril de 2017, por considerar que os projetos contidos no programa podem apresentar impactos negativos na educação e, se aprovadas, as leis representariam uma violação ao direito de expressão.

Além do movimento ESP, houve/há um grande fator para dificultar as discussões e reflexões, de aprender e pensar na ação de formar um cidadão crítico e participativo no ambiente escolar, como afirma Figueiró (2018). Segundo Junqueira (2017 *apud* Figueiró 2018, p. 254), esse fator é o discurso de Ideologia de Gênero. Esse discurso nasceu em meados de 1995, no Vaticano, e já está presente em mais de 50 países. Segundo o discurso da Ideologia de Gênero, os missionários de famílias conservadoras opõem-se:

[...] as ações voltadas a legalizar o aborto, criminalizar a homotranfobia, legalizar o casamento igualitário, reconhecer a homoparentalidade, estender o direito de adoção a genitores do mesmo sexo e promoção do reconhecimento da diferença/diversidade sexual e de gênero (JUNQUEIRA, 2017, p. 27 *apud* FIGUEIRÓ, 2018, p. 254).

Vários estados já estão sofrendo com essas deliberações. Professores foram afastados e estão respondendo a processos, basicamente, por estarem exercendo o seu papel de educadores dentro do ambiente escolar.

Finalizamos este capítulo ressaltando a importância do conhecimento da história da ES e Sexualidade, juntamente com as legislações que amparam o trabalho dos professores e funcionários dentro do ambiente escolar. Seguimos para o próximo capítulo descrevendo a Revisão Sistemática da Literatura realizada a respeito da temática abordada.

## **2 REVENDO A LITERATURA: VISÃO GERAL DAS PUBLICAÇÕES A RESPEITO DA ES E SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR**

Apresentamos este capítulo com relevância, uma vez que conseguimos observar um panorama a respeito da ES e Sexualidade nos trabalhos já publicados em periódicos e anais de alguns congressos, assim como no banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), os quais pudemos verificar e deles nos apropriar de referenciais que nortearam e embasaram o trabalho.

Sendo assim, na primeira sessão, abordamos a respeito da ES na escola e o papel do professor nessa tarefa, seguindo com a Revisão Sistemática da Literatura.

### **2.1 EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E O PAPEL DO PROFESSOR**

A ES na escola é hoje uma necessidade a ser efetivada tanto nas discussões políticas, quanto nas ações e concretização de sua prática (SILVA, 2015). Quando nos referimos a ES, segundo Silva (2015), estamos nos referindo a toda ação contida em um processo de interação humana, o qual está inserido em uma cultura, uma história e uma política, e que nos leva a pensar na “construção de um sujeito ativo frente às informações, aos desejos, às necessidades básicas sobre seu corpo, seu funcionamento e organização” (p. 20).

Não podemos esquecer que a ES deve ser realizada em uma ação conjunta entre escola e família, como é salientado por Reis e Maia (2012), sendo fundamental se quisermos, de fato, educar em sexualidade. Concordamos, então, com alguns autores como Fagundes (1992), Guimarães (1995), Maia (2004), Suplicy *et al.* (1995), Vitiello (1997) entre outros, quando relatam que a ES no ambiente escolar não pode negar a participação da família e da comunidade à qual pertencem.

Desta forma, Guimarães (1995) nos lembra sobre o papel da família na formação sexual dos filhos, a qual oferece a ES de maneira assistemática e muitas vezes dogmática, cabendo à escola as discussões

pedagógicas da sexualidade, conforme a análise das palavras da autora no trecho a seguir:

É a bagagem da educação informal, adquirida na família e na comunidade, o ponto de partida para se pensar em Educação Sexual na escola. Os programas educacionais sobre sexo nunca vão poder ignorar, repudiar, ou mesmo antagonizar as influências primeiras na construção da sexualidade (GUIMARÃES, 1995, p.99).

Mesmo havendo um consenso entre os estudiosos sobre a necessidade de promoção das discussões a respeito da sexualidade, Alencar *et al.* (2008) comentam que, na prática, educadores e pais ainda parecem apresentar dificuldades em abordar o tema com os adolescentes. Continuam afirmando que, muitas vezes, a responsabilidade sobre a abordagem do tema fica somente para o professor de Biologia, uma vez que é o que mais reúne condições para atender a demanda dos adolescentes sobre os questionamentos da sexualidade (ALENCAR *et al.*, 2008). Todavia, Sayão (1997) afirma que se o professor apresenta disponibilidade pessoal para realizar o trabalho de ES, sua área de conhecimento é o que menos importa. Werebe (1998, p.150) afirma que:

[...] todos os professores, qualquer que seja a matéria que ministram, desempenham, consciente ou inconscientemente, uma ação no campo da educação sexual, assim como todos eles ensinam o vernáculo.

Essa ação é representada pela maneira do professor se vestir, agir, pelas ideias e pelos valores por ele transmitidos, entre outros. Pensando nisso, nós professores, e também pesquisadores da área, temos papel fundamental na promoção da sexualidade em nossos ambientes de trabalho, sendo preponderante a capacitação profissional. Assim sendo, precisamos estar preparados para exercer o papel de educadores sexuais e levarmos a ES aos nossos alunos, para não incorrer no risco de ensinar mensagens negativas e preconceituosas. Caso contrário, poderemos contribuir negativamente para a construção de ideias e valores dos adolescentes.

Esta capacitação profissional poderá (e deverá) se dar por meio de formação continuada, uma vez que ela vem para suprir as carências decorrentes das licenciaturas. Um autor que defende esta visão, afirmando ser

o melhor caminho para que a educação possa atingir a qualidade desejada, é Antônio Novoa (1997). Nóvoa (1997), Shön (1997), Perrenoud (1999) comentam a respeito da formação continuada, dizendo que ela é uma possível saída para a melhoria da qualidade do ensino. Corroborando com nossas ideias, Figueiró (2014; 2018) pesquisa a respeito da formação continuada de professores no âmbito da ES. Nunes (2003) reforça a necessidade dos professores procurarem uma formação adequada, com a finalidade de serem capazes de abordar a sexualidade de uma maneira plena.

Pensando nisto, qual seria o papel do professor nas discussões sobre sexualidade dentro do ambiente escolar? Assim como sugere Figueiró (2006) a preocupação de muitos pais e mães está justamente na forma em como é abordado os valores referentes a temática, temendo que seja passados a seus filhos, os valores que eles, professores e professoras, defendem. Certamente não cabe aos professores e professoras incentivarem ou reprimirem acerca dos diversos assuntos que a temática abrange e sim criar oportunidades de reflexão, de forma que os alunos e alunas pensem e discutam com os colegas, a fim de formarem sua própria opinião sobre os diferentes assuntos que a temática abrange. Cabendo então aos professores e professoras que façam com que os alunos e alunas tenham acesso a informações claras, objetivas e científicas sobre a Sexualidade (FIGUEIRÓ, 2006, p. 02).

Posto isto, seguimos o capítulo descrevendo as revisões realizadas nos periódicos, nos anais de eventos e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), ressaltando como escopo a utilização da metodologia de oficinas para o ensino da ES e Sexualidade para adolescentes no ambiente escolar (sala de aula regular). A finalidade é verificar quantitativamente e qualitativamente sobre as publicações, como foram realizadas essas ações e quais os benefícios que trouxeram para os jovens com a sua utilização em sala de aula. Essas revisões serviram de ponto de partida para o desenvolvimento da nossa pesquisa e ações, pelo fato de, por meio delas, percebermos a carência de trabalhos em relação à temática. Finalizamos este subtópico apresentando a revisão a respeito da escolha e uso da metodologia das oficinas, justificando as razões de nossa pesquisa.

## 2.2 REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

A importância na realização da Revisão Sistemática da Literatura (RSL), a partir das análises dos artigos publicados nos periódicos, anais de eventos e teses e dissertações, está na composição para o referencial teórico de qualquer pesquisa. Desta maneira, buscamos em nossas investigações trabalhos que abordassem a temática da ES e Sexualidade. Segundo Galvão e Pereira (2014), a importância da RSL se dá como ferramenta para elucidar resultados contraditórios e como apoio nos estudos de melhor qualidade sobre o assunto.

Ainda Galvão e Pereira (2014) descrevem sobre a importância deste tipo de análise, pois, consonante, “trata-se de um tipo de investigação focada em questão bem definida, que visa identificar, selecionar, avaliar e sintetizar as evidências relevantes disponíveis” (GALVÃO; PEREIRA, 2014, p. 183).

De acordo com Kitchenham (2004), as revisões sistemáticas possuem objetivo de apresentar uma avaliação justa de um tópico de pesquisa metodológica confiável e rigorosa. Logo, complementa, ao escrever, que para se realizar uma RSL é necessário que haja um protocolo/planejamento, a fim de otimização e direcionamento dos dados. Destarte, avançaremos com os resultados encontrados para cada subtópico pertinente às revisões.

### 2.2.1 Nos Periódicos

A escolha das revistas seguiu alguns critérios, como por exemplo, as que fossem revistas brasileiras, que publicassem em Língua Portuguesa, que contemplassem publicações a respeito do ensino de Ciências e que apresentassem Qualis<sup>14</sup> em Ensino (A1, A2, B2 e B1) e também em Educação (A1, A2, B1 e B2) de acordo com a Coordenação de

---

<sup>14</sup> O Qualis-Periódico é um sistema o qual classifica as produções científicas dos programas de pós-graduações no que se refere a publicação de artigos publicados em seus periódicos científicos. A classificação é realizada pelas áreas de avaliação, anualmente. Na Classificação do quadriênio 2013-2016, os veículos foram classificados nos seguintes estratos: A1, mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; C – peso zero. Disponível em: [https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs\\_de\\_area/qualis/ensino.pdf](https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/qualis/ensino.pdf). Acesso em: 22 ago. 2019.

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Periódicos que apresentaram Qualis em Ensino, porém com Qualis baixo (inferior a B2) em Educação não foram considerados, embora nossa atenção esteja centrada ao Ensino. A busca foi realizada em todos os periódicos elencados, no período de 2002 a 2019<sup>15</sup>. Segue a Tabela 01, com as informações a respeito das revistas.

**Tabela 1** - Revistas elencadas na busca inicial da RSL.

ISSN	TÍTULO	ÁREA DE AVALIAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
1980-850X	Ciência & Educação	ENSINO EDUCAÇÃO	A1 A1
1646-401X	Revista Lusófona de Educação	ENSINO EDUCAÇÃO	A1 A1
1983-2117	Ensaio de Pesquisa em Educação em Ciências	ENSINO EDUCAÇÃO	A1 A2
2317-5125	Revista de Educação em Ciências e Matemáticas	ENSINO EDUCAÇÃO	A2 C
1678-2690	Anais da Academia Brasileira de Ciências	ENSINO EDUCAÇÃO	A2 -
1518-8795	Investigações em Ensino de Ciências	ENSINO EDUCAÇÃO	A2 A2
1806-5104	Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências	ENSINO EDUCAÇÃO	A2 A2
2178-7727	Revista Acta Scientiae	ENSINO EDUCAÇÃO	A2 B2
2238-2380	Revista de Educação, Ciências e Matemática	ENSINO EDUCAÇÃO	A2 B2
2176-9230	Revista Práxis	ENSINO EDUCAÇÃO	A2 C

Fonte: as autoras.

Após a análise inicial, fizemos as escolhas das revistas: I) Ciência & Educação, II) Revista Lusófona de Educação, III) Ensaio de Pesquisa em Educação em Ciências, IV) Investigações em Ensino de Ciências, V) Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, VI) Revista Acta Scientiae, VII) Revista de Educação e Ciências e Matemática e VIII) Cadernos de Educação<sup>16</sup>, totalizando oito revistas, para comporem o acervo de nossas buscas. Essa escolha também se deu, considerando que buscávamos selecionar trabalhos que abordassem o Ensino, pois o programa de mestrado

<sup>15</sup> Algumas revistas não foram contempladas por esse período, uma vez que suas publicações se iniciaram posteriormente ao ano de 2002.

<sup>16</sup> A revista Cadernos de Educação foi incluída nas nossas buscas, mesmo apresentando Qualis B1 em Ensino e Educação, pois a consideramos como uma revista de importância.

no qual estamos inseridos é um programa de Mestrado Profissional em Ensino. Desta forma, buscamos artigos que fizessem referência à temática e que nos quais fossem desenvolvidas ferramentas para o ensino de ES no ambiente escolar.

Quanto à inclusão e exclusão dos artigos, foram realizadas seguindo um escopo, no qual incluímos os trabalhos que fossem publicados em Língua Portuguesa; que abordassem as temáticas de ES e Sexualidade com ações de pesquisa desenvolvidas em ambiente escolar (salas regulares), no ensino Fundamental II e/ou Médio; e, posteriormente, se haviam utilizado a metodologia de oficinas. As buscas se deram pela visualização dos títulos dos trabalhos, das palavras-chave e análise dos resumos, e também pela leitura do trabalho na íntegra, quando pertinente.

Como resultado, obtivemos um total de 3586 artigos, dos quais apenas onze com publicações sobre a ES e Sexualidade no ambiente escolar, e destes, nenhum trabalho mencionou o uso da metodologia de oficinas. Os dados desta revisão podem ser visualizados na Tabela 02 que segue:

**Tabela 2** - Informações quantitativas dos periódicos pesquisados, na área de Ensino/Educação em Ciências.

Periódicos	Período	Total de artigos	Sobre o tema	Sobre oficinas nas escolas
Ciência & Educação (Bauru)	2002-2019	802	5	0
Revista Lusófona de Educação	2003-2019	311	1	0
Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)	2002-2019	394	0	0
Investigação em Ensino de Ciências	2002-2019	437	2	0
Acta Scientiae: Revista de Ensino de Ciências e Matemática	2002-2018 <sup>17</sup>	488	1	0
Revista Brasileira em Pesquisa em Educação em Ciências	2002-2019	451	0	0
Revista de Educação, Ciências e Matemática	2011-2019 <sup>18</sup>	210	1	0

<sup>17</sup> A Revista Acta em 2019 passou a publicar somente artigos em Língua Inglesa. Desta forma, não consideramos a contagem dos artigos publicados no ano de 2019, uma vez que a referida pesquisa buscou as suas análises apenas em artigos publicados em Língua Portuguesa.

<sup>18</sup> A revista apresenta em seu site publicações a partir de 2011. Desta forma, iniciamos a contagem de artigos entre o período de 2011-2019.

Cadernos de Educação	2002-2018 <sup>19</sup>	493	1	0
<b>TOTAL</b>		3586	11	0

**Fonte:** as autoras.

Nós percebemos, com essa primeira análise, um campo bastante fértil para as pesquisas na temática. Frente à carência de trabalhos publicados, inferimos que as nossas pesquisas poderão contribuir para melhorias nos estudos e ações da ES.

### 2.2.2 Nos Anais de Eventos

Continuando nossas investigações, de modo a compor o referencial, nós também realizamos a investigação da temática em alguns eventos de ensino. Justificamos, mais uma vez, a escolha de eventos relacionados ao Ensino, pois o programa de Mestrado no qual estamos é um programa de Mestrado Profissional em Ensino, e deste modo, buscamos ações pedagógicas realizadas dentro do ambiente escolar.

Como conduta inicial, realizamos a contagem total de artigos publicados em cada um dos anais desses eventos e, posteriormente, fizemos a seleção com base no título desses artigos, incluindo todos os que continham em seus títulos os descritores “Educação Sexual” e/ou “Sexualidade”. Na sequência, fizemos a observação das palavras-chave e dos resumos, de modo a realizar a inclusão ou a exclusão dos trabalhos que foram selecionados no início das buscas, seguindo o critério de artigos com abordagem da metodologia de oficinas.

Os eventos selecionados foram: a) Congresso Internacional de Ensino (CONIEN), que é um congresso promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEN) da Universidade Estadual do Norte do Paraná – *campus* de Cornélio Procópio (UENP-CCP), ao qual pertencemos; b) Encontro Nacional de Pesquisa em Educação (ENPEC), desenvolvido pela Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC) e c) Simpósio Nacional de Educação de Ciências e Tecnologia (SINECT), vinculado

<sup>19</sup> Até 02 de agosto de 2019 a revista não havia publicado nenhuma edição para o ano decorrente.

ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciência e Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (*UTFPR*). Maiores detalhes da pesquisa podem ser observados em Massan e Frasson-Costa (2019).

Fazendo referência às análises dos anais, chegamos ao total de 10.921 artigos. Destes, 58 fizeram referência à temática da Sexualidade e ES. Porém, apenas um deles referiu-se ao objetivo do presente levantamento sistemático, ao investigar sobre a abordagem metodológica em forma de oficinas nas escolas. Com o intuito de facilitarmos a visualização dos dados, trazemos a Tabela 03.

**Tabela 3** - Informações quantitativas dos anais de eventos pesquisados, na área de Ensino/Educação em Ciências.

<b>ANAIS DE CONGRESSOS</b>			
<b>Evento</b>	<b>Total de artigos</b>	<b>Sobre o tema</b>	<b>Sobre oficinas nas escolas</b>
SINECT – Simpósio Nacional de Ensino de Ciências e Tecnologia (I, II, III, IV, V e VI)	1.562	9	0
ENPEC – Encontro Nacional de Pesquisas em Educação em Ciências (I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X e XI)	9.045	46	0
CONIEN – Congresso Internacional em Ensino (I e II)	314	3	1
<b>TOTAL</b>	<b>10.921</b>	<b>58</b>	<b>1</b>

Fonte: as autoras.

Analisadas as seis edições do SINECT, com um total de 1.562 artigos, apenas nove se referiam à nossa temática de pesquisa, e nenhum deles se enquadrava no objetivo traçado.

As análises do ENPEC<sup>20</sup>, realizadas nas onze edições (I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X e XI), contaram com um total de 9.045 artigos. Destes,

<sup>20</sup> A XII edição ocorreu no mês de julho, porém os anais ainda não estão disponíveis.

46 artigos se referiam ao tema de Sexualidade e/ou ES, aproximadamente 0,5% dos artigos publicados, e nenhum se enquadrava ao objetivo dessa revisão quanto ao uso de oficinas nas escolas.

E por fim, no CONIEN, com duas edições, pudemos conferir que, dos 314 artigos publicados, apenas três artigos fizeram referência ao objetivo deste levantamento. Porém, apenas um se referiu à utilização da metodologia de oficinas.

O trabalho que seguiu o escopo traçado nesta revisão é intitulado: “Sexualidade, verdades e mentiras: temática do PIBID Biologia”, cuja pesquisa foi desenvolvida pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, de autoria de Marinho, Cruz e Oliveira (2017).

O artigo apresenta um trabalho desenvolvido em três escolas paranaenses, uma na região central de Londrina, outra na região periurbana de Cambé e a última, em uma escola na região rural do município de Primeiro de Maio. Fizeram parte da pesquisa 206 estudantes, do 7º ano do ensino fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, envolvendo os períodos matutino e vespertino. Os alunos responderam a um questionário, que apresentava nove afirmativas a serem julgadas pelos participantes como verdadeiras ou falsas. Depois, participaram de oficinas que apresentavam o objetivo de “trabalhar a sexualidade na escola” (MARINHO; CRUZ; OLIVEIRA, 2017, p. 700). Ainda segundo as autoras, “a oficina oferece um ambiente de descontração dentro da sala, o que deixa os estudantes mais confiantes para levantarem suas dúvidas e incertezas” (p. 700). Elas finalizaram o artigo discorrendo sobre como as oficinas puderam auxiliar os alunos:

As oficinas tiveram a finalidade de levar informação, ampliar os conhecimentos na temática, dar oportunidade de esclarecer aspectos básicos do desenvolvimento e equilíbrio emocional para viver uma sexualidade segura sem tabus, livre de preconceitos ainda presente em muitos espaços da sociedade. Os estudantes foram, desde o início das atividades previstas, muito participativos e aproveitaram aquela atividade conosco para sanar suas dúvidas, curiosidades, mentiras e conhecimentos (MARINHO; CRUZ; OLIVEIRA, 2017, p. 707).

A pesquisa corroborou com nossa escolha, uma vez que indicou os benefícios que a metodologia das oficinas proporciona aos

estudantes, para levarmos os conhecimentos sobre a ES e Sexualidade aos nossos alunos.

### 2.2.3 Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD

Realizamos análises, também, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com o intuito de sabermos sobre as publicações acadêmicas a respeito da temática em questão. A pesquisa exploratória foi realizada, contemplando trabalhos escritos em Língua Portuguesa. Utilizamos descritores e suas combinações na máquina de buscas da BDTD, sendo eles: “*Educação Sexual*”, “*Sexualidade*” e “*Ensino Fundamental*”, restringindo as buscas entre aspas com o intuito de refiná-las. Vale ressaltar que os resultados sintetizados compreenderam o período de busca, dentro da plataforma, entre 06/03/2019 a 20/03/2019.

A *a priori*, catalogamos as dissertações e teses nos quais os títulos e palavras-chave, escritos em língua portuguesa, apresentavam referências a ES e Sexualidade. Posteriormente, analisamos seus resumos, de modo a verificar se utilizaram metodologia de oficinas durante o desenvolvimento de suas pesquisas. Nesta busca, nos deparamos com 59 trabalhos. Destes, 51 dissertações e 08 teses, com maior concentração no ano de 2015. Dos 59 trabalhos, 16 fizeram parte do escopo elencado por nós, sendo 13 dissertações e 03 teses. Destes 16, nenhum fez referência ao uso da metodologia de oficinas, e o que mais notamos nos trabalhos foi a utilização de jogos como estratégia metodológica, bem como a pesquisa-ação como metodologia de pesquisa. Vale ressaltar que não filtramos um período para as buscas (em anos), pois, quando as realizamos, o resultado total foi satisfatório para as análises.

Os resultados obtidos nesta primeira busca estão demonstrados no Quadro 01.

**Quadro 1** - Informações quantitativas de Teses e Dissertações obtidos nas análises do BDTD (análise 1).

<b>AUTOR/ANO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>INSITUIÇÃO/ CATEGORIA</b>
<b>MOIZES, Julieta Seixas. 2010</b>	Educação sexual, corpo e sexualidade na visão dos alunos e professores do ensino fundamental.	Universidade de São Paulo Tese
<b>OLIVEIRA, Célia Maria Soares de 2006</b>	Educação sexual na escola - concepções e práticas.	Universidade Federal do Ceará Dissertação
<b>BERTOLINI, Débora Brandão 2015</b>	Sexualidade e adolescência: rodas de conversa e vivências em uma escola de ensino fundamental	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Dissertação
<b>BUENO, Rita Cassia Pereira 2018</b>	A história da criação do papo jovem: um projeto de educação sexual integrado ao currículo de uma escola de ensino fundamental e médio	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Dissertação
<b>KONRATH, Véra Lucia. 2012</b>	Educação sexual nas escolas: marcas e concepções culturais	Universidade Valo do Taquari Dissertação
<b>SANTANA, João Rogério Menezes de 2013</b>	Sexualidade e gênero: percepções de estudantes e professoras do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Itabaiana	Universidade Federal de Sergipe Dissertação
<b>BRANCO, Aline Santana Castelo 2016</b>	Educação sexual e comunicação: o rádio como alternativa pedagógica nas escolas a partir de uma intervenção	Universidade Estadual Paulista Dissertação
<b>RABELLO, Sylvia Helena dos Santos 2012</b>	Sexualidade, gênero e pedagogias culturais: representações e problematizações em contexto escolar	Universidade Estadual Paulista Dissertação
<b>SOARES, Marina Nunes Teixeira 2012</b>	Existir e deixar existir: possíveis contribuições do Ensino de Ciências à educação sexual de jovens e adultos à luz de uma abordagem emancipatória de ensino	Universidade Federal de Brasília Dissertação
<b>BARBOSA, Luciana Uchôa 2015</b>	Concepções de adolescentes acerca da sexualidade	Universidade Federal do Rio Grande do Sul Dissertação
<b>SERAFIM, Marcus Vinicius Veiga 2015</b>	A produção de jogos didáticos como ferramenta para promover a aprendizagem sobre tópicos de orientação sexual	Universidade de Caxias do Sul Dissertação

<b>KRÜGER, Karin Elizabeth 2018</b>	Sexualidade e deficiência intelectual: uma proposta de criação de material didático-pedagógico para intervenção escolar no município de Araraquara - São Paulo - Brasil.	Universidade Estadual Paulista Dissertação
<b>MENDES, Patrícia de Oliveira e Silva Pereira 2005</b>	Adolescência, gênero e AIDS nos significados atribuídos por jovens de três escolas de Florianópolis	Universidade Federal de Santa Catarina Dissertação
<b>FACHIM, Felipe Luis 2017</b>	Quem vai falar da e com a juventude LGBTT na escola pública?: um estudo junto a uma EMEF de São Paulo à luz do pensamento fenomenológico	Universidade Católica de São Paulo, São Paulo Dissertação
<b>CAMPOS, Maryane Oliveira 2013</b>	Comportamento sexual e uso de substâncias psicoativas em adolescentes brasileiros: fatores contextuais associados	Universidade Federal de Minas Gerais Tese
<b>MELO, Mônica Cecília Pimentel de 2017</b>	Sexualidade na adolescência: entrelaçando atitudes, posturas e estratégias em sala de aula com o apoio da Estratégia Saúde da Família	Universidade Federal do Rio Grande do Sul Tese

Fonte: as autoras.

Outra busca foi realizada com o intuito de investigação sobre a temática desenvolvida por meio de oficinas. Para isso, utilizamos os descritores e suas combinações na máquina de buscas do BDTD: “*educação sexual*”, “*sexualidade*” e “*oficinas*”, restringindo as buscas entre aspas com o intuito de refiná-las. Vale ressaltar que os resultados sintetizados compreenderam as buscas, dentro da plataforma, no dia 15/03/2019.

Nesta análise, obtivemos um total de 16 pesquisas *stricto sensu*. Destes, 12 dissertações e 4 teses, com maior concentração no ano de 2016. Dos 16 trabalhos encontrados, 5 fizeram referência a temática da ES e/ou Sexualidade no ambiente escolar e também atenderam às nossas buscas por utilizarem oficinas como ferramenta de ensino. Destes cinco, três são teses e duas são dissertações. Na tabela que segue, pode-se observar mais sobre os dados obtidos.

**Quadro 2-** Informações quantitativas de Teses e Dissertações obtidos nas análises do BDTD (análise 2).

<b>AUTOR/ANO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>INSITUIÇÃO/ CATEGORIA</b>
<b>FRASSON-COSTA, Priscila Caroza 2012</b>	Os patamares de adesão das escolas à educação sexual	Universidade de São Paulo Tese
<b>MEDEIROS, Selma Zelandra 2000</b>	Método para educadores na arte de ensinar-aprender a sexualidade do adolescente: uma proposta participativa	Universidade Federal de Santa Catarina Dissertação
<b>JESUS, Marta Inês Almeida de 2018</b>	Educação sexual com adolescentes: promovendo saúde e socializando boas práticas nas relações sociais Santa Maria/RS – Brasil 2018	Universidade Franciscana Dissertação
<b>MELO, Mônica Cecília Pimentel de 2017</b>	Sexualidade na adolescência: entrelaçando atitudes, posturas e estratégias em sala de aula com o apoio da Estratégia Saúde da Família	Universidade Federal do Rio Grande do Sul Tese
<b>LACHTIM, Sheila Aparecida Ferreira 2018</b>	Fala sério: um aplicativo desenvolvido com jovens sobre suas necessidades de saúde	Universidade São Paulo Tese

**Fonte:** as autoras.

### 2.3 METODOLOGIA DE OFICINAS

A opção pela metodologia de oficinas fez-se após leituras, revisões e estudos sobre a abordagem da temática. As oficinas, de acordo com pesquisadores como Paiva (2000), Afonso (2002), Rena (2001), Maheire *et al.* (2005), Fagundes e Barbosa (2007); Frasson-Costa (2012; 2016), Figueirêdo *et al.* (2016) foram eficientes, segundo suas respectivas pesquisas. Destarte, objetivamos a elaboração de uma sequência de oficinas para atender aos nossos objetivos.

As oficinas, segundo Paviani e Fontana (2009, p. 78), são “uma forma de construir conhecimento com ênfase na ação, sem perder de vista, porém, a base teórica”. Desta forma, percebemos as oficinas como espaços para formação e reflexão, os quais oportunizarão a troca de saberes, por meio

de ações coletivas e determinadas experiências (SILVA; FERRAZ, 2012). As trocas de experiências podem ser pessoais e de grupo, partindo da realidade para a reflexão (CAMARGO; FERRARI, 2009).

Sendo assim, buscamos, com as oficinas, oportunizar momentos para a permuta de saberes, uma vez que, para tratarmos sobre os assuntos que envolvem a sexualidade, precisamos perceber quais são os temas-problemas enfrentados no ambiente escolar investigado. Nas palavras dos autores

Uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: *sentir-pensar-agir*, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, *a metodologia da oficina muda o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão*. Em outras palavras, numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva (PAVIANI; FONTANA, 2009, pág. 78, grifos das autoras).

Logo, entendemos que as oficinas dão suporte às nossas ações, pois buscamos que os adolescentes se apropriem dos conhecimentos da sexualidade, construam e produzam seus conhecimentos de forma reflexiva, a fim de que tenham uma abordagem emancipatória da sexualidade (FIGUEIRÓ 2010; 2014), que estejam comprometidos e engajados com as transformações sociais, e que possam conduzir discussões sobre os diferentes temas que a temática aborda.

Pensando nisso, para introduzir o ensino de ES dentro da escola, devemos realizá-lo com o intuito de oportunizar aos educandos o diálogo, dando voz aos adolescentes. Assim, eles podem sanar suas dúvidas, aprender sobre a sexualidade humana, expressar suas opiniões e seus sentimentos diante dos assuntos relacionados à temática, aprender sobre as necessidades básicas do seu corpo, enfim, podem perceber a sua sexualidade como algo positivo, livre de tabus e com saúde, além de serem preparados para um comprometimento com as transformações sociais e compreensão das diferenças.

De acordo com Pinto (1997), o ensino de ES deve acontecer promovendo a “*subjetivação do conhecimento*”, ou seja, a transformação do conhecimento, a vinculação entre o conteúdo proposto e a vida cotidiana dos

adolescentes. Assim sendo, as intervenções devem levar em conta os contextos familiar e social em que eles estão, com o intuito de compreender as crenças e os valores que permeiam sua vivência (PINTO, 1997). Para além, as intervenções devem respeitar a pluralidade de ideias presentes na sociedade e a adequação da linguagem à faixa etária e grupo (MANO; GOUVEIA; SCHALL, 2009).

Ao retomar a metodologia de oficinas, com base nos autores supracitados, observando os benefícios que elas proporcionam aos adolescentes, acreditamos que sejam instrumentos que viabilizam e dinamizam os processos de discussões em grupo. Ainda sobre os benefícios das oficinas, Afonso (2002) salienta que elas apresentam propostas de aprendizagem compartilhada, cujo objetivo é construir coletivamente o conhecimento. Por meio das oficinas, conforme registram Soares *et al.* (2008), são possibilitados aos adolescentes o trabalho em equipe e os aspectos cognitivos e afetivos da sexualidade, combinando ideias, valores, práticas e comportamentos.

Portanto, as oficinas, como apontam Fagundes e Barbosa (2007, p. 17), “são ações educativas em que o trabalho dos educadores não se restringe ao plano intelectual ou cognitivo”, mas irão envolver “principalmente mudanças de comportamentos, atitudes e valores”. Tais autores também serviram para compor nosso objetivo central, o qual é oportunizar momentos de aprendizagem de conhecimentos científicos para esses adolescentes com o intuito de refletir sobre valores, atitudes positivas e comportamentos saudáveis.

Apesar de ainda ser uma ação pedagógica pouco utilizada, conforme escreveu Schiavon (2018), elas são “recursos válidos e justificam o método” (p. 44). Por valorizarem as discussões e experiências em grupos, estimulam a autonomia das decisões de forma responsável (MELO, 2017), e por poder ser realizada por meio de diferentes tipos de atividades (PATRICIO, 1995) elas permitem que determinado assunto seja aprimorado ou conhecido, sem que haja conceitos preestabelecidos (MELLO *et al.*, 2008; FONSECA; AMARAL, 2012), possibilitando exceder o caráter vertical de transmissão de conhecimento recorrente nas práticas pedagógicas tradicionais, como salienta Afonso (2003).

Como características das oficinas, entendemos que servem para diagnosticar a prática, como salientam Fagundes e Barbosa (2007), pois

elas irão demonstrar o que as pessoas pensam, sentem, vivem e desejam. As autoras sugerem no livro “Oficinas sobre Sexualidade e Gênero”, a indicação de condições necessárias para a realização de oficinas eficientes. Por exemplo, “o ambiente físico, o acolhimento afetivo, a postura física receptiva, o senso de observação, a escuta sensível e a observância de normas de convivência” (FAGUNDES; BARBOSA, 2007, p.18). Assim, em nossas ações, nos preocupamos em oportunizar ambiente aconchegante, receptível e amigável, além de estarmos atentas às falas e expressões corporais de todos os envolvidos, para darmos a eles acolhimento e oportunizar que se sentissem bem para o desenvolvimento de todas as atividades propostas. E também favorecer emocionalmente um ambiente em que se sentissem seguros e confiantes para doarem-se às oficinas.

Entendemos as oficinas, então, como um ambiente de aprendizado, de troca de informações, de descoberta, de expor dúvidas e saná-las, na medida do possível, assim contribuindo para que os alunos tenham uma visão positiva da sexualidade, exercendo-a livre de tabus e preconceitos.

## 2.4 JUSTIFICATIVA

Mediante o exposto a respeito das RSL e metodologias de oficinas supracitadas no decorrer do capítulo, somos cientes em relação a urgência e importância de pesquisas envolvendo a temática da ES e Sexualidade. Posto isso, após verificação dos resultados obtidos por meio das análises dos periódicos, anais e BDTD, inferimos a ausência significativa de trabalhos relacionados à temática nos três processos de investigação.

Diante da carência de trabalhos publicados a respeito do tema, evidenciamos um campo fértil a ser explorado, visando futuras contribuições e melhorias em relação à temática e suas dificuldades. Desta forma, reafirmamos e justificamos nossa pesquisa devido a necessidade de auxiliar na condução dos assuntos ligados à sexualidade dos adolescentes, principalmente no ambiente escolar.

### 3 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, falaremos a respeito dos encaminhamentos metodológicos utilizados para desenvolvimento, aplicação e aporte teórico da análise dos resultados obtidos com a aplicação do Produto Educacional desenvolvido. Iniciaremos com uma breve apresentação da escola que foi escolhida para aplicação do Produto Educacional “Oficinas de Sexualidade”, dando sequência com a descrição dos participantes da pesquisa, um breve relato sobre as etapas necessárias para desenvolvimento das mesmas e o aporte teórico utilizado para análise dos dados obtidos.

#### 3.1 A ESCOLA

Destaca-se, inicialmente, que todos os dados referentes à escola foram extraídos do Projeto Político Pedagógico – PPP, do ano de 2017.

##### 3.1.1 Histórico, caracterização e informações da escola

A escola pesquisada<sup>21</sup> ocupa o espaço físico doado pelo então Major João Carlos de Faria. No momento de sua inauguração, em 1959, recebeu o nome de Grupo Escolar “Vila Independência”, passando posteriormente a se chamar Grupo Escolar “Major João Carlos de Faria”, em 1963, com o decreto nº 12.308/63. Em 1983, com a Resolução nº 806/83 de 08/03/83 foi autorizada a funcionar com o nome de Escola Estadual “Major João Carlos de Faria” – Ensino de 1º Grau Regular e Supletivo. Com a extinção da função de Suplência de Educação e com a implementação de 5ª a 8ª séries do 1º grau, a escola passou a denominar-se Escola Estadual “Major João Carlos de Faria” – Ensino de 1º Grau, de acordo com a Resolução nº 284/89 publicado no Diário Oficial nº 2.956 de 14/02/89.

Apresenta ampla estrutura física, com 1048,53 m<sup>2</sup> de área, que é compartilhada com a Escola Municipal “Alice Correa Diniz”. Atende os alunos do 6º ao 9º ano, com idade entre 10 e 14 anos, com variáveis até 17 anos.

---

<sup>21</sup> O documento de aceite da escola para participar da pesquisa pode ser visualizado no Apêndice A.

Alguns desses alunos residem no próprio bairro onde a escola se localiza, mas também recebe alunos dos bairros próximos.

A escola atende nos períodos matutino e vespertino, e recebe alunos do 6º a 9º anos do Ensino Fundamental, somando um total de 233 alunos, segundo os dados de 2018. No período vespertino, é ofertada a Sala de Apoio à Aprendizagem a alunos do 6º ano, com atendimento nas Disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, por meio de uma parceria com o SESC (Serviço Social do Comércio). Também no período vespertino, são ofertadas atividades de Complementação Curricular em Contra turno, o Programa Novo Mais Educação (com aulas de Matemática e Língua Portuguesa), aos alunos do 7º e 8º anos. Há, ainda, oferta de atividades em Aulas Especializadas de Treinamento Esportivo, com a modalidade de Futsal. E mais, na Escola, são direcionadas ações a alunos que apresentam laudo médico na Sala de Recursos Multifuncional, um serviço de apoio complementar especializado, de natureza pedagógica. Este serviço é ofertado a estudantes que apresentam deficiência intelectual, deficiência física, neuromotora, transtornos globais do desenvolvimento e transtornos funcionais específicos, e que estão matriculados na Rede Pública de Ensino.

A comunidade atendida pela escola é composta por pessoas da classe trabalhadora, que exercem atividade principalmente no comércio, instituições de saúde e instituições educacionais. Outros ainda executam tarefas simples em profissões informais como: diaristas, serventes e guardiões, e muitos estão desempregados.

Conforme trecho extraído do PPP (2017), os alunos apresentam pouca disciplina<sup>22</sup> e dificuldades na aprendizagem. Eles apresentam interesse em aprender e gostam de estar na escola, mas “apresentam dificuldades de aprendizagem e pouca disciplina nas atividades escolares que são superadas com um bom trabalho pedagógico (PPP, 2017, p. 7)”. Segundo dados da secretaria, no ano de 2018, o atendimento aos alunos pode ser analisado na Tabela 06:

---

<sup>22</sup> No PPP datado de 2017, não apresenta uma conceituação ou referencial para explicar ou relacionar o que é a “pouca disciplina” mencionada em seu documento.

**Tabela 4 - Número de Alunos por Turma – Ano Letivo 2018**

<b>ANO</b>	<b>Número de Alunos</b>
<b>6º ANO (matutino) – 1 turma</b>	30
<b>6º ANO (vespertino) – 1 turma</b>	30
<b>7º ANO (matutino) – 2 turmas</b>	58
<b>8º ANO (matutino) – 2 turmas</b>	47
<b>9º ANO (matutino) – 2 turmas</b>	51

**Fonte:** Escola Estadual “Major João Carlos de Faria” (2019).

### 3.2 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Com a finalidade de conhecer mais os problemas e situações que deveriam ser discutidos durante as oficinas, optamos por realizar entrevistas semiestruturadas. A escolha ocorreu pelo fato de elas possuírem questões abertas, o que garante ao entrevistador liberdade de condução da entrevista, podendo haver maior exploração quando pertinente. Fundamentada por Marconi e Lakatos (2003), a entrevista é um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

Gil (2008) explica, ainda, que as entrevistas são definidas como técnicas nas quais o investigador apresenta e formula perguntas aos entrevistados, com objetivo de obter dados referentes à investigação que lhes está sendo proposta. Ela não é utilizada somente para coleta de dados, mas apresenta objetivos voltados a diagnósticos e orientação. Ele amplia as ideias ao escrever que, por apresentar-se bastante flexível, as entrevistas são adotadas como técnica fundamental de investigação nos diversos campos.

Em nossas pesquisas, as entrevistas serviram para reconhecimento da situação encontrada nas escolas no que dizia respeito à ES e a Sexualidade. Também nos auxiliaram no primeiro contato com os alunos, de modo a perceber as noções sobre Sexualidade, os possíveis esclarecimentos recebidos sobre a temática e, para no momento das oficinas, sabermos quais os passos que poderíamos adotar.

### 3.2.1 Entrevistas com professoras<sup>23</sup>

As entrevistas realizadas com as professoras aconteceram com o intuito de estabelecer maior aproximação, para saber sobre como estas realizam as abordagens da temática de ES e Sexualidade com suas turmas, no dia a dia em sala de aula. Também para investigar a realidade desses alunos e alunas, de modo a entender a necessidade e importância dos temas que foram abordados nas oficinas, os quais fazem referência às temáticas.

Por meio das entrevistas semiestruturadas, percebemos se são trabalhados ou não (se sim, como são trabalhados) os temas relacionados à sexualidade nas turmas dos nonos anos, turmas estas que foram oferecidas a oportunidade de realização do projeto de “Oficinas de Sexualidade”.

As entrevistas semiestruturadas realizadas com as professoras das turmas de nono ano da Escola Estadual “Major João Carlos de Faria” aconteceram no mês de setembro de 2018. O roteiro semiestruturado para a entrevista (Apêndice B) foi elaborado pelas pesquisadoras e revisado por pesquisadores da área, a fim de validação das questões.

Foram entrevistados 8 professores, sendo sete do sexo feminino e um do sexo masculino. As professoras entrevistadas ministram as disciplinas de Português, Matemática, Ciências (duas professoras), História, Geografia, Arte e Inglês, com idades variando entre 35 a 55 anos, aproximadamente. O tempo de magistério entre as professoras varia de 8 anos a 26 anos em sala de aula. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, com o gravador do celular IPHONE 7, para posterior transcrição e utilização, compondo assim o acervo de dados disponíveis para posterior análise. Todos

---

<sup>23</sup> Por apresentar apenas um professor do sexo masculino, passaremos a utilizar no decorrer da pesquisa o genérico feminino para expressar a categoria, portanto, professoras.

assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C), e o parecer ético da pesquisa é o de nº 3.228.793.

Foram necessários dois dias para a realização das entrevistas, pois aconteceram no horário de hora atividade (horário de preparo pedagógico) destinado aos professores das turmas. Após a realização das entrevistas semiestruturadas, foi apresentado às professoras e ao professor o roteiro das “Oficinas de Sexualidade”, no qual estavam descritos o tema, os objetivos de cada oficina, os materiais utilizados, bem como o detalhamento de cada uma das quatro oficinas, para que as professoras fizessem suas considerações. As considerações foram analisadas e incorporadas ao roteiro das oficinas, buscando deixá-lo o mais adequado à realidade dos adolescentes que foram atendidos.

### 3.2.2 Entrevistas com os alunos

O roteiro semiestruturado para a entrevista com os alunos e alunas (Apêndice D) foi elaborado pelas pesquisadoras e revisado por pesquisadores da área a fim de validação das questões. As entrevistas contribuíram com informações referentes ao que os alunos entendiam sobre sexualidade, quais seriam os interlocutores para que esclarecimentos fossem apresentados, e em quais locais e/ou ambientes eles buscam informações para sanar suas dúvidas.

As entrevistas aconteceram no mês de outubro de 2018. No total, foram entrevistados 10 alunos, sete do sexo feminino e três do sexo masculino, com faixa etária entre 14 e 15 anos. Vale ressaltar que as oficinas foram oferecidas as duas turmas de nonos anos da escola, totalizando 51 alunos, porém houve o retorno de apenas 10 destes alunos para participarem das oficinas. Entre os membros do grupo entrevistado (e participante), havia a presença de um bissexual e uma lésbica, ambas situações foram reveladas pelos próprios alunos durante as entrevistas.

Todos os alunos e alunas, entrevistados e participantes da pesquisa, levaram as documentações para que fossem assinadas por seus pais, mães ou responsáveis, sendo eles: o Termo de Conscientização Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice E) e o Termo de Assentimento (TA) (Apêndice

F). Esses documentos são necessários devido ao enquadramento de pesquisas, a serem realizados com seres humanos, para obtenção do Parecer do Comitê de Ética, conforme anexado a Plataforma Brasil (o número do parecer da pesquisa é nº 3.228.793). Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, com o gravador do celular IPHONE 7, para posterior transcrição e utilização, compondo assim o acervo de dados disponíveis para a análise.

Foram necessários dois dias para a realização das entrevistas. No primeiro dia, foram entrevistados oito alunos, os quais participaram também da primeira oficina. As entrevistas aconteceram antes da intervenção, de modo a fazer as aproximações com a Educação Sexual, como já foi salientado. Os outros dois alunos foram entrevistados no segundo dia de oficinas, anterior ao desenvolvimento delas, uma vez que começaram a participar apenas no segundo encontro.

### 3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Optamos pela escolha do nono ano do Ensino Fundamental II pelo fato desses alunos e alunas já terem tido contato com o conteúdo dos Sistemas Reprodutores: feminino e masculino, que envolvem questões sobre os órgãos genitais e suas funções, além das questões hormonais, menstruação, entre outros. Esses conteúdos são abordados pelos livros didáticos do oitavo ano na disciplina de Ciências. No período das oficinas (2018), o livro didático em uso pelas escolas era o Projeto Teláris, da Editora Ática e autoria de Fernando Gewndznajder.

Outro aspecto importante para a escolha deste ano do Ensino Fundamental II foi a faixa etária, entre 14 e 15 anos, pois são adolescentes, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que indica a faixa de 12 a 18 anos, em que as meninas têm os primeiros episódios de menstruação. Por consequência, pode haver gravidez não planejada. Desta maneira, reforçamos e esclarecemos a escolha do nono ano para a intervenção com as “Oficinas de Sexualidade”.

### 3.4 ELABORAÇÃO DAS OFICINAS

Para a escolha dos temas que foram abordados nas “Oficinas de Sexualidade”, o primeiro critério foi escolher temas que haviam sido previamente apresentados aos alunos, de modo a debater esses assuntos. Para tanto, foi realizada uma análise no livro didático de Ciências<sup>24</sup> do oitavo e nono ano, para averiguar quais os temas são abordados nessas turmas. Após as análises, verificamos que é no oitavo ano que há maior aproximação com a ES de modo planejado.

Nessas turmas, segundo o planejamento, é o momento em que são introduzidas as questões referentes ao funcionamento biológico humano, o qual compreende o estudo de todos os sistemas presentes no ser humano, sendo o sistema sexual um deles. Percebemos, no contato com professores e professoras de diferentes escolas e nos materiais didáticos, que quanto ao sistema sexual, pouco é discutido sobre o que o acompanha, como, por exemplo, questões hormonais, ciclo menstrual, IST, entre outros conteúdos. Esses conteúdos, por estarem presentes somente no final do material são estudados mais ao final do ano letivo (geralmente são apresentados no último bimestre/trimestre/semestre), de forma rápida, sem a realização de considerações adequadas, além de discussões e apresentações das temáticas que envolvem o tema.

Optamos por abordar os sistemas reprodutores, oportunizando os conhecimentos científicos aos alunos e alunas acerca das estruturas mais importantes e suas funções para homens e mulheres, e também a importância dos mesmos no momento da reprodução. Junto a esses assuntos, vimos a necessidade de abordar o ciclo menstrual e a menstruação.

Além das questões envolvendo os sistemas reprodutores, órgãos genitais e menstruação, trabalhamos o tema higiene e higienização íntima. Ainda sobre questão dos cuidados pessoais, não deixamos de fora os cuidados e prevenção das IST. Discutimos a respeito dos perigos de uma relação sexual desprotegida (sem uso de preservativos), além de formas de contaminação das IST e sobre os mitos e verdades sobre as maneiras de se contrair tais infecções, modo de prevenção e o uso do preservativo.

---

<sup>24</sup> Projeto Teláris, da Editora Ática e autoria de Fernando Gewndznajder.

Concomitante ao uso de preservativos para proteção contra IST, foi necessário discutir sobre os métodos contraceptivos, uma vez que todos esses assuntos estariam correlacionados, além da abordagem da gravidez não planejada.

### 3.5 AS FASES DA PESQUISA

#### 3.5.1 Primeira fase

A primeira fase da pesquisa consistiu em apropriação do referencial utilizado para embasamento das nossas ações futuras. Para tanto, realizamos uma Análise Sistemática da Literatura a partir do escopo previamente definido, e que foi o norteador de nossas investigações.

A fundamentação é pautada em pesquisadores como Werebe (1998), Nunes (1996; 2003), Paiva (2000), Ribeiro (2004; 2005), Figueiró (2010; 2014), Frasson-Costa (2012; 2016) e Louro (2016), os quais são grandes referências nos estudos de Educação Sexual e Sexualidade.

Após as análises, concordamos que há pouco material que faz referência ao ensino da ES no ambiente escolar, como pode ser conferido em Massan e Frasson-Costa (2019), que é parte das análises realizadas pelas autoras.

Concomitante às nossas investigações, fizemos uma abordagem inicial na escola para verificar a possibilidade de aplicação e desenvolvimento de nossos trabalhos de ES e Sexualidade em suas dependências. A equipe gestora prontamente atendeu as nossas expectativas e aceitou que fossem desenvolvidas todas as atividades.

#### 3.5.2 Segunda fase

A segunda fase da pesquisa consistiu na elaboração da sequência de “Oficinas de Sexualidade” e que posteriormente se consolidou em nosso Produto Educacional. Juntamente com a elaboração das oficinas, realizamos as investigações com os professores da turma de nono ano, cujos

alunos foram os sujeitos de pesquisa e agentes participantes da intervenção e desenvolvimento das atividades que compuseram nosso material.

As investigações se realizaram por meio de entrevistas semiestruturadas, as quais já foram descritas no tópico 3.2.1. Após as entrevistas com os professores, aperfeiçoamos o roteiro das “Oficinas de Sexualidade” e realizamos a intervenção com os alunos do nono ano. Porém, antes das oficinas, realizamos, também com os alunos, uma coleta de dados por meio de entrevista semiestruturada, de modo a investigar como o assunto de Sexualidade se manifestava nas turmas dos nonos anos. As descrições das entrevistas foram indicadas no subtópico 3.2.2 deste trabalho.

Assim, após as entrevistas, realizamos o desenvolvimento das oficinas. Elas aconteceram em quatro encontros, um encontro por semana, realizados nas terças-feiras, com duração de duas horas cada encontro. Contamos com a ajuda de dois alunos de graduação (um de Ciências Biológicas e outro de Fisioterapia), para auxílio nas atividades, e de fotos e filmagens da professora de Ciências do nono ano, a qual nos acompanhou durante todo o período de desenvolvimento de atividades. Segue o Quadro 01 com um breve resumo das oficinas<sup>25</sup>.

### **Quadro 03 - Apresentação das Oficinas de Sexualidade.**

Oficina / Tema	Objetivo
<p><b><u>Oficina:</u> Sexualidade e Gênero</b></p> <p><b><u>Tema:</u> Sexualidade e gêneros.</b></p>	<p><u>Objetivos:</u> Os objetivos elencados nessa primeira oficina foram: detectar nos adolescentes suas dúvidas, quais os assuntos que mais chamam a atenção a respeito da temática da sexualidade, e que mais merecem destaque segundo eles; proporcionar um ambiente descontraído e acolhedor, deixando os adolescentes a vontade para falarem sobre suas dúvidas; e discutir a respeito dos gêneros.</p>

<sup>25</sup> Uma descrição mais esclarecedora pode ser visualizada no Apêndice G.

<p><b><u>Oficina:</u> Corpo Reprodutivo Masculino e Feminino, Menstruação e Higiene Íntima</b></p> <p><b><u>Tema:</u> Órgãos sexuais, menstruação e higiene íntima.</b></p>	<p><b><u>Objetivos:</u></b> Os objetivos elencados na nossa segunda oficina foram: diferenciar os corpos feminino e masculino, bem como conhecer as alterações que ocorrem em cada um deles; entender a menstruação e o uso do absorvente; e conhecer e aprender sobre higiene íntima, masculina e feminina.</p>
<p><b><u>Oficina:</u> Infecções Sexualmente Transmissíveis</b></p> <p><b><u>Tema:</u> Infecções Sexualmente Transmissíveis e cadeia de transmissão.</b></p>	<p><b><u>Objetivos:</u></b> Os objetivos elencados na terceira oficina foram: oportunizar conhecimentos científicos aos adolescentes a respeito das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), como elas são passadas de um indivíduo para outro e como podemos nos prevenir; e falar sobre a importância do uso do preservativo.</p>
<p><b><u>Oficina:</u> Métodos Contraceptivos</b></p> <p><b><u>Tema:</u> Métodos Contraceptivos.</b></p>	<p><b><u>Objetivos:</u></b> Os objetivos elencados da nossa última oficina foram: oportunizar conhecimentos científicos aos adolescentes sobre os diferentes métodos contraceptivos e sua importância; Discutir sobre o sexo seguro e seus benefícios; e conversar sobre os prejuízos de uma gravidez não planejada.</p>

Fonte: as autoras.

### 3.5.3 Terceira fase

Após a intervenção de todas as oficinas, passamos para a terceira e última fase de nossas pesquisas. Esta última fase consistiu nas análises dos dados obtidos durante as outras fases, incluindo os dados da aplicação das oficinas e diários de bordo. Como aporte teórico e metodológico de análise, utilizamos a metodologia da Análise Textual Discursiva (ATD), a qual, segundo afirmam Moraes e Galiazzi (2014, p.7), é “um processo auto-organizado, o qual possibilita a construção de novas compreensões”.

## 3.6 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise das narrativas das entrevistas, utilizamos a Análise Textual Discursiva (ATD) (MORAES, 2003; MORAES, GALIAZZI, 2014). A escolha do método se dá devido ao caráter qualitativo que ele apresenta, e por dar suporte às fragmentações e posteriores reconstruções das ideias expressas nas narrativas extraídas das entrevistas.

Moraes (2003) escreve que, cada vez mais, são utilizadas nas pesquisas qualitativas as análises textuais, seja por meio de textos já existentes, ou partindo de materiais de entrevistas e observações. Desta maneira, ainda aponta que este tipo de pesquisa visa aprofundar a compreensão dos fenômenos que se investiga, por meio de uma análise rigorosa e criteriosa das informações, e salienta que as análises não buscam testar hipóteses, mas sim, têm a intenção de compreensão (MORAES, 2003).

De forma a explicitar melhor nossa ideia, com base nos dizeres dos autores, segue o excerto:

A análise textual discursiva corresponde a uma metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa com a finalidade de *promover novas compreensões sobre os fenômenos e discursos*. Insere-se entre os extremos da análise de conteúdo tradicional e a análise de discurso, representando um movimento interpretativo de caráter hermenêutico (MORAES; GALIAZZI, 2014, p.7) (grifo das autoras).

Moraes e Galiuzzi (2006) proferem que esta etapa da pesquisa, na qual se realiza a análise dos dados obtidos com o seu desenvolvimento, constitui-se em um momento de grande importância para o pesquisador, principalmente quando se trata de uma pesquisa de natureza qualitativa. Continuando, escrevem que a ATD transita entre duas formas de análise na pesquisa qualitativa, sendo elas: análise de conteúdo e a análise de discurso (MORAES; GALIAZZI, 2006). Santos e Dalto (2012) afirmam que essa estratégia oferece a possibilidade de análise a partir da construção de categorias, que nem sempre precisa ser excludente.

Segundo Moraes (2003, p. 191), a análise é realizada em torno de quatro focos, os quais podem ser analisados no Quadro 02 a seguir:

**Quadro 04 - Etapas do referencial de análise e contextualizações.**

<p><b>FASE 1</b> - Unitarização: Compreende a examinação dos materiais em seus mínimos detalhes, fragmentando-os, de modo a alcançar unidades constituintes, enunciados referentes aos fenômenos que estão sendo estudados.</p>	<p>Considerando todo o nosso acervo de dados coletados (entrevistas, correio vai e vem, oficinas e diários de bordo), após todas as transcrições e repetidas leituras, extraímos as unidades de análise, ou seja, os excertos extraídos os quais apresentavam afinidade semântica, para posterior criação das categorias.</p>
<p><b>FASE 2</b> - Estabelecimento de relações: É o momento de categorização, no qual implica a construção de relações entre as unidades de bases, fazendo combinações de modo a classificá-los para compreender como esses elementos podem ser reunidos nas categorias.</p>	<p>Após a unitarização, agrupamos as unidades em categorias prévias as quais serão descritas em seções próprias.</p>
<p><b>FASE 3</b> - Captando o novo emergente: Nesta fase é possibilitada a emergência de uma nova compreensão, apresentando um esforço na explicitação e compreensão desta nova combinação de elementos, construídos ao longo das fases anteriores.</p>	<p>Neste momento, algumas categorias foram efetivadas e outras não, apresentando também alguns possíveis emergentes. Os excertos foram acomodados, e construímos os quadros categoriais fazendo as descrições e explicações dos dados.</p>
<p><b>FASE 4</b> - Processo auto-organizado: Processo no qual, após seguidas todas as etapas acima descritas, novas compreensões podem surgir. Porém, mesmo diante de todo esse processo organizado, pode surgir “imprevisibilidade” nos resultados.</p>	<p>Este processo auto-organizado se refere a todos os passos seguidos na elaboração da ATD. E mesmo seguindo todos os passos algumas categorias foram erradicadas, outras emergiram, estando presente o fator de imprevisibilidade.</p>

**Fonte:** as autoras.

Os participantes da implementação da pesquisa foram todos codificados por meio de letras e números, sendo a letra “P” para professoras, “Ph<sup>26</sup>” para o professor, com numerais de 1 a 8, e “A” para os alunos, seguidos dos numerais de 1 a 10. A partir do referencial descrito, pudemos construir as categorias e suas unidades de análise, bem como fazer suas respectivas

<sup>26</sup> A utilização da codificação “Ph” para o professor do sexo masculino foi com a intenção de observar as contribuições dele com a pesquisa, de forma a verificar como é sua atuação ante as questões da sexualidade, uma vez que todas as outras entrevistadas são do sexo feminino.

descrições e explicações. Prosseguindo, após as descrições, realizamos as análises reflexivas da pesquisa com base no referencial adotado neste trabalho.

#### 4 PRODUTO EDUCACIONAL

A partir da construção de ações pedagógicas para abordagem da temática da Educação Sexual e Sexualidade, cuja abordagem mostra-se urgentemente necessária dentro dos ambientes escolares, produzimos as “Oficinas de Sexualidade” para implementação em turmas de nono ano de uma escola estadual do Norte do Paraná.

Optamos por elencar atividades com a pretensão de fazer uso de recursos didáticos acessíveis, interessantes e participativos, para chamar a atenção dos alunos e alunas a proporcionar-lhes um ambiente amigável, descontraído e propício para que pudessem se sentir a vontade ao compartilhar seus sentimentos, incluindo seus medos e anseios.

Nosso objetivo com a elaboração das oficinas foi oportunizar um roteiro de atividades para que qualquer professor pudesse se apropriar, adaptá-lo à sua realidade e utilizá-lo para discussões e trabalhos envolvendo as temáticas elencadas. Assim, o fizemos porque vimos a necessidade de abordagem da ES dentro do ambiente escolar, nas discussões de todos os assuntos que a compõe. Portanto, mais do que oportunizar os conhecimentos científicos e informações, almejamos que sejam momentos de transformações, capazes de estimular nesses jovens o respeito às diferenças, o autocuidado e a vivência de uma sexualidade saudável, livre de tabus e de preconceitos, por meio de uma Abordagem Emancipatória da Educação Sexual.

Assim, organizamos as oficinas em quatro encontros. Cada oficina com duração de 2 horas cada, realizadas em período extraclasse e acontecendo uma vez na semana, sendo eles: a) Primeiro, para as discussões de sexualidade e gênero; b) Segundo, com discussões a respeito dos corpos reprodutivos (feminino e masculino), as questões envolvendo o ciclo menstrual e a menstruação e a higienização íntima; c) Terceiro, optamos por trazer as questões relacionadas às IST e sua cadeia de transmissão, e por fim, d) Quarto encontro, discussões a respeito dos métodos contraceptivos.

Desta maneira, a partir dessas atividades, as reunimos em um Roteiro de Oficinas intitulado “Oficinas de Sexualidade”, as quais apresentam informações que envolvem as atividades, contemplando objetivos, duração, materiais necessários, desenvolvimento passo-a-passo de todas as atividades,

fotos ilustrativas dos momentos desenvolvidos e as referências utilizadas, além dos endereços dos links dos vídeos utilizados.

Esperamos que este roteiro contribua para nortear a prática docente em relação às abordagens da temática, promovendo ações que despertem nos adolescentes a consciência do respeito pelo próximo e conhecimento sobre ele próprio.

Julgamos importante fazer uma ressalva. Não temos a pretensão de transmitir a ideia de algo pronto e acabado, mas, sim, de trazer incentivo e reflexão para os professores repensarem suas ações sobre as questões relacionadas à temática e oferecer possibilidades que poderão ser utilizadas e adaptadas conforme a realidade local e, conseqüentemente, gerar outras iniciativas.

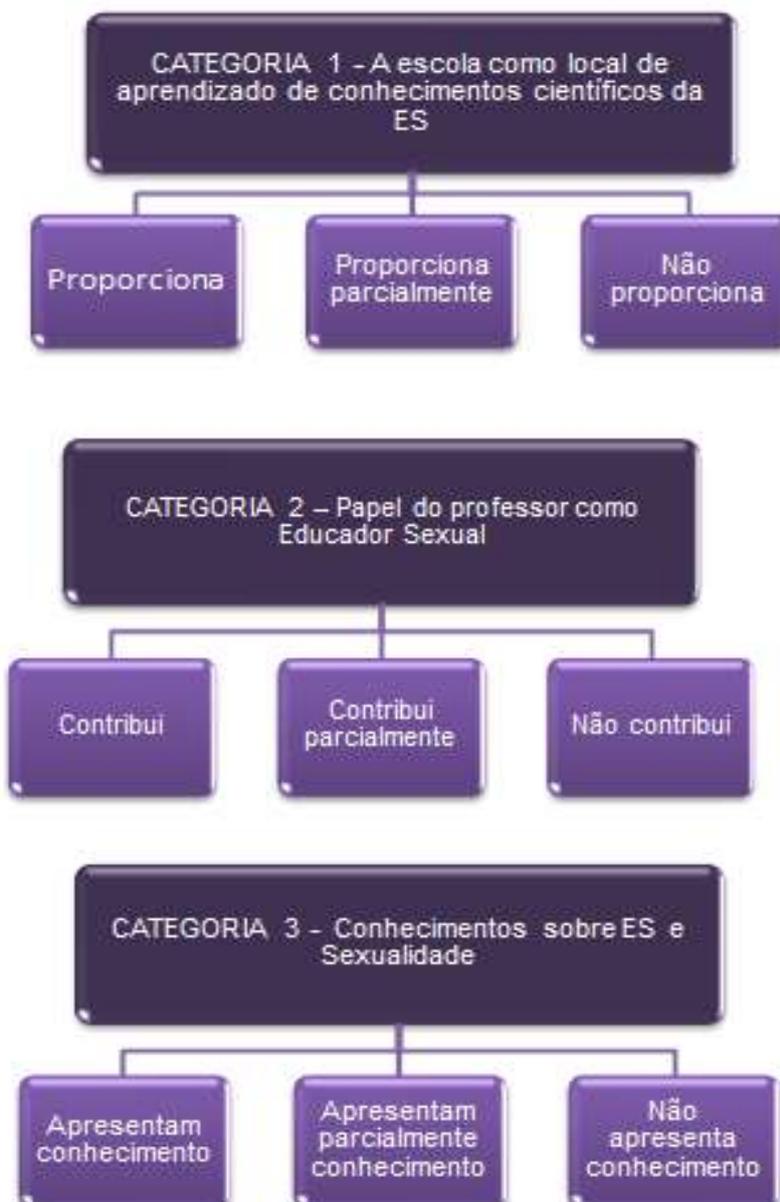
O Produto Educacional elaborado neste Trabalho de Conclusão de Curso encontra-se disponível em <https://uenp.edu.br/ppgen-produtos-educacionais>.

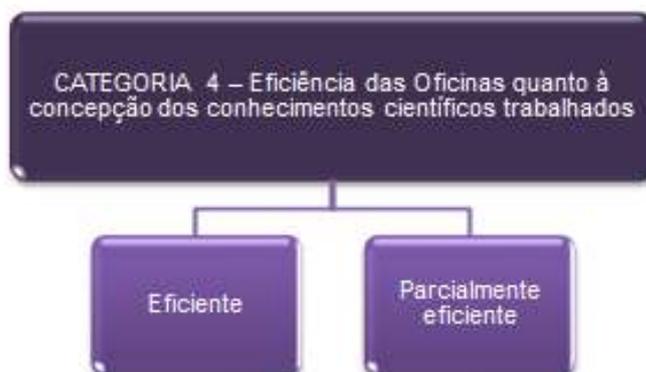
Para maiores informações, entre em contato conosco pelo e-mail: [caamassan@gmail.com](mailto:caamassan@gmail.com)

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Fundamentadas no referencial teórico e nos objetivos de nossa pesquisa, apresentamos, neste capítulo, os resultados e todas as discussões que cabem aos resultados encontrados. Desta forma, apresentamos quatro categorias de análises e suas respectivas unidades de análise na Figura 1 e a descrição das categorias no Quadro 03, abaixo:

**Figura 1** - Figura geral com todas as categorias e suas respectivas unidades.





Fonte: as autoras.

**Quadro 05 – Categorias de análise**

TÍTULO DA CATEGORIA	JUSTIFICATIVA TEÓRICA
<p><b>Categoria I</b></p> <p>A escola como local de aprendizado de conhecimentos científicos da ES</p>	<p>Alocamos, nesta primeira categoria, trechos das falas das professoras durante as entrevistas, no que compete ao aprendizado de conhecimentos científicos a respeito da ES e Sexualidade desenvolvidas por elas no ambiente escolar. Respaldamo-nos nos PCN (BRASIL, 1998a) que apresentam a sexualidade como tema transversal a ser discutido em sala de aula e em autoras como Altmann (2001), Figueiró (2014) e Frasson-Costa (2016), que trazem em suas pesquisas a importância da escola como um local de aprendizado de conhecimentos científicos acerca da sexualidade para que os adolescentes possam vivê-la de maneira saudável, livre de tabus e preconceitos.</p>
<p><b>Categoria II</b></p> <p>Papel do professor como Educador Sexual</p>	<p>Ainda com referência às entrevistas das professoras, apresentamos nesta categoria excertos do papel das mesmas como educadoras sexuais. Apoiamo-nos nos PCN (BRASIL, 1998a) e nas autoras Werebe (1998) e Figueiró (2014; 2018), por indicarem que é importante que o professor exerça esse papel com a apresentação de conhecimentos científicos aos adolescentes, sem dogmas e preconceitos. É necessário que tenham uma formação continuada, como discutida por Nóvoa (1997), Shön (1997), Perrenoud (1999) e Figueiró (2014), a qual faz menção particular a formação continuada a respeito da ES.</p>
<p><b>Categoria III</b></p>	<p>A partir das falas dos adolescentes nas entrevistas, alocamos os excertos acerca dos conhecimentos sobre ES e Sexualidade que os alunos</p>

Conhecimentos sobre ES e Sexualidade	apresentaram (ou não apresentaram) ao responderem as questões. Respaladas por autoras como Paiva (2000), Figueiró (2018), Frasson-Costa (2012; 2016) e PCN (BRASIL, 1998a).
<p style="text-align: center;"><b>Categoria IV</b></p> <p>Eficiência das Oficinas quanto a concepção dos conhecimentos científicos trabalhados</p>	Alocamos, nesta última categoria, falas dos alunos e alunas, retiradas do “Correio Vai e Vem”, os quais avaliaram as oficinas e os conteúdos discutidos em cada uma delas. Podemos verificar, então, se houve a incorporação dos conhecimentos científicos discutidos durante as oficinas. Embasadas em Paiva (2000), Altmann (2001; 2003), Frasson-Costa (2012; 2016), Silva (2015) e Figueiró (2014; 2016; 2018), que retratam a necessidade e importância das discussões da ES e Sexualidade no ambiente escolar.

**Fonte:** as autoras.

Nas transcrições de dados (das entrevistas semiestruturadas), utilizamos a codificação “P” para nos referirmos às professoras, acrescida de numerais de 1 a 8. Para o único professor entrevistado, optamos pela utilização da codificação “Ph”, de forma a analisarmos as suas contribuições particulares, e seguimos a mesma numeração de 1 a 8 utilizada com as professoras. Como exemplo citamos: “P3” quando nos referimos à terceira professora entrevistada, e assim por diante. Assim, nas falas dos alunos, codificamos pela letra “A” seguida da numeração de 1 a 10.

Como já mencionado no Capítulo 4, “Encaminhamentos Metodológicos da Pesquisa”, a respeito das entrevistas (apêndices B e D), relembramos que foram realizadas com 8 professoras das duas turmas do nono ano (um professor não se sentiu confortável e não concedeu a entrevista, e o outro não foi possível o contato) e com 10 adolescentes, os quais participaram das oficinas.

Novamente esclarecemos que as oficinas foram oferecidas a todos os 51 alunos das duas turmas de nonos anos, porém, por seguirmos o protocolo da Plataforma Brasil, com a finalidade do parecer favorável do Comitê de Ética, foi necessário que houvesse o aceite dos pais, mães e responsáveis por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Devido a isto, pouca foi a adesão dos alunos e alunas que participaram das oficinas. Desta forma, retomaremos a abordagem das mesmas, destacando alguns

trechos para iniciarmos a indicação das categorias de análise.

## 5.1 VISÃO GERAL DA ESCOLA AO ACEITE DA PESQUISA

Quando ofertada a intervenção a respeito da ES e Sexualidade na referida escola, a equipe gestora logo se prontificou a ajudar no que fosse preciso para que a abordagem ocorresse naquele ambiente.

Curiosas pela recepção e aceite rápidos, nós questionamos a pedagoga das razões do pronto aceite, investigando se havia algum incômodo com relação à temática dentro do ambiente escolar, ou se seria relacionada à ânsia em educar para a sexualidade as suas crianças e adolescentes. Como imaginávamos, a calorosa recepção e aceite se relacionavam a um possível auxílio frente às questões oportunas que se desenrolavam na escola.

Dois episódios particularmente foram narrados pela pedagoga. Um deles foi de um pai que, na ausência de uma pessoa do sexo feminino para orientar sua filha a respeito do início da puberdade, e não sabendo como orientá-la, procurou a escola para que interviesse e instrísse a respeito da menstruação. Segundo o pai, a menina havia “ficado mocinha” e ele não conseguia fazer com que ela entendesse a necessidade do uso de absorvente. Para a família a situação era delicada porque, além da imaturidade infantil, não havia compreensão das razões biológicas e fisiológicas do processo menstrual, bem como da higiene íntima, e por isso havia a recusa em usar o absorvente.

Refletindo a respeito deste primeiro episódio, concordamos com Altmann (2001; 2003), Figueiró (2010, 2014) e Frasson-Costa (2012; 2016), autoras que defendem a Educação Sexual no ambiente escolar. Assim, também está presente nos PCN (BRASIL, 1998a), nos temas transversais de Educação Sexual, que sejam realizadas ações que contribuam para que os alunos tenham acesso à temática dentro da escola.

Tal Educação Sexual é necessária, pois ensina sobre os corpos femininos e masculinos e suas modificações, garantindo que os alunos tenham conhecimentos científicos a respeito dos diversos assuntos que a temática abrange, inclusive a menstruação. A ES, nesta perspectiva, favorece que os alunos estejam abertos a refletir, questionar, pensar sobre o assunto e comentar sobre suas vivências, seus sentimentos, suas dúvidas e seus

anseios, possibilitando, além desses conhecimentos científicos, estarem aptos e engajados a lutarem pelas transformações sociais, como é discutido na Abordagem Emancipatória da Educação Sexual defendida por Figueiró (2010; 2014).

Outro episódio delicado foi o de uma aluna do nono ano que, assumida como lésbica, havia trocado beijos com outra aluna da escola no pátio. Tal fato causou repulsa e, até mesmo, fez com que os pais da menina que “foi beijada” viessem à escola, solicitando medidas enérgicas de vigilância da equipe pedagógica. Prontamente a equipe passou a vigiar a garota lésbica para que o fato não se repetisse. A sexualidade sob o viés de “Vigiar e punir” há tempos é discutida por Foucault (1999).

Situações como essas nos fazem refletir sobre a verdadeira necessidade de abordagens de ES e Sexualidade com os alunos, não somente eles, mas também a preparação para ensinar a ensinar sobre ES e Sexualidade aos profissionais que trabalham nas escolas, pois, devido à carência de formação das licenciaturas, episódios como estes são frequentes. Cabe a nossos profissionais buscarem uma formação continuada para suprir a carência da formação inicial, como mencionado por Nóvoa (1997), Shön (1997), Perrenoud (1999) e por Figueiró (2014; 2018), esta que fez pesquisas sobre a formação continuada de educadores sexuais.

Figueiró em sua obra “Educação Sexual: saberes essenciais para quem educa”, publicada em 2018, indica na segunda parte do seu livro uma série de textos a respeito da ES e a formação de Educadores Sexuais. Nos textos, salienta a respeito de como os assuntos podem ser tratados com os professores, para serem efetivos e suprir a carência da formação inicial, de forma a ensiná-los e ajuda-los a dar início ao seu processo pessoal de reeducação sexual, para exercerem o papel de Educador Sexual sem preconceitos.

Com base nos dados coletados das respostas das oito professoras entrevistadas, estes analisados a partir da metodologia da Análise Textual Discursiva (ATD) (MORAES, 2003) a qual foi escolhida devido ao caráter qualitativo que ele apresenta, e por dar suporte às fragmentações e posteriores reconstruções das ideias expressas nas narrativas extraídas das entrevistas e de acordo com as perguntas realizadas a respeito da escola como

local de aprendizado de conhecimentos científicos, foi possível a categorização dos dados em uma categoria: “Escola como local de aprendizado de conhecimentos científicos da ES”, com três unidades de análises, sendo elas: I) proporciona; II) proporciona parcialmente e III) não proporciona. A organização das unidades dentro das categorias está disposta no Quadro 04.

**Quadro 06** - Resultados categorizados da entrevista dos professores quando questionados se a escola proporciona momentos de aprendizagem de conhecimentos a respeito da ES.

<b>Categoria: A escola como local de aprendizado de conhecimentos científicos da ES</b>	
<b>UNIDADE DE ANÁLISE</b>	<p style="text-align: center;">Proporciona</p> <p><b>P2:</b> “[...] as questões dos gêneros em relação ao bullying em relação a isso a determinados alunos a gente tem no decorrer das aulas sempre acabar interferindo e explicando [...]”.</p> <p><b>Ph4:</b> “Sim, trabalhamos, já participei, mas assim não de uma forma tão sistematizada mas, assim, de forma informal diante de um conteúdo específico da Geografia ou em alguns casos”.</p>
	<p style="text-align: center;">Proporciona parcialmente</p> <p><b>P5:</b> “[...] convidamos pessoas da área, né, para conversar com as crianças sobre contracepção sobre higiene, né, mas sempre muito artificial, né, uma coisa assim esporádica, não sempre”.</p>
	<p style="text-align: center;">Não proporciona</p> <p><b>P3:</b> “Não, eu não participei assim de nada concreto na escola”.</p> <p><b>P6:</b> “[...] nunca participei que tenha me lembrado assim de algo específico”.</p> <p><b>P7:</b> “[...] Nunca fiz parte, nunca participei”.</p>

**Fonte:** as autoras.

Quando inferimos as questões de favorecer ou não a aprendizagem de conhecimentos científicos em relação à Sexualidade, buscamos verificar se são discutidos valores referentes à ES com os educandos.

Desta forma, a unidade de análise, “*proporciona*” conhecimentos científicos de ES, compreende excertos das professoras que mencionaram, em algum momento, atividades que envolvessem e compreendessem a temática da ES e Sexualidade durante suas aulas, atuando, escola e professoras, como Educadores Sexuais (FIGUEIRÓ, 2014; 2018), trazemos os exemplos dos trechos da P2: “[...] *as questões dos gêneros em relação ao bullying em relação a isso [...] a gente tem, no decorrer das aulas, sempre acabar interferindo e explicando [...]*” e Ph4: “*Sim, trabalhamos, já participei (de trabalhos que envolvessem a temática nas escolas), mas assim, não de uma forma tão sistematizada, mas assim, de forma informal diante de um conteúdo específico da Geografia ou em alguns casos*”.

Evidenciamos que há professoras preocupadas com o ensino da ES dentro do ambiente escolar, e adequamos os excertos desta categoria baseando-nos nos critérios já indicados no Quadro 03. Desta maneira, são expostos os discursos que mais se aproximaram destes critérios.

Já a unidade de análise, “*proporciona parcialmente*”, reúne um trecho de uma professora que justifica uma ação desenvolvida na escola por meio de profissionais externos. Assim, P5: “[...] *convidamos pessoas da área, né, para conversar com as crianças sobre contracepção sobre higiene, né, mas sempre muito artificial, né, uma coisa assim esporádica, não sempre*”. Como já discutido por diversos autores (Paiva, 2000; Renna, 2001; Maheire *et al*, 2005; Fagundes e Barbosa, 2007) a ES deve acontecer de forma natural, saudável, oportunizando aos educandos que se abram, conversem sobre seus sentimentos, seus medos e suas angústias e situações como essas, de profissionais externos, geralmente profissionais da saúde, fazem palestras sem dar abertura para discussões dos alunos e alunas a este respeito, tornando-se algo artificial, apenas a “passagem de informações” e não oportunizando momentos para que eles construam sua própria identidade em relação a temática.

E por fim, a unidade de análise, “*não proporciona*”, referente à fala de professores que nunca participaram, conversaram ou ouviram falar de intervenções a respeito da Sexualidade no ambiente escolar, como analisamos nos trechos P3: “*Não, eu não participei assim de nada concreto na escola*”; P6: “[...] *nunca participei que tenha me lembrado assim de algo específico*” e P7:

*“[...] Nunca fiz parte, nunca participei”*. Desta forma, conseguimos compreender que a escola está distante da veiculação dos conhecimentos de ES no ambiente.

A partir das falas dos professores e dos episódios relatados pela equipe, percebemos ainda a baixa adesão dos professores com relação aos conhecimentos científicos sobre a ES e Sexualidade e as ações, o que reflete, portanto, a não adesão da escola e o seu não comprometimento com a ES de seus alunos. Tal situação foi semelhante à indicada pela autora Frasson-Costa em pesquisa intitulada “Os Patamares de Adesão das escolas à ES”, e realizada em escolas estaduais do município de Bandeirantes-PR (2012; 2016). Segundo a autora, no Patamar Intermediário, aos Patamares de Rejeição e Adesão Passiva, as escolas enquadradas nessa categoria são aquelas que percebem as situações problemáticas em relação aos alunos. No entanto, uma vez que a ES não pertence ao currículo escolar, apresentam oscilações nos comportamentos, ora aceitando iniciativas externas, como oficinas, palestras, intervenções pontuais, as quais geram e levam informações necessárias aos seus alunos, ora recusando tomar posições diante das “situações problemas” por não considerá-las competências da escola.

O aceite das intervenções de nossa pesquisa foi positivo para o avanço do cenário Porém, este foi o começo para que novas ações sejam implementadas na e pela escola.

De acordo com os PCN (BRASIL, 1998a), o ensino de Sexualidade como tema transversal pode ser incluído desde a 1ª série a 8ª série, podendo ocorrer de duas formas: dentro da programação, dividido entre os professores das disciplinas ou extraprogramação, em que o professor aproveita das situações para ensinar sobre Sexualidade. É importante e necessário que os professores e professoras aproveitem os momentos e situações apropriados para ensinar sobre a Sexualidade, desta forma oportunizarão bons momentos para que os alunos e alunas possam aprender sobre os conhecimentos científicos e discutir a respeito de seus sentimentos, medos e angústias, favorecendo assim uma ES positiva para esses adolescentes, livre de tabus e preconceitos.

Ainda segundo a autora, esse local constitui-se como potencialmente explicitador e questionador, para que sejam formadas

identidades culturais experienciadas, transgredidas e rearticuladas no âmbito social. Mesmo sabendo sobre o seu papel na ES de seus adolescentes, a escola apresenta dificuldade em cumpri-lo, uma vez que este trabalho depende, além de outros fatores, de docentes capacitados para essa função, já que estes são peças-chave na ES. É neste processo de formação, aprofundado de conteúdos e metodologias, que irão oportunizar aos adolescentes a segurança para expressarem suas opiniões a respeito da temática (JARDIM; BRÊTAS, 2006).

Sendo assim, a importância da formação continuada de professores se justifica devido à ampliação dos conhecimentos, o que gera reflexão, solução de problemas, atualização dos professores e comprometimento, fazendo com que estes se sintam como parte do contexto (SILVA; OLIVEIRA, 2014). A formação continuada, assim como a formação inicial, tem a finalidade de criar uma relação entre teoria e prática de modo a gerar uma práxis educativa (TOZETTO, 2017).

Ainda de acordo com o autor, a busca por essa formação continuada acontece devido às necessidades encontradas nas escolas e principalmente em relação aos alunos. Esse desenvolvimento contínuo por parte do professor é devido à busca de “progredir”, com o intuito de responder e atender às necessidades de todos. Com isso, o professor passa a adquirir um suporte teórico e prático consistente, possibilitando que passe a agir de maneira segura e competente. Dessa consideração decorre a defesa de uma formação inicial e continuada que ofereça ao professor um suporte teórico e prático consistente, que possibilite a este agir de maneira segura e competente (TOZETTO, 2017, p. 24541).

Em harmonia com Figueiró (2018, p. 303), que adequa a ideia da formação continuada para a ES, deve haver ações voltadas para o aprimoramento da prática profissional, a qual irá contribuir para o desenvolvimento do professor, sendo que essas ações (cursos, estudos, reflexões) precisam ser a longo prazo, com números de horas significativos e com espaçamento entre encontros, para poderem proporcionar ao professor momento de leituras e reflexões. Para que os professores busquem a formação continuada, precisa haver um problema em sala de aula com seus alunos, no que se refere a ES e Sexualidade, para que sejam motivados a buscar por

esses novos conhecimentos, complementa a autora. A Sexualidade é um dos grandes desafios encontrados pelos professores na árdua tarefa de ensinar.

Por ser um tema repleto de tabus e preconceitos, a ES requer uma atenção especial, principalmente nos assuntos mais polêmicos. Desta maneira, o professor precisa estar aberto a ouvir e refletir sobre as opiniões que divergem da sua, de forma a se reeducar sexualmente.

## 5.2 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM PROFESSORES

As entrevistas semiestruturadas com as professoras aconteceram em horário de hora atividade. Elas se mostraram receptivas, interessadas e dispostas a participar da pesquisa, argumentando sobre a importância do tema e das discussões, a partir dele, para a escola e, principalmente, para as turmas dos nonos anos. Sendo assim, salientamos que a participação delas foi de extrema importância para a investigação inicial e posteriores intervenções com as oficinas, para que obtivéssemos o alcance dos resultados que estão sendo discutidos neste capítulo.

Pudemos perceber, durante as entrevistas com as professoras e em suas falas, que realmente havia a necessidade de intervenção da temática, principalmente quando questionadas a respeito das turmas dos nonos anos, as quais foram nossos sujeitos de estudo. Posto isso, reconhecemos a necessidade, e urgência, dos trabalhos com as questões da ES com os adolescentes, de modo a sanar suas dúvidas, proporcionando momentos descontraídos e acolhedores para propiciar uma ES saudável, livre de preconceitos e tabus.

Algumas das professoras não se sentiram à vontade, ficando nervosas, receosas e amedrontadas ao responderem as questões, as quais aconteceram oralmente, em conversas, e foram gravadas em áudio. A partir das respostas das professoras nas entrevistas, analisadas a partir da metodologia da ATD (MORAES, 2003), com referência às perguntas sobre sua ação como Educadora para a Sexualidade, foi possível a categorização dos dados em uma categoria: “O professor como educador sexual”, com três unidades de análises, sendo elas: I) contribui; II) contribui parcialmente; e III) não contribui.

A unidade de análise, “*contribui*”, faz referência aos excertos de professoras que mencionaram sua atuação na perspectiva da formação para a Sexualidade na sala de aula, utilizando de abordagens no contexto da disciplina para as intervenções, como já discutido por Figueiró (2014; 2018). A unidade de análise, “*contribuiu parcialmente*”, aborda excertos de professores que, quando questionados, respondem às indagações dos alunos, mas preferem deixar esse papel para professores de Ciências e Biologia, pois segundo eles, aqueles têm maior preparo. E a unidade de análise, “*não contribuiu*”, representa os professores que não respondem indagações, preferem se omitir e deixar para outros professores ou à própria família os esclarecimentos pertinentes às dúvidas e perguntas dos alunos. A organização das unidades dentro da categoria está disposta no Quadro 05.

**Quadro 07** - Resultados categorizados da entrevista dos professores quando questionados sobre seu papel como educador sexual.

Categoria: O papel do professor como Educador Sexual	
UNIDADES DE ANÁLISE	<p style="text-align: center;">Contribui</p> <p><b>P2:</b> “[...] mesmo não sendo um conteúdo específico da minha disciplina é.. eu sempre acabo fazendo intervenções... [...] acabo explicando, sempre exaltando que eu tive a idade de vocês sei o que se passa em relação aos hormônios nessa idade e eles se interessam bastante em relação a isso [...]”.</p>
UNIDADES DE ANÁLISE	<p style="text-align: center;">Contribui parcialmente</p> <p><b>P1:</b> “Durante o oitavo ano é assim mais frequente, porque eles estão ali sempre com contato com o livro [...] agora nas outras turmas, um pouco menos [...], sétimo ano como ainda não viu esse assunto eles questionam bastante e, assim, na medida do possível a gente vai tirando essas dúvidas”.</p> <p><b>Ph4:</b> “[...] até por causa de ter poucos professores homens na escola quando surge alguma questão de higiene pessoal, as vezes a equipe pedagógica, chega e fala pro professor homem comentar, principalmente por ter mais afinidade com os alunos do sexo masculino”.</p> <p><b>P6:</b> “Quando ouve falar de termos sexuais de forma pejorativa, né, a gente interrompe, fala os nomes científicos pra tirar essa tendência do órgão sexual, né, então a gente faz esse trabalho, baseado no que a gente quer que o aluno conheça, e eles sempre, comentam com a gente situações e a gente tenta ajudar, mas mesmo assim, a</p>

		<p><i>gente fica com a questão de não poder ajudar mais por não ter de onde tirar essa estrutura”.</i></p> <p><b>P7:</b> “[...] se surge alguma coisa, a gente até conversa”.</p> <p><b>P8:</b> “[...] por não me sentir confortável em trabalhar essa questão com eles, as vezes surge uma duvida ou outra, que eles me chamam de continho e me perguntam alguma coisa e eu respondo, mas eu não costumo trabalhar nas outras sobre o tema.”</p>
	Não contribui	<p><b>P3:</b> “Não, eu não introduzo, só se tiver algum fato. Daí a gente comenta, mas falar, falar no dia a dia, não”.</p> <p><b>P5:</b> “[...] aconteceu assim de aluna vir me perguntar a respeito de contraceptivo né, e eu fiquei um pouco constrangida, [...] eu até falei, nos temos que conversar com outros professores foi até que teve a intervenção das palestras né, mas assim, converso tranquilamente, mas sempre falo abordando assim, você tem que falar com os pais [...]”.</p>

Fonte: as autoras.

Após análises das entrevistas das professoras, incluímos na primeira unidade de análise, “*contribui como educadora sexual*”, o excerto de uma professora a qual afirmou que, apesar de atribuir assuntos biológicos não pertinentes à sua disciplina, aborda assuntos sobre a sexualidade, como paqueras, namoros, beijos, contracepção, entre outros, como analisamos no excerto: “[...] mesmo não sendo um conteúdo específico da minha disciplina é.. eu sempre acabo fazendo intervenções... [...] acabo explicando, sempre exaltando que eu tive a idade de vocês sei o que se passa em relação aos hormônios nessa idade e eles se interessam bastante em relação a isso [...]”.

Neste aspecto, pautamo-nos em Werebe (1998) e Figueiró (2014; 2018), uma vez que a primeira afirma que independente da disciplina que ministra, os professores desempenham, conscientes ou não, ações no campo da ES, como por exemplo, sobre a maneira de se vestir, falar, agir, pelas ideias e valores que veiculam. Corroborando com esta ideia, Figueiró (2014; 2018) comenta que “*todos somos educadores sexuais*”, conscientes ou não, pois, no contato com os adolescentes (crianças e jovens), há reprodução de mensagens implícitas ou explícitas a respeito da sexualidade, contribuindo para que construam suas ideias, valores e sentimentos.

Na unidade, contribuí parcialmente como Educadores Sexuais, as professoras mencionaram em suas falas que, quando questionadas, tentam oferecer respostas aos questionamentos, conhecimentos científicos a respeito da sexualidade, ou, se há algum problema, a equipe pedagógica interfere, solicitando auxílio a outros profissionais (outros professores ou profissionais da saúde), como analisamos em alguns excertos: Ph4: “[...] às vezes a equipe pedagógica, chega e fala pro professor homem comentar, principalmente por ter mais afinidade com os alunos do sexo masculino” (fazendo referência a questionamentos dos meninos); P6: “[...] então a gente faz esse trabalho, baseado no que a gente quer que o aluno conheça, e eles sempre, comentam com a gente situações e a gente tenta ajudar, mas mesmo assim, a gente fica com a questão de não poder ajudar mais por não ter de onde tirar essa estrutura” (se referem a não ter um preparo ou um suporte para lidar com essas questões); P7: “[...] se surge alguma coisa, a gente até conversa”, entre outras falas.

Analisando esses excertos, voltamos à questão da importância da formação dos professores e da equipe pedagógica para lidar com as questões da sexualidade de seus alunos, questão já discutida acima, uma vez que, segundo Altmann (2001, p. 575), a sexualidade está presente nos diversos espaços escolares, já que “ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninos e meninas e é assunto a ser abordado na sala de aula pelos diferentes especialistas da escola (...)” além de estar presente nos capítulos de livros, danças, brincadeiras e recreio.

### 5.3 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS ALUNOS

Neste tópico, apresentamos as entrevistas semiestruturadas que foram realizadas com os alunos e alunas participantes da pesquisa. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas, como já mencionado no capítulo 4, a respeito dos Encaminhamentos Metodológicos da pesquisa.

No que compete às entrevistas semiestruturadas com os alunos, percebemos a urgência de abordagem da temática, uma vez que disseram buscar esclarecimentos e conversar a respeito da sexualidade apenas com seus pais, o que não acontece habitualmente, e que, quando

recebem orientação, estes apenas recomendam que sejam cautelosos. Quando questionados sobre quais “cuidados” se referem os pais, os alunos responderam que se tratavam de cuidados para evitar a gravidez e doenças, porém, nunca os esclareciam, realmente, como tomar as providências.

Concordamos com Figueiró (2018, p. 224) quando se refere à vasta disponibilidade de informações nos veículos midiáticos, o que não garante a eficácia de aprendizagem das crianças e jovens, muito menos a validade e segurança das informações. E mais, mesmo que sejam informações científicas seguras, se não possuírem um momento/espço para debater, expor suas dúvidas e sentimentos, haverá o comprometimento do processo de formação de opinião. Portanto, reforçamos mais uma vez a necessidade, a importância e a urgência de intervenções que abordem a temática na escola (FIGUEIRÓ, 2018).

Durante as entrevistas, orais e gravadas, os alunos se sentiram constrangidos, pois muitos deles não sabiam conceituar a Sexualidade, pela inexperiência em conceder entrevista e também pela insegurança em revelar informações pessoais. Mas após alguns minutos de conversa e apresentação do Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido, então informados da confidencialidade garantida, concederam informações que foram importantes para a condução das discussões e que culminaram no desenvolvimento da intervenção.

A partir das respostas dos alunos nas entrevistas, analisadas a partir da metodologia da ATD (MORAES, 2003), convencionamos a categoria: “*Conhecimentos sobre ES e Sexualidade*”, e três unidades de análises, sendo elas: I) apresentam conhecimento; II) apresentam conhecimento parcial; III) não apresentam conhecimento.

Considerando o fato de haver ou não conhecimentos científicos em relação à Sexualidade, verificamos os valores referentes à Educação Sexual e Sexualidade. Valores citados por Figueiró (2018, p. 248) em seu livro “*Saberes Essenciais para quem educa*”, adaptado dos *Valores Universais* de Sánches (2013), nominados de *Valores Universais na Educação Sexual*, os quais se referem a:

- Consentimento em liberdade.
- Prazer partilhado – não egoísmo, empatia.

- Igualdade e dignidade.
- Lealdade – dizer o que realmente se quer, dizer o que realmente se sente.
- Saúde – não ter condutas sexuais destrutivas ou de risco, nem consigo nem com o outro.

Tais valores estão em sincronia com os valores do desenvolvimento da autonomia moral, discutidos por Vera Paiva, a qual buscou conduzir o educando a ser “*Sujeito da sua Sexualidade*” (PAIVA, 1996 *apud* Figueiró, 2018, p. 249).

- Ser capaz de reconhecer seus desejos a ser Sujeito da sua Sexualidade.
- Ser capaz de reconhecer seus limites e defender-se de vínculos nos quais se sinta manipulado ou explorado.
- Ser capaz de identificar os valores socioculturais e posicionar-se de forma pessoal em relação a eles.
- Ser capaz de proteger-se frente à gravidez, à AIDS e a outras doenças sexualmente transmissíveis.
- Ser capaz de pensar por si mesmo em situações problemas, avaliando alternativas e consequências.
- Ser capaz de buscar informações e ajuda quando necessário.
- Ser capaz de relacionar-se com respeito e responsabilidade.

Inicialmente, nas unidades de análise da categoria, temos “*apresentam conhecimento*”. Contudo, não foi possível enquadrar excertos dos alunos nesta unidade, embasados na definição de autores como Paiva (1996) e Figueiró (2018). Tal situação pode ser interpretada como fator limitante da pesquisa, seja pela falta de tempo de investigação, pelo distanciamento dos alunos à formação para as Sexualidades, pela recusa da família em discutir a temática e pelas dificuldades da escola em lidar com a mesma.

Na unidade, “*apresentam conhecimento parcial*”, são destacados trechos das entrevistas dos alunos, os quais, em algum momento, denotam algum conhecimento a respeito do que é Sexualidade. E por fim, a unidade de análise, “*não apresentam conhecimento*”, com excertos dos alunos, em que não demonstram nenhum conhecimento a respeito de Sexualidade.

A organização das unidades na categoria está disposta no Quadro 06, a seguir.

**Quadro 08** - Resultados categorizados da entrevista dos alunos quando questionados sobre o que é sexualidade.

Categoria: Conhecimentos sobre ES e Sexualidade							
UNIDADES DE ANÁLISE	<table border="1"> <tr> <td style="text-align: center;">Apresentam Conhecimento</td> <td><i>Não houve.</i></td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">Apresentam conhecimento parcial</td> <td> <p><b>E1:</b> <i>“Pra mim? É conhecer sobre o corpo, isso?”</i></p> <p><b>E3:</b> <i>“Ah, sei lá, nosso corpo”.</i></p> <p><b>E5:</b> <i>“Sexualidade pra mim é a maneira de expressar o que você é de verdade e realmente sente por dentro”.</i></p> <p><b>E7:</b> <i>“Sexualidade é tipo sexo, feminino, masculino, acho que é isso”.</i></p> </td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">Não apresentam conhecimento</td> <td> <p><b>E6:</b> <i>“É...é (pausa), eu não sei explicar”.</i></p> <p><b>E4:</b> <i>“Não sei explicar”.</i></p> <p><b>E2:</b> <i>“Não sei”.</i></p> </td> </tr> </table>	Apresentam Conhecimento	<i>Não houve.</i>	Apresentam conhecimento parcial	<p><b>E1:</b> <i>“Pra mim? É conhecer sobre o corpo, isso?”</i></p> <p><b>E3:</b> <i>“Ah, sei lá, nosso corpo”.</i></p> <p><b>E5:</b> <i>“Sexualidade pra mim é a maneira de expressar o que você é de verdade e realmente sente por dentro”.</i></p> <p><b>E7:</b> <i>“Sexualidade é tipo sexo, feminino, masculino, acho que é isso”.</i></p>	Não apresentam conhecimento	<p><b>E6:</b> <i>“É...é (pausa), eu não sei explicar”.</i></p> <p><b>E4:</b> <i>“Não sei explicar”.</i></p> <p><b>E2:</b> <i>“Não sei”.</i></p>
Apresentam Conhecimento	<i>Não houve.</i>						
Apresentam conhecimento parcial	<p><b>E1:</b> <i>“Pra mim? É conhecer sobre o corpo, isso?”</i></p> <p><b>E3:</b> <i>“Ah, sei lá, nosso corpo”.</i></p> <p><b>E5:</b> <i>“Sexualidade pra mim é a maneira de expressar o que você é de verdade e realmente sente por dentro”.</i></p> <p><b>E7:</b> <i>“Sexualidade é tipo sexo, feminino, masculino, acho que é isso”.</i></p>						
Não apresentam conhecimento	<p><b>E6:</b> <i>“É...é (pausa), eu não sei explicar”.</i></p> <p><b>E4:</b> <i>“Não sei explicar”.</i></p> <p><b>E2:</b> <i>“Não sei”.</i></p>						

Fonte: as autoras.

Após as análises das falas dos estudantes, verificamos a carência dos conhecimentos científicos a respeito da Sexualidade. Por mais que haja momentos esporádicos de discussões e reflexões relacionados à ES e Sexualidade, ainda são limitadas aos estudantes as oportunidades de demonstrarem seu ponto de vista e suas experiências, com a necessária abertura para que se sintam preparados em participar como sujeitos da sua própria sexualidade, conforme amplamente discutido por vários teóricos (SILVA, 2009; 2015, BONFIM, 2009, FIGUEIRÓ, 2016; 2018, FRASSON-COSTA, 2012; 2016, FRASSON-COSTA, VILLANI E QUEIROZ, 2018).

Ressaltamos novamente, com enfoque, as discussões e intervenções das abordagens da ES e Sexualidade no ambiente escolar com base em autores como Altmann (2001; 2003), Frasson-Costa (2012; 2016), Santos (2015) e Figueiró (2014; 2016; 2018), os quais defendem que a ES e Sexualidade sejam discutidas e refletidas dentro do ambiente escolar, uma vez que está presente nos PCN (BRASIL, 1998a), disposto como tema transversal,

com a recomendação de ações que contribuam para que os alunos tenham a ES na escola.

Reforçamos, assim, a necessidade da abordagem da ES e Sexualidade na escola, pois ela ensina sobre o corpo e suas modificações, garantindo que os estudantes tenham conhecimentos científicos a respeito dos diversos assuntos que a temática abrange. Isso favorece que eles estejam aptos e abertos a refletir, questionar, sanar suas dúvidas, compartilhar experiências, e possibilita, além de conhecimentos a respeito do seu corpo e sua sexualidade, estarem engajados a lutar pelas transformações sociais, conduzindo as discussões para questões que envolvem diferentes temas, como por exemplo, relações de poder, aceitação das diferenças e respeito pelas minorias conforme salienta Figueiró (2010; 2014) na Abordagem Emancipatória da Educação Sexual.

#### 5.4 AVALIAÇÃO DAS OFICINAS

Com o intuito de avaliar a eficiência das oficinas sobre a concepção de conhecimentos científicos a respeito da temática da ES e sexualidade, criamos o “Correio Vai e Vem”. O “Correio Vai e Vem” consistiu em uma ferramenta de análise para ponderar a respeito da eficiência das oficinas. Consistia em uma avaliação em que ao final de cada encontro, cada aluno ou aluna colocaria aquilo que aprendera, suas dúvidas, sentimentos, medos e anseios, a respeito dos temas que foram discutidos. Entregavam à mediadora que procedia a leitura e as explanações necessárias no encontro seguinte. Desta maneira ocorreu até o quarto e último encontro.

O intuito desta ferramenta de avaliação foi inspirado em Luckesi (2002), sobre o modelo de avaliação formativa, em que se avalia se o sujeito está permanentemente descobrindo em que nível de aprendizagem ele se encontra, e sobre as necessidades de avanço, além de proporcionar ao mediador a reflexão e análise sobre o quanto seu trabalho está sendo ou não eficiente.

Portanto, buscamos avaliar, por meio deste material, a trajetória da construção da aprendizagem e os conhecimentos dos participantes das oficinas, além de analisar se a forma com que a pesquisadora

mediadora caminhava com as oficinas estava em consonância com as necessidades dos educandos.

Diante da análise das respostas dos alunos, foi possível categorizarmos os resultados em uma categoria denominada “*Eficiência das oficinas quanto à concepção dos conhecimentos científicos ofertados*”. Nela podemos encontrar 2 unidades de análises, sendo elas: I) eficiente e II) parcialmente eficiente. Segue o Quadro 08 para análise dos excertos.

**Quadro 09** – “Correio Vai e Vem” para avaliação da eficiência das oficinas.

<b>Categoria: Eficiência das oficinas quanto à concepção dos conhecimentos científicos veiculados</b>	
<b>UNIDADES DE ANÁLISE</b>	<p><b>Eficiente</b></p> <p><b>E1:</b> [...] aprendi como cuidar das nossas partes para não produzir doença e o jeito certo de cuidar.</p> <p><b>E2:</b> [...] adorei conhecer como acontece a menstruação, modo de higienização correta.</p> <p><b>E3:</b> Eu entendi as diferenças de sexo, gênero, identidade e orientação sexual, também ouvi opiniões e questões diferentes da minha, mas que me ajudaram a entender melhor.</p> <p><b>E4:</b> Gostei muito da brincadeira. Aprendi que tem que usa camisinha pra não pega doença. Aprendi que como usa camisinha feminina, eu não sabia.</p> <p><b>E5:</b> [...] achei interessante pelo fato de poder se expressar e conhecer mais sobre mim e sobre o corpo humano.</p> <p><b>E8:</b> [...] a oficina além de ensinar o que é sexualidade tenta combater o preconceito contra orientações sexuais.</p> <p><b>E10:</b> [...] aprendi na oficina hoje que é bem importante saber sobre seu próprio corpo e saber fazer a higiene certa e relembramos sobre todas as partes da vagina e do pênis.</p>
	<p><b>Parcialmente eficiente</b></p> <p><b>E7:</b> [...] gostaria de saber mais sobre nossos gêneros.</p> <p><b>E8:</b> Fiquei meio envergonhado com o tema de hoje (oficina 2 – órgãos reprodutores) [...] não estou acostumado a me abrir com alguém independente do assunto.</p>

Fonte: as autoras.

Após análises dos excertos dos alunos, extraídos do “Correio Vai e Vem”, incluímos na unidade de análise, *eficiente*, aqueles que fizeram

referências às oficinas e aos conhecimentos científicos trabalhados e discutidos de forma positiva e esclarecedora, como a seguir: o estudante 8 (E8): “[...] a oficina além de ensinar o que é sexualidade tenta combater o preconceito contra orientações sexuais”. O estudante 4 (E4): “Gostei muito da brincadeira. Aprendi que tem que usa camisinha pra não pega doença. Aprendi que como usa camisinha feminina, eu não sabia”, e demais trechos analisados no quadro acima.

Por meio dos trechos em destaque, podemos compreender o quanto foram importantes e enriquecedores os momentos oportunizados pelas Oficinas de Sexualidade para os alunos participantes, uma vez que, além de tirarem suas dúvidas, aprenderam de forma consciente sobre diversos assuntos que a temática abrange, puderam compartilhar seus medos, suas curiosidades, experiências, ouvir as dúvidas e experiências dos colegas e, então, refletir. Momentos como esses são de extrema importância, pois segundo Figueiró (2018, p. 223), é fundamental que a mediadora saiba ouvir, além de dar chance para que os participantes falem e se expressem, deem sua opinião, a fim de aprender a respeitar visões e ensinamentos divergentes dos seus. Além do mais, esses momentos de troca de ideias, exposição de seus sentimentos e dúvidas fazem parte do processo de formação de opinião.

Em contrapartida, na unidade, “*parcialmente eficiente*”, foram alocados excertos dos participantes da pesquisa que demonstraram a manutenção da curiosidade ou a inabilidade diante da temática, como podemos verificar nos trechos do estudante 7 (E7): “[...] gostaria de saber mais sobre nossos gêneros” e estudante 8 (E8): “Fiquei meio envergonhado com o tema de hoje (oficina 2 – órgãos reprodutores) [...] não estou acostumado a me abrir com alguém independente do assunto”.

As oficinas, segundo Fagundes e Barbosa (2007), são momentos que irão demonstrar o que as pessoas pensam, sentem, vivem e desejam. Desta forma, como discutido pelas autoras em seu livro “*Oficinas sobre Sexualidade e Gênero*”, é necessário que haja condições para a realização de oficinas eficientes, por exemplo, “o ambiente físico, o acolhimento afetivo, a postura física receptiva, o senso de observação, a escuta sensível e a observância de normas de convivência” (FAGUNDES; BARBOSA, 2007, p.18).

Em nossos encontros, preocupamo-nos em oportunizar um ambiente acolhedor, receptivo e amigável, e em estar atentas às falas e expressões corporais de todos os envolvidos, a fim de darmos a eles um acolhimento e oportunizar que se sentissem bem para o desenvolvimento de todas as atividades propostas, favorecendo emocionalmente um ambiente em que se sentissem seguros e confiantes para doarem-se às oficinas.

Após a fala do estudante 8 (E8), percebemos que para ele o ambiente ainda não estava totalmente acolhedor, sentindo-se um pouco envergonhado por não estar acostumado a falar e ser ouvido. Em contraponto, nas falas de outros participantes, ocorreu o oposto. Como podemos analisar no estudante 2 (E2): *“Gostei da explicação, do modo em que fui tratada, aprendi muita coisa que sempre quis, e tirei minhas dúvidas. Gostei muito”*. O estudante 4 (E4): *“Eu tinha medo de ficar com vergonha mais não fiquei, não muito né. Quero continuar fazendo (participando das oficinas) porque achei interessante”* e o estudante 5 (E5): *“Gostei muito da oficina, achei interessante pelo fato de poder se expressar e conhecer mais sobre mim e sobre o corpo humano. Eu achei interessante o diálogo e o fato de poder se expressar e tirar dúvidas sobre o assunto”*. Desta forma, entendemos que o objetivo proposto com as oficinas foi alcançado e, portanto, a “Sequência de Oficinas” foi eficiente, de modo a oportunizar aprendizagem dos conhecimentos científicos sobre a ES e Sexualidade.

## 5.5 SUGESTÕES E LIMITAÇÕES

Após análises do acervo de dados coletados durante nossa pesquisa, nós tomamos consciência de que algumas falhas aconteceram e esclarecemos, aqui, algumas das limitações e possíveis sugestões para uma futura réplica do material por parte de outros profissionais.

A nossa primeira reflexão a respeito da coleta de dados foi que poderia ter havido maior investimento em avaliações das oficinas sob o olhar dos alunos, uma vez que utilizamos apenas o “Correio Vai e Vem” como avaliação formativa, sob o prisma de Luckesi (2002).

Outra reflexão foi a respeito da quantidade de encontros realizados nas Oficinas. Nós realizamos apenas 4 encontros (com duração de

2 horas cada, ocorrendo uma vez por semana) e conseguimos desenvolver todas as atividades propostas. Contudo, oportunizar mais momentos de discussão e atividades para serem realizadas com os alunos são de extrema importância para uma Educação Sexual mais abrangente. A escolha pela quantidade de encontros foi uma tarefa árdua, pois os alunos já apresentam muitas atividades no período extraclasse (que foi o momento dos encontros das nossas oficinas). Desta maneira, prolongar por mais semanas poderia ser motivo de evasão.

Neste sentido, a realização das Oficinas no período regular, e não no contraturno, pode ser mais vantajoso para a garantia da adesão, frequência espontânea e amplitude de alcance de variados temas em ES.

Nós ainda sugerimos aos profissionais que queiram replicar nosso roteiro de Oficinas que estejam atentos à realidade social e cultural de seus alunos, afim de fazer as adaptações necessárias aos participantes, evitando constrangimentos e informações negativas sobre a Sexualidade, de modo a auxiliar e promover uma ES saudável, livre de tabus e preconceitos para seus alunos.

Finalizamos as discussões deste trabalho citando uma passagem muito esclarecedora sobre um tema bastante polêmico, o sexo. Este ainda é tabu em muitas famílias e foi um grande obstáculo para a adesão dos participantes a esta pesquisa. Alguns pais, mães e responsáveis não deixaram que seus filhos participassem das Oficinas de Sexualidade por acreditarem que falar sobre Sexualidade é “ensinar seus filhos a praticar sexo”. Tal afirmação é equivocada porque, em primeiro, oportunizar a aprendizagem sobre ES e Sexualidade, de modo a aprender sobre mudanças nos corpos masculinos e femininos, é conhecer as transformações que acontecem conosco, por que elas acontecem, é conhecer as diferenças, aceitá-las, estar informados e engajados nas transformações sociais, e porque, em segundo, diferente do que muitos pensam, aprender sobre sexo de maneira positiva “não incentiva as crianças a querer praticá-lo; pelo contrário, elas passam a entender como ele é importante na vida das pessoas e o quanto se deve ter de maturidade e responsabilidade para vivê-lo de forma saudável e feliz” (FIGUEIRÓ, 2018, p. 225).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa foi motivado por nossa preocupação em relação ao Ensino da Educação Sexual e Sexualidade no ambiente escolar, a qual resultou no desenvolvimento do seguinte problema de pesquisa: Quais possíveis contribuições a elaboração de uma Sequência de Oficinas sobre assuntos relacionados à temática poderia promover no processo de aprendizagem de conhecimentos científicos ofertados a alunos de nono ano do Ensino Fundamental?

Em vista disso, o objetivo geral da pesquisa consistiu em realizar uma Sequência de Oficinas, abordando conhecimentos científicos relacionados à ES e Sexualidade para estudantes de nono ano de uma escola estadual de Cornélio Procópio-PR. Em outras palavras, a sequência de Oficinas objetivou promover discussões e reflexões a respeito dos conhecimentos científicos abordados, de forma a contribuir para uma ES livre de tabus e preconceitos, onde os adolescentes pudessem conhecer sobre seus corpos, as modificações que neles ocorrem, conhecer sobre as IST, além de formas de prevenção dessas infecções e conhecer um pouco mais sobre gêneros e Sexualidade, contribuindo, desta forma, para uma ES saudável, em que os adolescentes estejam engajados nas transformações sociais, como abordado na Abordagem Emancipatória da Educação Sexual.

Para desenvolvermos a Sequência de Oficinas, nos apoiamos em pesquisadores como Sayão (1997), Werebe (1998), Paiva (2000), Renna (2001), Maheire *et al.* (2005), Fagundes e Barbosa (2007), Furlani (2009), Silva (2009; 2015), Figueiró (2010; 2014; 2018), Frasson-Costa (2012; 2016; 2018), entre outros, que pesquisam a respeito da ES, Sexualidades e Oficinas. Cada uma das pesquisas citadas demonstrou a eficácia do uso das diferentes metodologias, uma vez que o uso de Oficinas permite que haja troca, discussão e reflexão sobre os assuntos abordados.

Os resultados obtidos por meio da sondagem inicial e intervenção das Oficinas, realizada com os professores (sondagem inicial) e com os alunos (sondagem inicial e desenvolvimento das oficinas), foram analisados pela ATD (MORAES, 2003; MORAES; GALIAZZI, 2014). Consideramos quatro categorias em nossos resultados, sendo elas: Categoria

I: A escola como local de disseminação de conhecimentos científicos da ES, com três unidades de análise; Categoria II: Papel do professor como Educador Sexual, com três unidades de análise; Categoria III: Conhecimentos sobre ES e Sexualidade, com três unidades de análise; e Categoria IV: Eficiência das Oficinas quanto a concepção dos conhecimentos científicos veiculados, com duas unidades de análise.

De modo geral, a presente pesquisa revelou a carência da abordagem da ES e Sexualidade no ambiente escolar, além do recorrente despreparo dos professores e da equipe pedagógica em lidar com situações em que a ES se faz presente. Com o desenvolvimento de nossas pesquisas, foi possível oportunizar uma abordagem da temática de maneira simples e acessível aos alunos.

O estudo proporcionou enriquecimento profissional e pessoal, e trouxe contribuições para a prática profissional, em que avançamos na sensibilidade de voltar o olhar às dúvidas e curiosidades dos alunos, de modo a dar oportunidade de fala, de escuta e em possibilitar conhecimentos científicos a respeito da ES. Foi possível ainda exercitar momentos de discussão e reflexão, os quais permitiram a construção de pontos de vista e reflexões sobre si e sobre o outro, para que se formem cidadãos conscientes e engajados nas transformações sociais.

Pudemos ver e sentir a alegria e a felicidade dos alunos em poderem conversar sobre os assuntos que a temática aborda, o carinho e o agradecimento por ouvi-los e deixá-los falarem sobre suas experiências, sobre seus medos, dúvidas e angústias. Percebemos que as Oficinas fizeram a diferença, de alguma forma, na vida daqueles adolescentes!

Apesar das limitações de tempo, currículo, espaço e adesão dos alunos, esperamos incentivar, com este estudo, outros profissionais a proporem discussões a respeito da ES e Sexualidade no ambiente escolar, a fim de que possa haver reflexões tão saudáveis quanto nossas experiências, para que os adolescentes e jovens vivam sua sexualidade de forma livre de tabus e preconceitos.

Sobre o Produto Educacional, a Sequência de Oficinas serve de inspiração para que outros profissionais a utilizem, caso haja interesse. Há liberdade para alterações e modificações de tempo e quantidade de encontros,

conforme a sua realidade e realidade de seus alunos. Uma dica é que o professor fique atento às discussões e reflexões, observando para que elas aconteçam de maneira saudável e sem nenhum constrangimento para os participantes!

## REFERÊNCIAS

ACTA SCIENTIAE. [Canoas, RS], 2002-2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/acta/about/editorialPolicies#focusAndScope>. Acesso em: 02 ago. 2019.

AFONSO, L. **Oficinas em dinâmica de grupo**: um método de intervenção psicossocial. Belo Horizonte: Campo Social, 2002.

AFONSO, M. L. M. **Oficinas em dinâmicas de grupo**: na área da saúde. Belo Horizonte: Campo Social, 2003.

ALENCAR, R. A., *et al.* Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 14, n. 1, p. 159-168, 2008..

ALTMANN, H. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista de Estudos Feministas**. v. 9, n. 2. 2001.

ALTMANN, H. Orientação Sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos Pagu**, v. 21, p. 281-315, 2003.

ARRUDA, M.; MONNERAT, A.; SARTORI, C. Entenda o que propõe o programa escola sem partido. **Estadão**, [São Paulo], 13 nov. 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/entenda-o-que-propoe-o-programa-escola-sem-partido/>. Acesso em: 18 jul. 2019.

BIANCON, M. L. **A Educação Sexual na escola e as tendências da prática pedagógica dos professores**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.

BONFIM, C. R. S. **Educação sexual e formação de professores de ciências biológicas**: contribuições, limites e possibilidades. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2009.

BRASIL. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 29 jul. 2019.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266). Acesso em: 29 jul. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. –

Brasília: MEC/SEF, 1998a. Disponível em:  
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em 29 jul. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>. Acesso em 30 jul. 2019.

BRASIL. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**: Ciências. Curitiba, 2008. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce\\_cien.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_cien.pdf). Acesso em: 10 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, jul. 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>. Acesso em: 11 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC\\_19dez2018\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf). Acesso em: 26 jul. 2019.

**CADERNOS DE EDUCAÇÃO**. [Pelotas, RS], 2002-2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/issue/archive>. Acesso em: 02 ago. 2019.

CAMARGO, E. A. I; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 937-946, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232009000300030&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232009000300030&script=sci_abstract&lng=pt). Acesso em: 24 mar. 2019.

**CIÊNCIA E EDUCAÇÃO**. Bauru, 2002-2019. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issues&pid=1516-7313&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issues&pid=1516-7313&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 02 ago. 2019.

CONGRESSO NACIONAL EM ENSINO. **Anais eletrônicos** [...]. Disponível em: <http://eventos.uenp.edu.br/conien/index.php/anais/>. Acesso em: 02 ago. 2018.

COSTA, M. **Sexualidade na adolescência**: dilemas e crescimento. 8. ed. São Paulo: L & PM Editores, 1986.

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS. **Anais eletrônicos** [...]. Disponível em: <http://abrapecnet.org.br/wordpress/pt/enpecs-anteriores/>. Acesso em: ago. 2019.

**ENSAIO PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS.** Belo Horizonte, 2002-2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/ensaio/issue/archive>. Acesso em: 02 ago. 2019.

FAGUNDES, T. C. P. C. Educação Sexual – Prós e Contras. **Revista brasileira de sexualidade humana.** São Paulo, v. 3, n. 2, p. 154-158, 1992.

FAGUNDES, T. C. P. C.; BARBOSA, M. P. M. **Oficinas sobre sexualidade e gênero.** Salvador: Helvécia, 2007.

FIGUEIRÊDO, M. A. C.; *et al.* Metodologia de oficina pedagógica: uma experiência de extensão com crianças e adolescentes. **Revista Eletrônica Extensão Cidadã**, v.2, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/extensaocidada/article/view/1349/1022>. Acesso em: 16 maio 2019.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual no Brasil: Estado da Arte de 1980 a 1993.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Revendo a História da Educação Sexual no Brasil: ponto de partida para construção de um novo rumo. **Nuances**, v. 4, n. 4, set 1998.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual:** retomando uma proposta, um desafio. Londrina: Eduel, 3. ed., 2010.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais:** adiar não é mais possível. Londrina: Eduel, 2. ed., 2014.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Gênero e Ideologia de Gênero: espinhosa relação. **Folha de Londrina.** 24 jul. 2016, p. 2. Espaço Aberto.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Fundamentos básicos da Educação sexual. Direção: Mary Neide Dâmico Figueiró. Gravação de Soraia Barros. [S. l.: s. n.], [2017]. 1 vídeo (13 min 09 s). Publicado pelo canal **Educação Sexual Para Ser Feliz.** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=l\\_YzXUrL6Ls](https://www.youtube.com/watch?v=l_YzXUrL6Ls). Acesso em: 30 jul. 2019.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual na escola: desafios e conquistas dos educadores. *In:* FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual:** saberes essenciais para quem educa. Curitiba: CRV, p. 223-241, 2018.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: professores não podem doutrinar. Pais e mães podem? *In:* FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual:** saberes essenciais para quem educa. Curitiba: CRV, p. 243-258, 2018.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual:** saberes essenciais para quem educa. Curitiba: CRV, p. 223-241, 2018.

FONSECA, R. M. G. S.; AMARAL, M. A. Reinterpretação da potencialidade das Oficinas de Trabalho Crítico-emancipatórias. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 65, n. 5, p. 780-787, 2012.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 1987. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, Vozes, 1999.

FRASSON-COSTA, P. C. **Os patamares de adesão das escolas à Educação Sexual**. 2012. 305 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade São Paulo. São Paulo, 2012.

FRASSON-COSTA, P. C. **Educação Sexual: uma metodologia inspirada nos patamares de adesão**. Curitiba: Appris, 2016.

FRASSON-COSTA, P. C.; VILLANI, A.; QUEIROZ, E. F. da C. Adesão das escolas à educação sexual: uma metodologia de análise. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 17, n. 2, 2018.

FURLANI, J. Encarar o desafio da educação sexual na escola. *In*: **Sexualidade**. Secretaria do Estado da Educação, Superintendência de Educação, Departamento de Diversidade, Núcleo de Gênero e Diversidade, Curitiba: SEED-PR, 2009. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos\\_tematicos/sexualidade.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/sexualidade.pdf). Acesso em: 14 abr. 2019.

GADOTTI, M. **Escola sem partido: uma escola a favor da cultura da indiferença**. Carta Capital. Carta Educação, 5 set. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opinioao/escola-sem-partido-uma-escola-a-favor-da-cultura-da-indiferenca/>. Acesso em: 31 out. 2019.

GALVAO, T. F.; PEREIRA, M. G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 183-184, mar. 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 6. ed., 2008.

GUIMARÃES, I. **Educação Sexual na Escola – mito e realidade**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

**INVESTIGAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS**. [s. l.], 2002-2019. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/issue/archive>. Acesso em: 02 ago. 2019.

JARDIM, D. P.; BRETAS, J. R. da S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 59, n. 2, p. 157-162, abr. 2006 .

KITCHENHAM, B. **Procedures for Performing Systematic Reviews**. Keele UK Keele University- Publisher: Citesser, 33(TR/SE-0401), 28, 2004.

LOURO, G. L. **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 3. ed., 2016.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MAHEIRIE, K.; *et al.* E. Oficinas sobre sexualidade com adolescentes: um relato de experiência. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 537-542, set./dez. 2005.

MAIA, A. C. B. Orientação sexual na escola. *In*: RIBEIRO, P. R. M. (Org.) **Sexualidade e educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

MANO, S. M. F.; GOUVEIA, F. C.; SCHALL, V. T. “Amor e sexo: mitos, verdades e fantasias”: jovens avaliam potencial de material multimídia educativo em saúde. **Ciência & Educação**, v. 15, n. 3, p. 647-658, 2009.

MARINHO, J. B.; CRUZ, C. G.; OLIVEIRA, V. L. B. Sexualidade, verdades e mentiras: temática do PIBID Biologia. *In*: Congresso Internacional de Ensino – CONIEN, 1, 2017, Cornélio Procópio, **Anais** [...] Cornélio Procópio: UENP, 2017. p. 698-607.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 5. ed., 2003.

MASSAN, C. A.; FRASSON-COSTA, P. C. Revisão Sistemática em Anais de eventos sobre a temática Educação Sexual e Sexualidade. *In*: GUILHERME, W. D. [org.] **Contradições e desafios na educação brasileira** [recurso eletrônico]. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, v. 1, 2019.

MELLO, V. P.; *et al.* Adolescência, sexualidade e gênero: possibilidades das oficinas de trabalho crítico-emancipatórias. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 12, n. 3, p. 390-395, 2008.

MELO, M. C. P. **Sexualidade na adolescência**: entrelaçando atitudes, posturas e estratégias em sala de aula com o apoio da Estratégia Saúde da Família. 2017. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 2. ed., Ijuí: Unijuí, 2014.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. *In*: NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. 3 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997. p.13- 33.

NUNES, C. A. **História, Sexualidade e Educação**: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

NUNES, C. A. **Educar para a Emancipação**. Florianópolis, Santa Catarina: Sophos, 2003.

PAIVA, V. **Fazendo Arte com a camisinha**. São Paulo: Summus, 2000.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação do Paraná. **DELIBERAÇÃO n.º 03/18**, de 22 de novembro de 2018a. Institui o Referencial Curricular do Paraná com fundamento na Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil e do Ensino Fundamental e orientam a sua implementação no âmbito do Sistema Estadual de Ensino do Estado do Paraná. Disponível em: [http://www.cee.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Deliberacoes/2018/deliberacao\\_03\\_18.pdf](http://www.cee.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Deliberacoes/2018/deliberacao_03_18.pdf). Acesso em: 23 jul. 2019.

PARANÁ. **Referencial Curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações**. 2018b. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/bncc/2018/referencial\\_curricular\\_parana\\_cee.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/bncc/2018/referencial_curricular_parana_cee.pdf). Acesso em: 23 jul. 2019.

PATRÍCIO, Z. M. **A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo**: uma questão bioética numa abordagem holísticoecológica. 1995. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

PAVIANI, N. M. S.; FONTANA, N. M. **Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência**. *Conjectura*, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 77-88, maio 2009.

PERRENOUD, P. formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica. **Revista Brasileira de Educação**, n. 12, p. 05-19, set./dez, 1999.

PINTO, H. D. S. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. *In*: AQUINO, J. G. (Org.) **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 3. ed., p. 43-51, 1997.

PPP. **Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual “Major João Carlos de Faria” – EF**, 2017. Disponível em: [http://www.cppjoaofaria.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/8/640/71/arquivos/File/ppp\\_major\\_2017nov.pdf](http://www.cppjoaofaria.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/8/640/71/arquivos/File/ppp_major_2017nov.pdf). Acesso em: 10 ago. 2019.

REIS, V. L.; MAIA, A. C. B. Educação Sexual na Escola com a Participação da Família e o uso de Novas Tecnologias da Educação: Um Levantamento Bibliográfico. **Cadernos de Educação**. Pelotas, n. 41, 2012.

RENA, L. C. C. B. **Sexualidade e adolescência**: as oficinas como prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

**REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS**. [s. l.], 2002-2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/issue/archive>. Acesso em: 02 ago. 2019.

**REVISTA DE ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA**. [s. l.]: 2002-2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/acta/issue/archive>. Acesso em: 02 ago. 2019.

**REVISTA LUSÓFONA DE EDUCAÇÃO**. [s. l.], 2002-2019. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/about>. Acesso em: 02 ago. 2019.

RIBEIRO, P. R. M. (Org.) **Sexualidade e Educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004.

RIBEIRO, P. R. M. Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. *In*: BORTOLOZZI, A. C.; MAIA, A. F. (Org). **Sexualidade e infância**. Bauru: FC/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, 2005, p.17-32.

SANTOS, J. R. V.; DALTO, J. O. Sobre análise de conteúdo, análise textual discursiva e análise narrativa: investigando produções escritas em Matemática. **Anais [...]** Seminário Internacional de pesquisa em Educação Matemática, 5, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2012.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. *In*: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade na escola**: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, p. 107-117, 1997.

SCHIAVON, D. M. N. “**Não deficientize minha sexualidade**”: repensando a sexualidade de pessoas com deficiência intelectual por meio de oficinas pedagógicas. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letra (UNESP – Campus de Araraquara), Araraquara, 2018

SILVA, A. L. B. da; FERRAZ, B. T. Oficinas pedagógicas e práticas de formação: avaliando o papel do formador e a construção do conhecimento. **Anais [...]** Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, 6, São Cristóvão – SE/Brasil. 20 a 22 de setembro de 2012.

- SILVA, A. M.; OLIVEIRA, M. R. F. A relevância da formação continuada do (a) professor (a) de Educação Infantil para uma prática reflexiva. Londrina, PR. **Anais** [...] Jornada de Didática: Desafios para a Docência, 3, 2014, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/2014---anais-da-iii-jornada-de-didatica-desafios-para-a-docencia-e-ii-seminario-de-pesquisa-do-cemad.php>. Acesso em: 21 ago. 2019.
- SILVA, L. M. M.; SANTOS, S. P. Sexualidade e formação docente: representações de futuros professores/as de Ciências e Biologia. Campinas - SP. **Anais** [...] Encontro Nacional de pesquisa em Educação em Ciências – ENPEC, 8, 2011, Campinas: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências - Abrapec, 2011.
- SILVA, R. D. **Educação em ciência e sexualidade**: o professor como mediador das atitudes e crenças sobre sexualidade no aluno. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática) – Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Exatas, UEM, 2009.
- SILVA, R. D. **Educação Audiovisual da Sexualidade**: olhares a partir do kit anti-homofobia. 2015. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), Araraquara, 2015.
- Simpósio Nacional de Ensino de Ciências e Tecnologia. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.sinect.com.br/2018/index.php?id=260>>. Acesso em: 02 ago. 2018.
- SOARES, S. M.; *et al.* Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio. **Revista Enfermagem**, Rio de Janeiro, v.12, n. 3, p. 485-491, ago. 2008.
- SUPLICY, M.; *et al.* (GTPOS-GRUPO DE TRABALHO E PESQUISA EM ORIENTAÇÃO SEXUAL. **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Editora Olho D'Água, 1995.
- TOZETTO, S. S. Docência e Formação Continuada. Curitiba, PR. **Anais** [...] Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 13, 2017, Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, 2017. Disponível em: <https://educere.pucpr.br/p1/anais.html?tipo=&titulo=DOC%C3%8ANCIA+E+FORMA%C3%87%C3%83O+CONTINUADA&edicao=&autor=&area=>. Acesso em: 21 ago. 2019.
- VITIELLO, N. **Sexualidade - quem educa o educador**: um manual para jovens pais e educadores. São Paulo: IGLU, 1997.
- WEREBE, M. J. G. A implementação da educação sexual no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 26, p. 21-27, set. 1978.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, Política, Educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A

Carta de aceite do projeto pela escola



### UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ-UENP

Lei nº 15.300 – D.O.E. nº 7.320, de 28 de setembro de 2006. CNPJ  
08.885.100/0001-54

Programa *Stricto Sensu* de Pós-Graduação em Ensino (PPGEN)  
Mestrado Profissional Em Ensino

A Direção Pedagógica da Escola Estadual “Major João Carlos de Faria”

### CARTA DE ACEITE

Eu \_\_\_\_\_, diretor(a) da Escola Estadual “Major João Carlos de Faria”, declaro que aceito a pesquisadora Dra. Priscila Carozza Frasson Costa, vinculada à Universidade Estadual do Norte do Paraná, Campus de Cornélio Procópio, e sua orientada do Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Ensino, Caroline Alfieri Massan, a realizar pesquisa para fins científicos em nossa instituição de ensino.

As pesquisadoras desenvolverão as seguintes atividades:

- Entrevista semiestruturada, a qual será gravada em áudio, com os professores regentes (de todas as disciplinas) da turma que irá participar da intervenção;
- Entrevista semiestruturada, a qual será gravada em áudio, com todos os alunos participantes da pesquisa, ou seja, todos os alunos do nono ano que forem autorizados por seus pais e/ou responsáveis e que aceitem participar da pesquisa;
- Desenvolvimento de uma intervenção pedagógica (que terá gravação audiovisual), sequência de oficinas, envolvendo os alunos dos nonos anos; este desenvolvimento ocorrerá em 4 encontros, realizados uma vez por semana, no período vespertino (extraclasse) e terá duração de 2 horas cada.

---

Carimbo da Escola / Carimbo e assinatura da Diretor(a)

Cornélio Procópio – Paraná/2018.

## APÊNDICE B

Roteiro de Entrevista semiestruturada para professores



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ**  
***Campus de Cornélio Procópio***  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO**

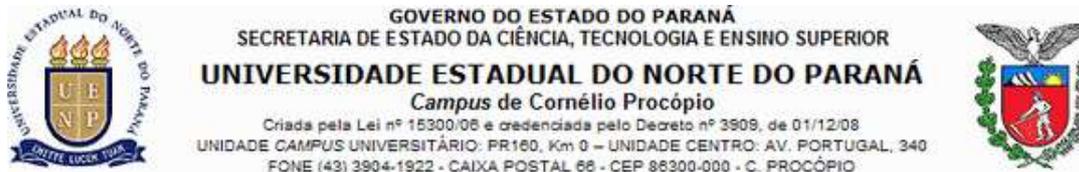
---

### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO – Professores

- 1- Disciplina que ministra, tempo de magistério.
  
- 2- Você acredita que as questões que envolvem a Educação Sexual e Sexualidade devem apenas ficar a cargo dos professores de Ciências e Biologia ou devem estar presente em todas as disciplinas? Discorra sobre os motivos.
  
- 3- Já ouviu falar ou fez parte de alguma intervenção na escola que abordasse a temática de Educação Sexual e Sexualidade? Comente.
  
- 4- E você, durante suas aulas, introduz as questões da Educação Sexual e Sexualidade? Com que frequência? Teria algum episódio para compartilhar conosco?
  
- 5- Você percebe a necessidade de abordagem do tema com os alunos da escola? Disserte.
  
- 6- Quais temas/assuntos, referentes à sexualidade, você acredita que sejam mais pertinentes para serem trabalhados com seus alunos? Explique.

## APÊNDICE C

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para professores (TCLE professores)



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidados o(a) senhor(a) a participar de um estudo denominado “Oficinas de Educação Sexual: Abordando temas de Sexualidade em uma escola estadual do norte do Paraná” a qual objetiva contribuir para a criação de momentos de reflexão e discussão sobre os temas relacionados à Educação Sexual e Sexualidade, com a finalidade de estimular a responsabilidade e a autonomia dos adolescentes, tendo como objetivos específicos: a utilização do ambiente escolar como espaço de discussões e reflexões, proporcionando um ambiente acolhedor aos estudantes de modo que expressem suas dúvidas, anseios e opiniões favorecendo o saber compartilhado. Que reflitam também sobre os gêneros, as diferenças no corpo do homem e da mulher, conhecer sobre a menstruação, aprender hábitos de higiene íntima, estudar e diferenciar os métodos contraceptivos, saber mais sobre as infecções sexualmente transmissíveis, discutir a respeito da gravidez precoce e suas consequências e oportunizar condições para a formação de jovens multiplicadores.

Sua participação no referido estudo será no sentido de auxiliar na sondagem inicial, no sentido de explicitar sobre o que você entende por Educação Sexual e Sexualidade, respondendo a uma entrevista semiestruturada, a qual será gravada em áudio (voz), de modo a ajudar a fundamentar e auxiliar no desenvolvimento do projeto em questão.

As oficinas ocorrerão no período vespertino (extraclasse) não havendo comprometimento de nenhuma aula, de nenhuma disciplina.

Alertamos de que, da pesquisa a se realizar, você poderá esperar alguns benefícios, visto que futuramente poderá utilizar a sequência de oficinas com a temática da Educação Sexual e Sexualidade, que será validada por meio deste projeto, dentro das suas aulas (para Ensino Fundamental II), e promover a Educação Sexual Emancipatória.

Você pode não querer participar de alguma atividade relacionada às ações previstas no projeto. Também alertamos que poderá se recusar a participar do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar se justificar, e por desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo. Sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identifica-lo(a), serão mantidos em sigilo.

As pesquisadoras envolvidas com o referido projeto são: Caroline Alfieri Massan e Priscila Carozza Frasson Costa, as quais estão vinculadas no Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Norte do Paraná, campus Cornélio Procópio-PR. Os contatos de e-mail das

pesquisadoras são: caamassan@gmail.com e priscila@uenp.edu.br. A Universidade Estadual do Norte do Paraná - campus Cornélio Procópio, Unidade Centro, fica localizada na Rua Portugal, 340 - CEP 86300-000. Cornélio Procópio - Paraná – Brasil. O telefone é: (43) 3906-1921.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da sua participação. Enfim, após as orientações quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, você estará consentindo em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por sua participação.

Sendo assim, eu \_\_\_\_\_,  
 \_\_\_\_\_(nacionalidade), \_\_\_\_\_(idade),  
 \_\_\_\_\_(estado civil), \_\_\_\_\_  
 (profissão) \_\_\_\_\_,  
 (endereço), portador(a) do RG \_\_\_\_\_, aceito  
 participar da pesquisa.

As pesquisadoras tiraram minhas dúvidas e me deram uma copia assinada deste termo de consentimento, a qual li e concordo em participar da pesquisa.

Cornélio Procópio, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, 2019.

---

Assinatura do Professor (a)

---

Prof. Dra. Priscila Carozza Frasson Costa Professora Orientadora da  
 Pesquisa – UENP – Cornélio Procópio

---

Caroline Alfieri Massan Mestranda do Programa de Pós-Graduação em  
 Ensino - UENP - Cornélio Procópio

## APÊNDICE D

Roteiro de Entrevista semiestruturada para alunos



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ**  
***Campus de Cornélio Procópio***  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO

---

### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO – Alunos

- 1- Idade, ano escolar.
- 2- O que é a sexualidade para você?
- 3- Já presenciou ou participou de alguma atividade que envolvesse a Educação Sexual e Sexualidade na escola? Comente.
- 4- Se houvessem oficinas (momentos de conversa, debates) que envolvessem a Educação Sexual e Sexualidade, quais os temas que você gostaria de estudar? Por quê?

## APÊNDICE E

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais/responsáveis (TCLE pais/responsáveis)



GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ  
SECRETARIA DE ESTADO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ**  
Campus de Cornélio Procópio  
Criada pela Lei nº 15300/08 e credenciada pelo Decreto nº 3908, de 01/12/08  
UNIDADE CAMPUS UNIVERSITÁRIO: PR-160, Km 0 – UNIDADE CENTRO: AV. PORTUGAL, 340  
FONE (43) 3904-1922 - CAIXA POSTAL 66 - CEP 86300-000 - C. PROCÓPIO



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Oficinas de Educação Sexual: Abordando temas de Sexualidade em uma escola estadual do norte do Paraná”, um projeto de dissertação do Programa de Pós-graduação em Ensino – Mestrado Profissional da Universidade do Norte do Paraná – UENP, campus de Cornélio Procópio. Os adolescentes que irão participar dessa pesquisa estão matriculadas no 9º ano do Ensino Fundamental II, do período matutino, da Escola Estadual “Major João Carlos de Faria” e as oficinas ocorrerão no período vespertino (extraclasse) não havendo comprometimento dos conteúdos trabalhados nas aulas.

A pesquisa objetiva contribuir para a criação de momentos de reflexão e discussão sobre os temas relacionados à Educação Sexual e Sexualidade, com a finalidade de estimular a responsabilidade e a autonomia dos adolescentes, tendo como objetivos específicos: a utilização do ambiente escolar como espaço de discussões e reflexões, proporcionando um ambiente acolhedor aos estudantes de modo que expressem suas dúvidas, anseios e opiniões favorecendo o saber compartilhado. Que reflitam também sobre os gêneros, as diferenças no corpo do homem e da mulher, conhecer sobre a menstruação, aprender hábitos de higiene íntima, estudar e diferenciar os métodos contraceptivos, saber mais sobre as infecções sexualmente transmissíveis, discutir a respeito da gravidez precoce e suas consequências e oportunizar condições para a formação de jovens multiplicadores.

Os adolescentes poderão responder a entrevistas que serão gravadas (voz), e durante o desenvolvimento das oficinas também haverá registro por meio de foto e filmadora (imagem).

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados, mas sem identificar os adolescentes que participaram da pesquisa. Você também não irá gastar, nem receber dinheiro para participar.

Caso aconteça algo errado, você poderá nos procurar pelo telefone (43) 99922-7344 ou e-mail caamassan@gmail.com da pesquisadora. Se você tiver alguma dúvida, você pode também contatar a orientadora, Prof. Dra. Priscila Carozza Frasson Costa, no e-mail priscila@uenp.edu.br ou pelo telefone (43) 3542-8042.

Sendo assim, eu \_\_\_\_\_,  
\_\_\_\_\_ (nacionalidade), \_\_\_\_\_ anos,  
\_\_\_\_\_ (estado civil), \_\_\_\_\_ (profissão),

portador do RG: \_\_\_\_\_, responsável pelo aluno menor de idade, \_\_\_\_\_, residente à Av/Rua \_\_\_\_\_, nº. \_\_\_\_\_, permito meu representado a participar da pesquisa aqui mencionada.

Entendi que coisas ruins e as boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e permitir que ele(a), o menor de idade citado acima, participe, mas que, a qualquer momento, podemos dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar bravo. Recebi uma cópia assinada deste termo de consentimento e li, autorizando meu representado a participar da pesquisa.

Cornélio Procópio, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, 2019.

---

Assinatura do Pai ou Responsável

---

Prof. Dra. Priscila Carozza Frasson Costa Professora Orientadora da Pesquisa – UENP – Cornélio Procópio

---

Caroline Alfieri Massan Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino - UENP - Cornélio Procópio

## APÊNDICE F

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para alunos (TCLE alunos)



GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ  
SECRETARIA DE ESTADO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ**  
Campus de Cornélio Procópio  
Criada pela Lei nº 15300/06 e credenciada pelo Decreto nº 3909, de 01/12/08  
UNIDADE CAMPUS UNIVERSITÁRIO: PR-160, Km 0 – UNIDADE CENTRO: AV. PORTUGAL, 340  
FONE (43) 3904-1922 - CAIXA POSTAL 66 - CEP 86300-000 - C. PROCÓPIO



### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Oficinas de Educação Sexual: Abordando temas de Sexualidade em uma escola estadual do norte do Paraná”, um projeto de dissertação do Programa de Pós-graduação em Ensino – Mestrado Profissional da Universidade do Norte do Paraná – UENP, campus de Cornélio Procópio. Os adolescentes que irão participar dessa pesquisa estão matriculadas no 9º ano do Ensino Fundamental II, do período matutino, da Escola Estadual “Major João Carlos de Faria” e as oficinas ocorrerão no período vespertino (extraclasse) não havendo comprometimento dos conteúdos trabalhados nas aulas.

A pesquisa objetiva contribuir para a criação de momentos de reflexão e discussão sobre os temas relacionados à Educação Sexual e Sexualidade, com a finalidade de estimular a responsabilidade e a autonomia dos adolescentes, tendo como objetivos específicos: a utilização do ambiente escolar como espaço de discussões e reflexões, proporcionando um ambiente acolhedor aos estudantes de modo que expressem suas dúvidas, anseios e opiniões favorecendo o saber compartilhado. Que reflitam também sobre os gêneros, as diferenças no corpo do homem e da mulher, conhecer sobre a menstruação, aprender hábitos de higiene íntima, estudar e diferenciar os métodos contraceptivos, saber mais sobre as infecções sexualmente transmissíveis, discutir a respeito da gravidez precoce e suas consequências e oportunizar condições para a formação de jovens multiplicadores.

Os adolescentes poderão responder a entrevistas que serão gravadas (voz), e durante o desenvolvimento das oficinas também haverá registro por meio de foto e filmadora (imagem).

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os adolescentes que participaram da pesquisa. Você também não irá gastar, nem receber dinheiro para participar.

Caso aconteça algo errado, você poderá nos procurar pelo telefone (43) 99922- 7344 ou e-mail caamassa@gmail.com da pesquisadora. Se você tiver alguma dúvida, você pode também contatar a orientadora, Prof. Dra. Priscila Carozza Frasson Costa, no email priscila@uenp.edu.br ou pelo telefone (43) 3542-8042.

Eu \_\_\_\_\_,  
\_\_\_\_\_ anos, estudante do 9º ano \_\_\_\_\_, portador do RG:  
\_\_\_\_\_, residente na Rua/Av.:  
\_\_\_\_\_ n° \_\_\_\_\_,

aceito participar da pesquisa “Oficinas de Educação Sexual: Abordando temas de Sexualidade em uma escola estadual do norte do Paraná” a qual objetiva contribuir para a criação de momentos de reflexão e discussão sobre os temas relacionados à Educação Sexual e Sexualidade, com a finalidade de estimular a responsabilidade e a autonomia dos adolescentes. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar bravo. As pesquisadoras tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia assinada deste termo de assentimento e li. Concordo em participar da pesquisa.

Cornélio Procópio, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, 2019.

---

Assinatura do aluno

---

Prof. Dra. Priscila Carozza Frasson Costa Professora Orientadora da  
Pesquisa – UENP – Cornélio Procópio

---

Caroline Alfieri Massan Mestranda do Programa de Pós-Graduação em  
Ensino - UENP - Cornélio Procópio

## APÊNDICE G

### Roteiro das Oficinas

#### *Oficina 1 - Sexualidade e Gênero*

Tema: Sexualidade e gêneros.

Objetivos: Os objetivos elencados nessa primeira oficina foram: detectar nos adolescentes suas dúvidas, quais os assuntos que mais chamam a atenção a respeito da temática da sexualidade, e que mais merecem destaque segundo eles; proporcionar um ambiente descontraído e acolhedor, deixando os adolescentes a vontade para falarem sobre suas dúvidas; e discutir a respeito dos gêneros.

Atividades propostas: Para esse primeiro encontro com os estudantes preparamos atividades em que fossem contemplados momentos de descontração e conhecimentos deles próprios. Para isso iniciamos com a atividade “Como eu me vejo”, que consistia em cada estudante dissertar um pouco mais sobre o que gostava, o que não gostava e o que espera com as oficinas. Seguimos com a visualização de um pequeno vídeo sobre sexualidade, para podermos dar início as discussões sobre sexualidade e gênero. Além dessas atividades, realizamos algumas atividades de dinâmica com os alunos, de modo a fortalecer e reforçar todas as nossas discussões a respeito dos gêneros.

Duração: 2 horas.

O que se espera do aluno: Pretendemos que o aluno se sinta a vontade para as próximas oficinas, bem como perceba a importância de conhecer sobre sua sexualidade, entenda diferenças de terminologias relacionadas aos gêneros, o que cada uma representa e como essa questões estão ligadas as questões sociais. Que o aluno entenda as diferenças, respeite-as e viva sua sexualidade livre de tabus e preconceitos.

#### *Oficina 2 – Corpo Reprodutivo Masculino e Feminino, Menstruação e Higiene Íntima*

Tema: Órgãos sexuais, menstruação e higiene íntima.

Objetivos: Os objetivos elencados na nossa segunda oficina foram: diferenciar os corpos feminino e masculino, bem como conhecer as alterações que ocorrem em cada um deles; entender a menstruação e o uso do absorvente; e conhecer e aprender sobre higiene íntima, masculina e feminina.

Atividades propostas: Nessa segunda oficina priorizamos o aprendizado a respeito das diferenças dos corpos masculino e feminino. Buscamos mostrar as diferenças internas e externas, e explicarmos a respeito de cada estrutura e sua função no organismo. Para completar as explicações conversamos a respeito dos hormônios. Introduzindo os hormônios, falamos das questões hormonais que envolvem o corpo feminino e explicamos todo o processo de menstruação, tirando todas as dúvidas que surgiam e visualizando os diferentes tipos de absorventes que existem e para que serve cada um deles. E por fim, finalizamos sobre a importância da higiene íntima, explicando como deve ser realizada tanto a higiene masculina como feminina.

Duração: 2 horas.

O que se espera do aluno: É pretendido que o aluno relembre sobre os órgãos sexuais e reprodutivos, qual a sua importância e funções, relações com as questões hormonais

(hormônios principais envolvidos na diferenciação dos corpos masculino e feminino). Que aprenda o que é o ciclo menstrual e a menstruação, sua importância, como usar o absorvente. Além dessas questões que eles saibam a importância e como se deve realizar a higiene íntima corretamente.

### *Oficina 3 – Infecções Sexualmente Transmissíveis*

Tema: Infecções Sexualmente Transmissíveis e cadeia de transmissão.

Objetivos: Os objetivos elencados na terceira oficina foram: oportunizar aprendizagem de conhecimentos científicos aos adolescentes a respeito das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), como elas são passadas de um indivíduo para outro e como podemos nos prevenir; e falar sobre a importância do uso do preservativo.

Atividades propostas: Realizamos dinâmicas que explicavam a cadeia de transmissão das infecções. Optamos por utilizar dinâmicas para que os alunos “vivessem” na pele como acontece a cadeia de transmissão e como o preservativo evita que as infecções sejam passadas de uma pessoa para a outra. Também conhecemos e conversamos sobre os preservativos e como é o seu uso correto.

Duração: 2 horas.

O que se espera do aluno: É pretendido que o aluno seja capaz de entender como ocorre a transmissão das IST, quando este não fizer uso do preservativo, bem como estar atento ao uso correto do preservativo.

### *Oficina 4 – Métodos Contraceptivos*

Tema: Métodos Contraceptivos.

Objetivos: Os objetivos elencados da nossa última oficina foram: oportunizar a aprendizagem de conhecimentos científicos para os adolescentes sobre os diferentes métodos contraceptivos e sua importância; Discutir sobre o sexo seguro e seus benefícios; e explicar os prejuízos de uma gravidez indesejada.

Atividades propostas: Para esta atividade, utilizamos kit contraceptivo que foram entregues aos alunos e eles deveriam identificar e explicar cada um dos contraceptivos aos demais colegas, fazíamos a intervenção quando necessária. Após as atividades de descoberta dos métodos contraceptivos, os alunos foram desafiados a criarem uma paródia sobre os métodos que preferissem e apresentá-los a turma.

Duração: 2 horas.

O que se espera do aluno: Pretendemos que os alunos conheçam os diversos tipos de métodos contraceptivos e qual a função de cada um deles.